BILLY GRAHAM

A MORTE E A VIDA ALÉM

o seu fim poderá ser apenas o começo

MC
MUNDO CRISTÃO

BILLY GRAHAM

A Morte e a Vida Além



EDITORA MUNDO CRISTÃO
SÃO PAULO

Título do original em inglês
FACING DEATH AND THE LIFE AFTER
Copyright © 1987 por
Word, Incorporated

Tradução de Wanda de Assumpção
Capa de Bruce Peterson
1ª edição brasileira em outubro de 1989
Impresso na Imprensa da Fé, São Paulo, SP

Publicado no Brasil com a devida autorização
e com todos os direitos reservados pela
ASSOCIAÇÃO RELIGIOSA EDITORA MUNDO CRISTÃO
Caixa Postal 21.257, 04698 — São Paulo, SP

Sumário

INTRODUÇÃO 1

1. O ÚLTIMO INIMIGO 5
• A Morte: A Certeza Final • Enfrentando a Realidade • A Morte: Nosso Inimigo Mortal • A Morte: Inimiga do Plano de Deus • Algumas Reações à Morte

2. A MORTE: FIM DOS TABUS 16
• Aonde Foi Parar o Inferno? • Em Nossos Dias • O Que É a Morte, Afinal?

3. O REI DOS TERRORES 31
• A Conspiração do Silêncio • Atitudes em Relação à Morte: O Mundo e as Seitas • O Medo É Irracional? • Jesus Teve Medo? • A Escolha de Jesus: A Nossa Escolha

4. POR QUE ALGUNS MORREM TÃO CEDO? 46
• O Irmãozinho de Ruth • Como Uma Neblina • A História de Erika • A História de Robin • Síndrome da Culpa • Por Que Criancinhas Sofrem? • "Se Eu Morrer, sem Acordar" • Os Fatos da Morte • Quando Se Perde um Ente Querido • O Que Acontece à Família?

5. ANDANDO PELO VALE 64
• Os Perigos de Negar • Quando a Verdade Machuca — ou Cura • Ninguém Sai Ganhando • Os Amigos de Jó: Quem Precisa de Inimigos? • Passamos por Fases? • Negando através da Raiva e da Indiferença • Negando através da Negociação • A Cura Divina: A Verdade e as Conseqüências • A Admirável Amy Carmichael • Todas as Preces Atendidas • O Púlpito na Ala dos Condenados à Morte • Quem Se Importa?

6. Quanto Dura o Tempo Emprestado? 86
• Temos o Direito de Morrer • O Que É "Eutanásia Passiva"? • O Que É "Eutanásia Ativa"? • A Inevitável Vontade de Deus • É o Suicídio a Forma de Partir? • Perguntas Que Devemos Fazer

7. Escolhas de Vida e Morte 101
• As Decisões Mais Difíceis • Uma Morte Pública • Pessoas Diferentes, Escolhas Diferentes • A Sabedoria de Deus e a Nossa Responsabilidade • Por Favor, Não Me Abandone • Uma Escolha para os Doentes Terminais • Cuidados Especiais para Pessoas Especiais • Oportunidade para Demonstrar o Amor de Cristo

8. Tateando em Meio à Dor 115
• A Dor É um Fato • As Emoções Associadas à Dor • O Sol Está Brilhando... em Algum Lugar • Confortai, Confortai Meu Povo • Esperança... o Mais Importante Ingrediente • Aprendendo a Viver, e a Morrer • O Coração Terno • Um Coração Compreensivo • A Última Milha

9. Sua Casa Está em Ordem? 139
• Preparação para a Jornada • Colocando as Coisas em Ordem • Planeje Seu Funeral • Funerais São para os Vivos • Você Precisa de um Testamento?

10. Aonde Irei Quando Morrer? 153
• Que Direito Tem Você de Entrar no Céu? • É Nossa a Decisão de Ir para o Inferno? • Inferno: Um Assunto Controvertido • Pode o Céu Esperar? • Promessas acerca do Céu • Deus Fala do Céu • O Que *Não* Haverá no Céu • Saudades do Céu

11. Os Benefícios da Morte do Crente 170
• Quando Iremos para o Céu? • Nem Todos Morrerão • Vale a Pena Fazer a Viagem? • Novos Corpos em Lugar dos Antigos • Um Corpo Sobre-humano • Além do Belo Corpo

12. Antes da Minha Morte 185
• Sinalização para Uma Partida Tranqüila • Últimas Palavras de Santos • Temos de Prestar Contas • O Teste Final • Cinco Minutos após Eu Chegar ao Céu • Olhando para o Lar

Uma Palavra Final 194

Notas Bibliográficas 197

Introdução

Aos homens está ordenado morrerem uma só vez e, depois disto, o juízo.

— HEBREUS 9:27

Os 563 homens, mulheres e crianças que embarcaram na balsa *The Herald of Free Enterprise* (O Arauto da Livre Empresa) no dia 6 de março de 1987, na cidade belga de Zeebrugge, com a finalidade de atravessar o Canal da Mancha e desembarcar em Dover, na Inglaterra, não tinham a menor idéia daquilo que os aguardava pouco depois de terem deixado o porto.

Inesperadamente, aquela embarcação de quatro mil toneladas começou a adernar e, dentro de segundos, os alegres passageiros se transformaram em pessoas desesperadas, aterrorizadas, ao serem precipitadas para dentro das águas geladas e começarem a lutar por suas vidas.

Duzentos passageiros e tripulantes morreram e ficaram naquele túmulo líquido. A única razão pela qual as mortes foram limitadas a esse número foi o rápido trabalho desenvolvido pelas equipes de salvamento, que arriscaram suas vidas para salvar outras.

Mais recentemente, trinta e sete homens perderam a vida no navio USS *Stark*, no Golfo Pérsico, e cerca de vinte e nove pessoas morreram quando um furacão atingiu a cidadezinha de Saragosa, na região oeste do Texas. Já estamos acostumados a ouvir falar dessas tragédias, chegando mesmo a vê-

las nos noticiários da televisão, e temos a tendência a tratá-las como meras estatísticas, a menos que um nosso ente querido seja atingido.

Existe um axioma que diz haver apenas duas coisas inescapáveis na vida — a morte e os impostos — mas não é verdade. Usando as deduções permitidas e um bom contador, os milionários conseguem deixar de pagar qualquer imposto. Mas todos, milionários e miseráveis, enfrentarão o fato inescapável e final: a morte.

É de duvidar que algum dos passageiros a bordo da balsa naufragada tivesse pensado na possibilidade de estar morto minutos após o embarque. Isso se deve em grande parte ao fato de vivermos numa sociedade que nega a realidade da morte.

Até mesmo a linguagem e a atmosfera das agências funerárias negam a morte. Diz-se que o morto "partiu". Destitui-se a pessoa do nome e refere-se a ela como "ente querido". Há pessoas especializadas em maquiar os mortos, de forma a dar a impressão de a pessoa estar apenas adormecida.

A propaganda faz tudo o que pode a fim de nos ajudar a negar esse fato final da vida. Gastam-se milhões de dólares com uma indústria de cosméticos que promete cremes e loções que retardarão o processo de envelhecimento e farão a pessoa que os usar parecer mais jovem. Adeptos do "cooper" podem ser vistos correndo pelas ruas, geralmente antes do amanhecer, e exercícios nas academias de ginástica tornaram-se a forma popular de manter o corpo em forma para prolongar a vida. À medida que os médicos nos vão alertando sobre o fato de as fibras poderem reduzir o risco de câncer, elas passam a compor parte cada vez maior da dieta alimentar de algumas pessoas. Muita gente está deixando de fumar a fim de reduzir a possibilidade de problemas cardíacos e pulmonares.

Mas o fato irreversível é que, não importa o que coma, ou o quanto se exercite, não importa quantas vitaminas ou alimentos naturais você use, não importa quão baixo seja o seu colesterol, você morrerá — algum dia, de alguma forma. Pode acrescentar um ano, ou mesmo alguns anos, a uma vida que talvez fosse mais curta se não cuidasse da saúde, mas, no fim, a morte o vencerá da mesma forma que venceu a todas as pessoas que vieram a este mundo.

Se você soubesse com antecedência o momento e a for-

ma de sua morte, organizaria a vida de maneira diferente? Se a resposta for sim, quando faria isso... agora mesmo, ou esperaria até a véspera? E então, o que faria para corrigir os erros que cometeu durante a vida?

Infelizmente, ninguém sabe o dia ou a hora da morte, razão pela qual é melhor, como diz o lema dos escoteiros, "estar sempre alerta".

Peço a Deus que este livro seja uma fonte de apoio e bênção para cada leitor, e que cada um de nós sinta o conforto do amor de Deus à medida que enfrentamos os problemas discutidos aqui. Para aqueles que não conhecem a Cristo, oro para que o encontrem nestas páginas.

Naturalmente, não escrevi este livro sozinho. Outros houve que me prestaram imensa ajuda. Devo profunda gratidão especialmente a minha amiga de muitos anos, Carole Carlson. Foi ela quem fez extensas pesquisas para o primeiro dos muitos rascunhos do manuscrito. Sem ela, teria sido quase impossível terminar este livro a tempo. Depois, como sempre, quero agradecer a minha esposa Ruth o papel que desempenhou ao ajudar a planejar e moldar este livro, e por compartilhar diversos momentos comoventes de sua vida. Durante anos, ela manteve um arquivo de material relacionado à morte (ela faz o mesmo com diversos assuntos, a fim de me ajudar quando prego ou escrevo). Algumas das histórias e estatísticas citadas neste livro foram tiradas de seus arquivos. Desejo também agradecer ao Dr. John Akers, ao Rev. Jack Black, à Srª Millie Dienert, e ao Dr. Harold Lindsell, que leram e fizeram comentários e acréscimos úteis a algumas seções do livro.

Desejo ainda agradecer a cada um dos outros homens e mulheres que me ajudaram na pesquisa e desenvolvimento deste trabalho, e no preparo dele para publicação. Agradeço também ao meu editor, Ernie Owen, e aos meus revisores, Al Bryant e Dr. Jim Black, da Editora Word. E, em último lugar na seqüência, mas não na importância, um agradecimento especial a minha secretária, Stephanie Wills, por seu incansável esforço e constante apoio.

1
O Último Inimigo

O último inimigo a ser destruído é a morte.
— 1 CORÍNTIOS 15:26

Uma pilha de metal retorcido e vidro estilhaçado jazia como um brinquedo quebrado na pista esquerda da rodovia. As tochas, as viaturas policiais, as ambulâncias, as luzes vermelhas faiscando criavam uma cena de súbito e agourento terror. Um valioso carro esportivo, que já fora objeto de orgulho, estava agora irremediavelmente retorcido. Um corpo inerte largado no assento dianteiro, prensado sob o volante. A vítima estaria morta ou viva? Poderia aquele corpo desfigurado ser remendado pelas mãos de um cirurgião habilidoso, ou seria rapidamente coberto com um lençol e transportado sem a menor cerimônia ao necrotério municipal?

Apesar de todo o choque e angústia que sobrevêm aos queridos e às famílias afetadas por tragédias semelhantes, cenas desse tipo se repetem todos os dias em nossas rodovias. O sofrimento que nos atinge ante a morte súbita de um ente querido pode ser esmagador; no entanto, acidentes como esse ocorrem com demasiada freqüência. Somente os desastres espetaculares chegam às manchetes hoje em dia, e as famílias, cujas vidas foram subitamente destroçadas e cujo futuro mudou de maneira dramática, descobrem tarde demais que estavam despreparadas.

E que dizer daquele motorista anônimo? Estaria preparado para a mudança repentina em seus planos referentes ao futuro? Teria organizado seus negócios contando com essa possibilidade, e teria considerado suas opções quanto à eternidade?

A maneira como tratamos a morte e a tragédia fala muito a respeito do tipo de pessoa que somos. É com demasiada freqüência que, ao correr os olhos pelo jornal, notamos a morte de uma celebridade; um telefonema ou uma carta são portadores da triste notícia da morte de um amigo. Sofremos por nossos queridos, e lamentamos as nossas perdas, mas quão preparados estamos para enfrentar a morte como uma realidade e tratar os difíceis desafios que ela cria?

Lembro-me de um incidente ocorrido em Paris, em setembro de 1986, logo antes do início de nossa cruzada. Estávamos vivendo um dia razoavelmente normal de atividades quando, de repente, pareceu que aquela bela cidade estava sendo vítima de um ataque. Uma bomba explodiu em apinhada loja de departamentos durante o horário do almoço, matando e ferindo mulheres e crianças. Descobrimos que havíamos chegado durante uma série de ataques terroristas, uma carnificina que a revista *Time* denunciou, chamando a nova onda de terrorismo de "essa lepra dos tempos modernos".[1]

A realidade foi que nunca estivemos seriamente ameaçados por aquela súbita onda de violência, e tenho minhas próprias idéias quanto à razão para isso, mas, não obstante, precisávamos considerar as sombrias possibilidades e as conseqüências que a equipe da nossa cruzada teria de prever. Por sua própria natureza, a mente humana não gosta de se ocupar com dissabores. Queremos esquecer o desagradável ou doloroso, e concentrar-nos no "positivo". Persuadimo-nos de que a morte súbita só acontece às outras pessoas, não a nós. Mas nem sempre é assim.

A Morte: A Certeza Final

O número de mortes causadas por guerras e epidemias, e as notícias que lemos de fome em países estrangeiros, chamam-nos a atenção para os aspectos fatais do mundo que nos cerca. Relatos da África e da América do Sul falam de milhões de pessoas afetadas, milhares de mortes, quilômetros de territó-

rios atingidos, meses e anos de sofrimento, e toda a tragédia que pode ser resumida de modo estatístico. Mas a estatística, e as formas pelas quais ela nos é trazida pelos noticiários, pode ser enganadora. A morte é perene. Durante a Segunda Guerra Mundial, C. S. Lewis fez-nos ver que a guerra não aumenta o número de mortes; a morte é total em cada geração. Ela leva cada um de nós. George Bernard Shaw escreveu ironicamente: "As estatísticas sobre a morte são muito impressionantes. A cada pessoa, uma morre."

Durante a semana dedicada à família em um centro cristão de conferências, chegou a mensagem de que um dos casais de professores que tinham ensinado muitas das crianças que participaram da reunião havia entrado no quarto do filhinho de quatro meses e encontrado o bebê arroxeado e sem vida — vítima da morte do berço. Uma nuvem escura caiu sobre todos os presentes quando a notícia se espalhou. Por que aconteceu uma coisa dessas a gente como Ben e Sally? Ela passara dos trinta anos e aquele bebê era o primeiro filho do casal. Ela deu aulas na sua classe de jardim da infância até pouco antes de o bebê nascer, e todos os dias seus aluninhos oravam por ele. Os alunos do casal e os membros de sua igreja ficaram tão felizes quando o pequeno Benjamim nasceu. Por que o Senhor o levou?

A morte é tantas vezes acompanhada por essas dolorosas perguntas: "Por que eu? Por que agora? Por que isto aconteceu?"

Por que precisamos morrer? A Bíblia diz: "Aos homens está ordenado morrerem uma só vez" (Hebreus 9:27). É a mais democrática de todas as experiências. Há mais de 400 anos, o escritor inglês John Heywood observou: "A morte iguala o alto e o baixo." Podemos combatê-la, e a vontade de combatê-la é instintiva. Podemos até evitá-la por certo tempo, e o bom senso nos permite esse privilégio. Podemos argumentar, implorar, negociar, mas a morte é o único inimigo universal. Dizer que "não penso a respeito disso" não faz a realidade desaparecer. Chegará a hora em que a morte se intrometerá nas nossas vidas bem planejadas e mudará as coisas, de maneira absoluta.

Queremos negar a morte. Disfarçamos nosso constrangimento em tratar do assunto, falando a respeito do morto como se ele não tivesse morrido. "Deixou esta vida", dizemos.

"Foi-se desta para melhor." O fato de que o corpo está agora debaixo da terra e a alma foi-se embora é mais do que gostamos de admitir.

Ao perguntar se o pai de alguém ainda está vivo, os chineses dizem: "Seu pai ainda está situado?" A resposta seria: "Ele está situado", ou "Não está situado", conforme o caso. A palavra "morte" raramente é usada, mesmo na cultura mais antiga do mundo.

Hoje, confrontam-nos tantas vozes a nos dizer como viver! Ensinam-nos como parecer jovens, permanecer esbeltos e saudáveis, projetar uma boa imagem, pensar positivamente, ganhar mais dinheiro, ter mais amigos. Todas essas ambições são razoáveis, mas indicam que estamos tentando desesperadamente apegar-nos a este mundo presente. A verdade é que a vida é transitória. "Que é a vossa vida? Sois apenas como neblina que aparece por instante e logo se dissipa" (Tiago 4:14b). Diz o salmista: "O prazo da minha vida é nada" (Salmo 39:5b). Se quisermos aproveitar a vida ao máximo, precisamos enfrentar o fato de que ela terá fim.

Meu sogro, o Dr. L. Nelson Bell, escreveu há muitos anos: "Somente aqueles que estão preparados para morrer estão realmente preparados para viver." A incerteza não é a morte; é a preparação.

Enfrentando a Realidade

Se estamos batalhando esse inimigo chamado Morte, creio que devemos aprender a seu respeito, a fim de saber enfrentar a experiência de morrer. Precisamos, para o nosso próprio bem, saber arrostar esse inimigo e saber como nos portar diante das mortes inevitáveis de entes queridos e amigos.

Será que alguém consegue imaginar um estrategista militar dizendo: "Bem, se realmente existir um inimigo por aí, talvez eu deva descobrir alguma coisa a seu respeito... mais tarde"? Isso me faz lembrar da situação que imperava no início da segunda guerra mundial. Enquanto a história estiver sendo registrada, o ataque a Pearl Harbor, no dia 7 de dezembro de 1941, será lembrado. O alto comando japonês deu o nome em código de "Operação Z" ao ataque, e seu planejamento ocorreu mais de um ano antes de serem enviados os aviões de com-

bate que destruiriam os couraçados e porta-aviões ancorados em Pearl Harbor, o núcleo da frota americana no oceano Pacífico.

No verão de 1941, fui a Washington, no Distrito Federal, com a família de Ruth, minha esposa. O Dr. Bell foi lá com a intenção de falar aos oficiais do Departamento de Estado, a fim de alertá-los quanto a um iminente ataque japonês. Foi delicadamente ignorado. Outras advertências tinham-se feito ouvir, mas também foram ignoradas; os Estados Unidos estavam despreparados para o que aconteceu em Pearl Harbor, recusando-se cegamente a enfrentar o perigo que se avizinhava.

Podemos dar-nos ao luxo de ignorar as advertências de nosso maior inimigo? Precisamos quebrar a conspiração de silêncio que cerca o assunto com um enfoque biblicamente fundado e realista. Há alguns anos, foi encenada uma peça popular chamada "A Morte Tira Férias". Era uma idéia provocante e ofereceu bom drama através de seu tema impossível; entretanto, embora a morte não fizesse parte do plano original de Deus, não podemos escapar-lhe. A morte *jamais* tira férias (com uma possível exceção, que consideraremos mais tarde).

Os adolescentes são famosos por negar a realidade da morte: nada está mais longe do seu pensamento. No vigor da juventude, eles nem cogitam que a vida possa terminar, e, talvez, nessa idade, não devessem mesmo. Mas todos nós temos a tendência de achar que a vida nunca findará quando as coisas correm bem, quando existe abundância, quando a economia está firme, quando as coisas estão melhorando. A morte é a última coisa em que pensamos quando estamos com o estômago cheio. Mas deixe qualquer pessoa razoavelmente inteligente ponderar um pouco sobre a realidade da morte e ela estará a caminho de uma crise existencial. Começará a fazer perguntas tais como "Quem sou?" "Por que estou aqui?" "Aonde estou indo?" Às vezes, as perguntas seguem-se logo após sério contratempo ou uma perda súbita, quando os bons tempos desaparecem, quando a festa termina, e quando se tem de enfrentar a manhã seguinte. Se o indivíduo pensa e sente, não tem como negar a realidade.

Existem sinais de que algumas pessoas estão tentando focalizar o assunto de uma maneira mais bem informada. De fato, alguns educadores estão dizendo que a morte saiu do armário e foi levada à sala de aula. Disseram-me que sexo é o úni-

co assunto mais popular que a morte nas universidades hoje em dia. Estudantes estão visitando necrotérios, e até mesmo planejando os próprios sepultamentos. Qualquer que seja o motivo, a morte como tópico está na moda, mas a perspectiva cristã amadurecida não é exatamente material para manchetes.

Suspeito que a sociedade moderna, com seu potencial para a incineração nuclear, o holocausto militar, e desastres naturais, chama a atenção dos jovens para o assunto. Mas suspeito também que o constante bombardeio de violência na TV seja um dos fatores.

Uma discussão científica da morte pode nos tornar mais capazes de discutir os aspectos pessoais a ela relacionados; e enfrentar o fato de nossa própria morte nos ajudar a lidar com nossos temores neuróticos de morrer. Mas o mais importante é podermos enfrentar a necessidade de colocar em ordem as prioridades de nossa vida. Contudo, não podemos começar a compreender o enigma da morte sem o conhecimento orientador da Palavra de Deus. Fora da Bíblia, a morte permanecerá para sempre um fantasma desconhecido, à espreita de indefesas vítimas humanas.

Por todo este livro, é meu desejo abordar o fato da morte com objetividade e compaixão, conforme Deus nos revelou através das Escrituras.

Embora a morte seja, segundo asseverou o apóstolo Paulo, o último inimigo, um dos principais propósitos deste livro é o de mostrar que não precisamos temê-la.

A Morte: Nosso Inimigo Mortal

A Bíblia enfatiza que a morte é um inimigo, não uma amiga — tanto de Deus quanto nosso.

Por que a morte é nossa inimiga? Não estou pensando naquela morte que é uma libertação da dor, da moléstia debilitadora, ou da idade avançada, mas da morte como o inimigo que leva uma criança antes que esta aprenda a brincar à luz do sol. É o inimigo que leva o jovem casal antes que possa casar-se, que detém o jovem que deseja ser piloto, ou mata o jovem pai e deixa órfãos os seus filhos e sem recursos a esposa. Enquanto você lia essa sentença, uma pessoa terá morrido. A

morte, à semelhança de uma sinfonia inacabada, deixa fragmentos de muitas carreiras e vidas promissoras.

Uma senhora me escreveu contando a respeito da morte do marido, à qual chamou de "morte prematura".

"Ele havia me chamado duas vezes naquela manhã", disse ela, "após ter-se supostamente recuperado, tendo ficado uma semana em tratamento cardíaco no hospital. Disse que 'viria para a casa'. O médico havia marcado um 'moderado' teste na esteira rolante, e trinta minutos depois o hospital me ligou para dizer que ele havia morrido na esteira. O choque tem sido quase insuportável. Por favor, ore para que eu seja capaz de aceitar esta parte do plano do Senhor."

Embora pensemos na morte de um jovem, ou na de alguém na flor da idade como sendo as mais difíceis para os seus queridos, nem sempre é o que acontece. Uma senhora entrou em contato comigo, dizendo: "Por favor, ore por mim, sinto-me tão perdida sem meu marido. Ele era a minha vida. Estivemos casados sessenta e cinco anos."

Frank Coy estava na cidade de Cleveland, e fez uma ligação interurbana para conversar com a esposa que estava em casa, na cidade de Phoenix, no Estado de Arizona. Ela não tinha passado muito bem. Frank e Virginia eram extremamente unidos e estavam casados durante muitos anos. Haviam esperado com grandes expectativas a aposentadoria dele do cargo de presidente da May Company em Cleveland, e estavam viajando por todo o país, embora ele ainda fizesse parte de muitos conselhos, inclusive o nosso. Durante a conversa, ela disse que estava sentindo uma dor. Ele falou: "Bem, querida, acho que você deveria ir para o hospital." De repente, ele ouviu o telefone cair. Imediatamente, ele ligou para um hospital em Phoenix e dentro de quatro minutos os paramédicos chegaram, mas era tarde demais. Ela havia morrido enquanto conversava com o marido ao telefone. Frank ficou absolutamente aniquilado. Exceto pela companhia do Senhor, ele parece estar totalmente perdido sem Virginia. O céu lhe parece muito mais próximo agora.

A Morte: Inimiga do Plano de Deus

"Mas, Senhor, não quero morrer." E é como se o Se-

nhor respondesse: Não foi assim que planejei o mundo, mas chegará o dia em que até esse inimigo será destruído. Deus nos faz lembrar esse fato através do apóstolo Paulo: "Porque convém que ele reine até que haja posto todos os inimigos debaixo dos seus pés. O último inimigo a ser destruído é a morte" (1 Coríntios 15:25, 26).

Por que a morte é inimiga de Deus? Porque destrói a vida, em contraste com Deus, o criador e autor da vida. De fato, a Bíblia nos diz que nem pecado nem dor, nem enfermidade nem morte faziam parte do plano original de Deus para o homem. A morte foi o castigo do pecado, e Adão e Eva fizeram essa escolha de livre e espontânea vontade. Quando não obedeceram a Deus, ele disse ao primeiro casal que se comessem do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, morreriam. Mas Satanás zombou da admoestação divina e disse-lhes que certamente não morreriam. Adão e Eva preferiram ignorar a advertência de Deus e acreditar na mentira de Satanás. "Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus nosso Senhor" (Romanos 6:23).

A morte é o destino comum de todo o ser humano e de todos os outros seres viventes — tanto plantas quanto animais. O pecado e a morte, diz-nos a Bíblia, afligiram toda a criação de Deus, inclusive o mundo natural, e somente quando Cristo vier em sua glória no fim da presente era o pecado será erradicado, e a criação será restaurada ao plano original de Deus. "A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus. Pois a criação está sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus" (Romanos 8:19-21).

Você já parou para pensar o que teria acontecido ao homem se ele não tivesse pecado? É certo que não sabemos, porque as Escrituras não nos dizem. Mas talvez o homem tivesse sido trasladado ao céu sem passar pela morte, da mesma forma que Enoque e Elias foram. *Haverá*, sim, uma geração de crentes que não conhecerá a morte física. Aqueles que ainda estiverem vivos quando Jesus Cristo voltar na glória para os seus não morrerão, mas serão transforma-

dos "num momento, num abrir e fechar de olhos" (1 Coríntios 15:52).

Uma criança perguntou à mãe: — Onde eu estaria se não tivesse nascido? — Como podemos responder? É o mesmo que perguntar o que teria acontecido se Eva não tivesse dado uma mordida no fruto proibido e Adão não tivesse sucumbido ao convite dela. Simplesmente não sabemos.

Algumas Reações à Morte

As pessoas vão ao encontro da morte partindo de perspectivas diferentes. Algumas a desafiam, como fazia o meu amigo Steve McQueen, até que ela o consumiu com câncer. Outras, riem da morte, como fazia Will Rogers, até que um dia o seu avião caiu. George Burns diz: — Não acredito na morte. — Mas eles chamam a morte quando a vida se torna insuportável, como fez Marilyn Monroe. Às vezes, as pessoas se resignam à morte, como fez a desditosa Ana Bolena, a segunda rainha consorte de Henrique VIII. Foi ela quem escreveu estas comoventes últimas palavras:

> Ó morte, acalenta-me até eu dormir! Traz-me silêncio e descanso;
> Deixa esvair-se minha vida fatigante e inocente de meu seio ansioso.
> Tange os dobres fúnebres, anuncia meu triste fim;
> Que teu soar minha morte proclame; a morte me chama,
> A morte me chama; nada posso fazer.

Ainda outros têm uma atitude fatalista com relação à morte ou a rejeitam, alegando que não nos devemos preocupar com ela porque não há vida após a morte e, de qualquer forma, não há nada que possamos fazer a respeito dela.

O filósofo grego, Epicuro, viveu três séculos antes de Cristo e escreveu acerca da morte em tom tragicômico, coisa que temos a tendência de fazer quando ficamos nervosos com relação a algum assunto. Disse ele: "A morte, temida como o mais terrível dos males, na realidade, nada é. Pois enquanto existirmos, a morte ainda não chegou, e quando tiver chegado, já não existiremos."

Outros vão ao extremo oposto e vivem em constante temor da morte. Por não terem segurança e garantia do amor e

da proteção de Deus em meio à morte, suas vidas ficam repletas de medo e muitas vezes de tentativas para ganhar o favor de Deus e evitar a sua ira.

Os cristãos não estão imunes ao temor da morte. Ela nem sempre é uma "bela libertação", mas um inimigo que separa. Existe um certo mistério inerente à morte. Ela não respeita jovens ou velhos, bons ou maus, cristãos ou pagãos.

Nossas reações individuais frente à morte não podem ser classificadas em categorias ou rotuladas. Entretanto, nossas experiências com a vida e com a morte são, em geral, semelhantes às daqueles que nos cercam. A Bíblia diz: "Não vos sobreveio nenhuma tentação que não fosse humana" (1 Coríntios 10:13).

Mas não precisamos recorrer à rebeldia, ou à rejeição, ou ao medo, ou a qualquer outra atitude que as pessoas adotem ao defrontar-se com a realidade da morte. Existe outra maneira — a maneira de Cristo — mediante a qual sabemos que, embora a experiência da morte seja uma certeza, também é certeza o fato do céu. Para o cristão, a morte pode ser enfrentada realística e vitoriosamente, porque ele sabe que "nem morte, nem vida, nem anjos, nem principados, nem cousas do presente, nem do porvir, nem poderes, nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor" (Romanos 8:38-39).

Ora, não tenho pressa de morrer, nem estou escrevendo este livro baseado em qualquer conhecimento de minha iminente partida. E só porque a Bíblia nos diz que os crentes têm a bendita esperança de conquistar a morte, não corremos à porta e dizemos ao inimigo: — Entre, estava esperando ansiosamente por você. — Não constitui sinal de fraqueza na fé o cristão enfrentar a morte com relutância. O apóstolo Paulo confessou-se dividido entre o desejo de morrer e estar com Cristo, e a necessidade de continuar sua obra nas igrejas. Escreveu aos cristãos de Filipos: "Ora, de um e outro lado estou constrangido, tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor. Mas, por vossa causa, é mais necessário permanecer na carne" (Filipenses 1:23, 24).

Podemos ser realistas sem ser mórbidos? Podemos encontrar paz, segurança, triunfo, e até mesmo humor, em um as-

sunto evitado por tanta gente, mas vitalmente importante e inevitável para todas as pessoas? Estou convencido de que podemos.

2
A Morte: Fim dos Tabus

Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu: Há tempo de nascer, e tempo de morrer...
— ECLESIASTES 3:1,2

Formei-me em antropologia na faculdade, o que pode não parecer uma boa base educacional para um pregador. Naquela época, contudo, achei que ela me daria maior compreensão de outras culturas e povos, sem jamais sonhar como seria útil quando meu futuro ministério atingisse o mundo inteiro.

Acho fascinante a forma pela qual os costumes e as tradições refletem o verdadeiro modo de pensar das pessoas. Se segurarmos um espelho diante da história, veremos refletidos ali a arte, a música, a literatura e o modo de ser de cada era. Às vezes, aqueles de nós que já viveram cinco ou mais décadas chegamos ao ponto em que sacudimos a cabeça e dizemos: "No meu tempo, as coisas eram diferentes." Claro que eram. E algum dia nossos filhos talvez nos imitem ao dizerem aos nossos netos: "Quando eu tinha a sua idade..."

As atitudes em relação à morte mudaram mais do que os estilos das roupas. Passamos do cerimonioso ao inexprimível e chegamos à atual "explosão de tristeza". Mais livros foram escritos a respeito da morte nos últimos dez anos do que em todo o século anterior.

Há poucos séculos, a morte era um ritual. Sabendo que seu fim se aproximava, o moribundo se preparava para mor-

rer, como fez Sir Lancelot na lenda dos Cavaleiros da Távola Redonda. Após ter sido ferido na batalha, ele achou que a morte se avizinhava. Abriu os braços de forma que seu corpo formasse uma cruz. Voltou então a cabeça para o leste, em direção a Jerusalém. Estava pronto para morrer.

A morte tinha seu próprio protocolo. Se o moribundo não conseguisse se lembrar dele, os presentes o relembrariam de qual era o costume apropriado. Um historiador que estudou cuidadosamente as atitudes relacionadas à morte na Idade Média, escreveu: "O moribundo, segundo Guillaume Durand, bispo de Mende, deve ficar deitado de costas, a fim de que seu rosto esteja sempre voltado para o céu."[1]

Hoje em dia, na televisão, nossos heróis moribundos caem com alguns "ais!", se tanto. Estrebucham, explodem ou tombam sem ter a oportunidade de deixar palavras dignas de serem citadas para a próxima geração. "Suas últimas palavras foram..." foi substituído pela reação instintiva.

Na tradição mais romântica do passado, frases como as palavras de Hamlet: "Ser ou não ser, eis a questão", mascaravam a feiúra da morte com linguagem lírica.

Cenas em torno do leito do moribundo nos séculos passados eram uma cerimônia pública, contando muitas vezes com amigos, parentes e filhos. Ilustrações em livros antigos freqüentemente mostravam uma cama de alto dossel na qual repousava o vulto definhado do ocupante, cercado por pessoas em diversos estágios de dor, preocupação ou mesmo indiferença. O quarto do moribundo se assemelhava a um terminal rodoviário. Entretanto, nos fins do século dezoito, a preocupação da medicina com os princípios básicos de higiene começou a crescer cada vez mais, o que levou os médicos a acharem inconveniente a presença de tanta gente no quarto dos moribundos.

Aqueles últimos dias para comungar com Deus e com os seus queridos eram considerados como direito do moribundo. As pessoas se preparavam para morrer. A linguagem usada nos testamentos documentava o cuidadoso plano final da pessoa, incluindo sua declaração de fé. Por exemplo, eis aqui o que Patrick Henry, um dos pais da nação americana, escreveu em seu testamento:

> Já dispus de toda a minha propriedade em favor da minha família. Existe mais uma coisa que gostaria de poder dar-lhes — fé em Jesus Cristo. Se eles tivessem isso e eu não lhes tivesse dado nem um tostão, seriam ricos; e se eu não lhes tivesse dado isso, e lhes tivesse dado o mundo inteiro, seriam, na realidade, bem pobres.

Contudo, a segunda metade do século dezoito presenciou considerável mudança nos testamentos. "As cláusulas piedosas, a escolha de um túmulo, os fundos para os serviços religiosos e a doação de esmolas, todos desapareceram; o testamento foi reduzido ao documento que temos hoje, em ato legal que distribui a propriedade, seja pequena, seja grande. Assim, o testamento foi completamente secularizado..."[2]

O historiador comentou: "Já se pensou que essa secularização seja um dos sinais do abandono do cristianismo por parte da sociedade."

O que me interessa é que o retorno ao conceito dos testamentos cristãos está aflorando em nossos dias.

No século dezenove surgiu uma nova preocupação com o cenário da morte. Havia procissões fúnebres, roupas de luto, a proliferação de cemitérios, visitas regulares e peregrinações aos túmulos. Havia elaborada e prolongada pompa ligada à partida desta vida.

Mas os costumes mudaram. Quando o século vinte, com suas mudanças rápidas em tecnologia, comunicação e estilos de vida, começou sua corrida vertiginosa rumo ao futuro, a morte tornou-se um tópico proibido (devido talvez em parte ao crescente secularismo). Durante certo tempo, chegou-se a excluir as crianças das cenas em torno do leito do moribundo, e até mesmo de ver os mortos. A morte tornou-se um ato privado, chegando ao ponto de a família ser excluída quando a hospitalização dos doentes terminais tornou-se mais difundida.

Com isso, veio a rejeição do luto durante grande parte deste século. A comunidade achou-se cada vez menos envolvida com a morte de seus membros. Geoffrey Gorer, um inglês, começou a estudar essa mudança na atitude em relação à morte e ao luto como resultado de uma série de experiências pessoais. Ele perdeu o pai no Lusitânia em 1915, de forma que nunca pôde ver-lhe o corpo. Foi somente em 1931 que viu um

morto pela primeira vez e pôde experimentar como eram observadas as convenções do luto. Contudo, nos fins da década de quarenta, ele teve a experiência da morte de dois amigos chegados, e notou a rejeição das formas tradicionais do luto. Em 1955, publicou um artigo intitulado "A Pornografia da Morte". Nesse artigo, ele mostrou como a morte se tinha tornado tão vergonhosa na era moderna quanto o sexo na era vitoriana. Um tabu havia sido substituído por outro.

As crianças foram excluídas dos serviços fúnebres, às vezes até mesmo dos de seus próprios pais. Gorer, refletindo sobre sua vida, contou a respeito da morte do irmão em 1961. Falando dos sobrinhos, ele disse: "A morte de seu pai não foi marcada para eles por nenhum tipo de ritual, chegando quase ao ponto de ser tratada como se fosse um segredo, pois muitos meses se passaram antes que Elizabeth (a esposa) pudesse suportar mencioná-lo ou vê-lo mencionado em sua presença."[3]

Em um questionário publicado pela revista *Psychology Today* (A Psicologia Hoje) em 1971, uma mulher de vinte e cinco anos de idade escreveu: "Quando eu tinha doze anos, minha mãe morreu de leucemia. Ela estava em casa quando fui dormir e quando acordei na manhã seguinte, meus pais tinham saído. Papai voltou para a casa, pôs meu irmão e eu no colo, e explodiu em soluços estridentes, dizendo: 'Jesus levou sua mãe.' Depois, jamais tocamos no assunto novamente. Era demasiado doloroso para todos nós."[4]

Como é lamentável quando Jesus é mostrado às crianças como a pessoa que "levou" mamãe ou papai, sem que a criança tenha uma compreensão prévia da esperança do céu e da vida eterna. Não admira que a jovem senhora mencionada acima tenha tido de submeter-se a aconselhamento terapêutico anos mais tarde.

Em contraste, minha esposa Ruth conta acerca da morte de Ann King Blocher, sua ex-companheira de quarto do tempo em que cursaram a faculdade Wheaton College, que morreu cercada pelo marido e todos os cinco filhos. Outra amiga, Helen Morken, estava morrendo de câncer quando disse a Ruth durante uma conversa telefônica que "As orações do povo de Deus são a extensão de seus braços amorosos". Ruth mandou-lhe uma fita cassete dos hinos e música sacra que ela havia gravado para sua própria mãe e mais tarde produzido

para ser distribuída, chamada "Looking Homeward" (Vistas Voltadas para o Lar). Helen a tocou sem parar. Quando morreu, toda a família estava em torno da cama e literalmente a conduziu ao céu nas asas do seu cântico.

Aonde Foi Parar o Inferno?

À medida que as atitudes relativas à morte e ao ato de morrer foram mudando, outra significativa transformação começou a ocorrer dentro da família humana. A realidade de Satanás foi sendo cada vez mais ignorada ou descartada como sendo mito. Até mesmo muitos que acreditavam na pessoa do diabo não tinham permissão para reconhecer seu poder neste mundo, nem tampouco acreditavam no inferno.

O inferno, no conceito dos descrentes e mesmo de alguns crentes, foi abandonado. Ou foi relegado a um vago conceito de "o mal existente no mundo". Até mesmo alguns teólogos resolveram rejeitar o claro ensino bíblico acerca do inferno.

Certamente a guerra, a fome, o terrorismo, a cobiça e o ódio são o inferno na terra, mas, exceto para os que acreditam na Bíblia, um inferno futuro tornou-se parte do monte de cinzas da história antiga. À medida que o inferno se tornava para muitos nada mais do que uma palavra usada ao praguejar, o pecado também foi sendo aceito como modo de vida. As pessoas começaram a enxergar a ciência, a educação e os programas sociais e morais como possíveis soluções para o crescente caos de um mundo enlouquecido. Se as pessoas podem ignorar o que a Bíblia chama de pecado, então podem com bastante lógica descartar o que ela diz acerca da realidade do inferno.

Todo aquele que preferir negar a existência de um inferno, deve em conseqüência defrontar-se com certas perguntas: "Aonde irei quando morrer?" "Quem irá ao céu, e quem não irá?" E "Se eu não for ao céu, qual é a alternativa?"

Na sociedade contemporânea, o inferno não é assunto popular. George Gallup conduziu sobre esse assunto uma pesquisa que apresentou resultados interessantes. Feita a nível nacional, a pesquisa revelou que 53% da população dos Estados Unidos em geral disse acreditar no inferno. A porcentagem cai de forma dramática entre as pessoas com nível superior de educação e as de alta renda. Simplificando, a pesquisa Gal-

lup demonstrou que quanto mais educação e dinheiro as pessoas tinham, menos probabilidade havia de que acreditassem no inferno.

E que dizer do céu? Na mesma pesquisa, 66% da população em geral afirmou acreditar "em um céu onde as pessoas que tiveram vidas de bem são eternamente recompensadas". É maior o número de pessoas que acreditam na existência do céu do que o das que se preocupam com o inferno. Interessou-me de modo especial o fato de àqueles que acreditavam no céu ter sido feita mais uma pergunta: "Como descreveria a probabilidade de você ir ao céu — excelente, boa, razoável ou fraca?"

Entre as denominações protestantes, apenas 26% dos batistas, 20% dos luteranos, e 16% dos metodistas acharam que suas probabilidades de chegar ao céu eram excelentes. A pesquisa revelou ainda que, conquanto somente 24% dos protestantes dissessem estar certos de ter um lugar no céu, 41% dos católicos tinham essa certeza.[5]

Por que os membros das igrejas organizadas, ou aqueles que professavam ser protestantes ou católicos, tinham tão pouca certeza do céu? Seria porque em nossas descrições do céu deixamos de mencionar os horrores da alternativa? Será que, em reação excessiva à antiga pregação do tipo "fogo e enxofre do Inferno", descartamos ou pelo menos diluímos o ensino claro da Bíblia a esse respeito? Jesus disse que o inferno será "trevas; ali haverá choro e ranger de dentes" (Mateus 8:12). Ou temos negligenciado mesmo toda a questão da vida após a morte ao enfatizarmos somente esta vida?

Jesus usou palavras as mais fortes possíveis para descrever os horrores do inferno.

Tendo viajado muito e falado a multidões em muitos países onde a fé cristã já não é tão forte quanto foi um dia, não fiquei surpreso ao saber que o número de pessoas que acreditam no inferno é maior nos Estados Unidos do que em qualquer dos outros países onde o cristianismo é a principal religião organizada. Na Suécia, por exemplo, somente 17% da população acredita no inferno; na França, 22%; na Inglaterra, 23%; na Alemanha Ocidental, 25%; na Suíça, 25%; nos Países Baixos, 28%. Outros países na Europa apresentaram porcentagens igualmente baixas.

Gallup conclui, e inclino-me a concordar com ele, que al-

guns dos motivos pelos quais mais pessoas acreditam no céu do que no inferno são: "O inferno é como a morte — as pessoas tentam não pensar sobre eles".[6] O comediante Jackie Gleason, ao ser entrevistado no programa "60 Minutes" por Morley Safer, indicou que acreditava na existência da vida eterna no céu ou no inferno. Lembro-me de ter conversado com Jackie em diversas ocasiões nestes últimos anos a respeito desse mesmo assunto.

Só porque as pessoas não acreditam no inferno não significa que ele não exista! Jesus advertiu: "Temei antes aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo" (Mateus 10:28). Se o inferno não existe, Jesus mentiu.

Algumas pessoas que crêem nas passagens da Bíblia a respeito do céu rejeitam completamente as referências ao inferno. Robert Ingersoll, um famoso advogado ateu que viveu nos fins do século dezenove, fez certa vez uma causticante palestra acerca do inferno. Falou que o inferno era "o espantalho da religião", e disse aos seus ouvintes que tal lugar não era nada científico, e como todas as pessoas inteligentes haviam resolvido que o inferno não existia. Um bêbado da platéia procurou-o depois e disse: "Bob, gostei da sua palestra; gostei do que disse a respeito do inferno. Mas, Bob, quero saber se tem certeza do que falou, porque estou contando com você."[7]

Durante a Primeira Guerra Mundial, os soldados britânicos tinham uma canção popular que dizia:

> Ó Morte, onde está o teu aguilhão,
> Ó Tumba, onde a tua vitória?
> Os sinos do inferno bimbalham
> Por ti mas não por mim.[8]

Muitas pessoas falam acerca do inferno, usam-no para dizer aos outros aonde devem ir, mas não desejam ser confrontadas com a idéia de que ele pode ser o seu destino. Inferno, para elas, é apenas o lugar no qual os Hitlers e os Stalins devem ir parar, juntamente com assassinos, estupradores ou promotores de pornografia infantil. Mas a maioria acha que os "Bons" que cuidam da própria vida, pagam seus impostos, e colocam um dinheirinho na coleta terão alguma "recompensa eterna".

Entretanto, se a Bíblia é verdadeira, sabemos que existe vida abundante após a morte para os seguidores de Cristo. Aqueles que aceitaram a sua graça e foram salvos estarão com ele no céu. E os outros? "Com certeza, um Deus bom não puniria pessoas boas!" diz o filantropo ou a pessoa religiosa que deseja ignorar as desconfortáveis e nada populares descrições do inferno que a Bíblia traz. Sim, de certa forma eles estão certos, pois o Deus amoroso não deseja que ninguém pereça. O Senhor não demora em cumprir a sua promessa, como alguns compreendem a lentidão. "Ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento" (2 Pedro 3:9).

Não obstante, as Escrituras são bem claras. Jesus disse aos seus discípulos que não temessem os assassinos, porque eles apenas podem causar a morte física. Ele não quis dizer, naturalmente, que não devemos nos preocupar com assassinos, mas o que ele enfatizava era uma advertência sobre algo mais sério do que a morte de nossos corpos. Jesus disse: "Eu, porém, vos mostrarei a quem deveis temer: Temei aquele que depois de matar, tem poder para lançar no inferno" (Lucas 12:5).

Vamos esclarecer algumas coisas acerca desse versículo de Lucas. Em primeiro lugar, ele se refere a Deus, não a Satanás, pois Satanás não pode determinar o destino da alma humana.

Além disso, sei que muitas pessoas tropeçam na idéia de "temer a Deus". Temor não significa um medo paralisador, mas, sim, saudável e reverente respeito. Por toda a Bíblia lemos a respeito de temer ao Senhor. Se substituirmos "ter profunda reverência por" estaremos mais perto de compreender o significado da palavra.

O problema não é o fato de o inferno existir, porque ele deve existir se Deus é santo e fazemos distinção entre o significado bíblico do bem e do mal. O problema é que os homens não compreendem a extensão da maldade do pecado aos olhos de um Deus sumamente santo. O pecado não é classificado numa escala que vai de 0 a 10, como um boletim escolar. O pecado é a eterna separação de Deus e somente pode ser perdoado por um sacrifício verdadeiramente supremo: a morte do Filho de Deus sobre a cruz.

Em Nossos Dias

Hoje em dia, a experiência da morte é discutida mais abertamente; contudo, muitas das narrativas que ouvi ou li a respeito desses últimos momentos tendem a confundir as doutrinas bíblicas e suscitam mais perguntas do que as que respondem. Um bom exemplo é a popularidade dos relatos de experiências "próximas da morte", nas quais a pessoa alega ter-se aproximado da morte (ou mesmo chegado a morrer) e voltado à vida.

Não tenho a intenção de duvidar da sinceridade das pessoas que contaram de suas experiências "extracorpóreas". Muitos descrevem quase-encontros com a morte após um ataque cardíaco ou outra crise médica e contam como pareciam elevar-se e observar enquanto a equipe de médicos os tentava fazer reviver. Tampouco questiono aqueles que contam ter visto espíritos de parentes e amigos que já morreram, ou outros que encontraram um "ser luminoso" que os conduz através de um túnel até uma experiência irresistível e extasiante, de tal intensidade que têm dificuldade em descrevê-la. Já ouvi muitas histórias desse tipo oferecidas em vividos detalhes, e, sem exceção, essas experiências de vida após a morte parecem reduzir o medo de morrer.

A maioria das experiências sobrenaturais que ouvimos contar ou que lemos trazem clássicas semelhanças. A pessoa que "morreu" (e discutiremos em breve o significado dessa palavra) deixa o corpo, ouve sons estranhos, parece estar caminhando por um túnel longo e escuro e reconhece estar pairando em algum lugar entre a vida e a morte, e depois encontra alguém ou algo de branco, ou uma luz difusa. Os que retornam dessa jornada tornam-se diferentes.

Esses tipos de histórias não são um fenômeno exclusivamente americano. Elas são contadas por pessoas de outras culturas e nações. Além disso, a literatura psíquica e as práticas das seitas estão repletas de tais ocorrências.

A revista *U.S. News and World Report* (Relatório Noticioso dos E.U.A. e do Mundo) de 11 de julho de 1983 disse: "Embora os críticos tenham rotulado essas experiências de meros sonhos, fabricações ou alucinações causadas por drogas analgésicas ou pela liberação de agentes químicos no cérebro, pelo

menos meia dúzia de livros foram escritos na tentativa de fornecer evidência científica para esse fenômeno. A Associação Internacional para Estudos da Proximidade da Morte também foi estabelecida na Universidade de Connecticut com o objetivo de promover pesquisa nessa área. Qualquer que seja a explicação, sabemos por intermédio de extensos estudos que algo extraordinariamente interessante acontece a muitas pessoas no momento da morte, diz o psicólogo de Connecticut Kenneth Ring, enfatizando que as experiências que ocorrem perto da morte não provam a existência de uma vida após a morte mas apenas demonstram que o ato de morrer pode não ser o evento doloroso que muitas pessoas temem."

Mas essas experiências não constituem as bases para as verdades eternas nem um alicerce sólido para nossa confiança na vida após a morte. Elas podem ser perigosamente enganosas. Precisam ser examinadas no contexto da Palavra de Deus.

A Bíblia comprova a existência da vida após a morte e a explicação que dá para a morte é muito clara. Cada ser humano morre uma vez, e existem dois resultados e destinos possíveis. "E, assim como aos homens está ordenado morrerem uma só vez, e, depois disto, o juízo" (Hebreus 9:27). O que me incomoda com relação a essas histórias de vida-pós-morte é que, independentemente de a pessoa ser ou não crente, raramente nessas experiências a morte parece trazer qualquer conseqüência negativa — o que é uma contradição direta ao que a Bíblia ensina. Se todas as experiências da morte forem iguais, não existe julgamento ou inferno, e a Palavra de Deus é uma mentira. Presentemente, não sabemos ao certo qual a fonte dessas experiências "extracorpóreas". Já foi até sugerido que elas são de origem satânica, visto que podem enganar as pessoas a respeito da verdadeira natureza da morte e da salvação, e (de acordo com essa opinião) são a imitação satânica da garantia que o cristão tem de um descanso celestial.

O desejo de obter melhor compreensão da morte tem sido chamado de "a nova obsessão". Eu certamente não desejo falta de equilíbrio ao pensar acerca do assunto, mas estou convencido de que quando conhecermos o lugar ao qual a morte conduz, conheceremos a "esperança da glória" da qual Paulo falou em Colossenses 1:27.

O Que É a Morte, Afinal?

"Podem os médicos concordar com Deus quanto à hora da morte?" Essa difícil pergunta foi feita pelo catedrático adjunto do Departamento Médico da Faculdade de Medicina de Wisconsin. Muitos de nós teremos de encarar essa pergunta e precisamos encará-la com compreensão de sua complexidade.

A Bíblia nos diz com precisão o que é a morte. A morte física é separação entre o espírito e a alma, e o corpo: "...o corpo sem espírito é morto" (Tiago 2:26). Mas existe uma morte bem pior, que é a morte espiritual. A morte espiritual é a separação de Deus.

Para o pensador materialista, a morte significa aniquilação total. Para o hinduísta e o budista, a morte significa reencarnação. Para o terrorista, a morte fornece uma forma de ser recompensado pela causa que ele abraçou. Muitos islamitas xiitas acreditam que para cada infiel que matarem (especialmente cristãos e judeus), terão incomparáveis prazeres sexuais no paraíso.

Hoje, a questão toda de "quando a pessoa está morta" vem sendo discutida com mais ardor do que em qualquer outra época da história recente. Uma matéria relativamente nova, chamada tanatologia (da palavra grega *thanatos*, que significa morte) penetrou a nossa língua e as nossas salas de aula. Tanatologia é o estudo, ou ciência, da morte.

Ao conduzir uma investigação sobre a morte e o ato de morrer nos Estados Unidos hoje, David Dempsey escreveu: "Nossa sociedade secularizou a vida. Ao fazer isso, removeu a morte do tradicional contexto religioso, a crença de que ela faz parte da ordem natural das coisas. Quando a morte era vista mais teologicamente, quando o sofrimento em si era considerado espiritualmente purificador, quando os homens acreditavam em algum tipo de vida futura que justificasse o sofrimento, a morte era mais aceitável."[9]

O que é a morte? Um homem que já esteve ao lado de centenas de moribundos é o capelão Phil Manly, um pastor compassivo que serviu por muitos anos junto ao Centro Médico da Universidade do Sul da Califórnia em Los Angeles. Com o bipe sempre preso à cinta, ele está de prontidão para o chamado de qualquer médico cujo paciente esteja terminalmente

enfermo. Ele já segurou as mãos de homens, mulheres e crianças no momento da morte, e consolou seus queridos em meio à dor. Na parede de seu escritório atravancado, que se encontra em uma das maiores unidades médicas do mundo (um centro que emprega cerca de oito mil pessoas), o capelão Manly mantém um gráfico do número de mortes que ocorrem a cada dia. Ele descreve as definições médicas que a maioria dos peritos usariam para atestar morta a pessoa.

Morte clínica se dá quando o coração cessa de bater, a pressão sangüínea torna-se ilegível, e a temperatura do corpo cai. Em geral, diz-se que o paciente está morto quando as funções vitais cessam de vez.

Morte certa é a total ausência de atividade das ondas cerebrais. Uma comissão de médicos, advogados, teólogos e cientistas na Universidade de Harvard determinou o que deveria ser considerado "morte cerebral". Quatro critérios foram enumerados:

1. Falta de receptividade e reação
2. Ausência de movimentos ou respiração
3. Ausência de reflexos
4. Eletroencefalograma reto[10]

A mais completa definição de morte parece ser "uma perda irreversível das funções vitais". A morte, assim, é definida como o estado no qual a ressurreição física é impossível.

Nem todos os médicos, advogados e leigos concordam, entretanto, quanto ao exato momento ou processo da morte.

Para complicar ainda mais a questão, algumas pessoas já foram ressuscitadas após terem sido consideradas "clinicamente mortas". Um amigo meu estava hospitalizado em Tucson, com fibrose pulmonar e gripe russa. Três vezes durante o tempo da internação na unidade de terapia intensiva ele teve parada respiratória e todos os sinais de estar "clinicamente morto". Três vezes foi revivido por um respirador mecânico. Ao receber alta, a manchete do jornal *Arizona Daily Star* disse: "Tendo quase morrido, ele está agora em casa, e as enfermeiras acreditam em milagres."

Sabemos que os médicos podem adiar a morte. A Associação Médica Americana diz em seu periódico *AMA Judicial Counsel* de março de 1986: "O compromisso social do médi-

co é o de sustentar a vida e aliviar o sofrimento." Hoje, até os médicos lutam com decisões sobre quando sustentar a vida.

Aqueles que foram revividos após terem sido considerados mortos incluem mais do que apenas exemplos atuais da ciência médica. Por exemplo, Elias reviveu uma criança cuja "doença se agravou tanto que ele morreu" (1 Reis 17:17). Na realidade, o fiel Elias poderia ter usado o que chamamos de respiração artificial no menino, porque a Bíblia diz que "estendendo-se três vezes sobre o menino, clamou ao Senhor, e disse: Ó Senhor meu Deus, rogo-te que faças a alma deste menino tornar a entrar nele" (1 Reis 17:21).

Eliseu foi outro personagem bíblico que nunca fez curso de primeiros socorros da Cruz Vermelha. No entanto, ele entrou na casa do rapaz que, deitado sobre o leito, havia sido declarado morto, orou, e então "subiu à cama, deitou-se sobre o menino, e, pondo a sua boca sobre a boca dele, os seus olhos sobre os olhos dele e as suas mãos sobre as mãos dele, se estendeu sobre ele; e a carne do menino aqueceu" (2 Reis 4:34).

Tenho o maior respeito pela profissão médica, pois já estive sob os cuidados competentes de ótimos médicos, especialmente na Clínica Mayo, onde faço exame preventivo completo todos os anos. Contudo, vejo também que às vezes eles se encontram na pouco invejável posição de não serem capazes de determinar uma definição específica da morte. Embora os médicos não tenham poder final sobre a morte, podem conseguir detê-la temporariamente. É esse o dilema do médico — e também do paciente.

Às vezes a questão da morte torna-se tão complicada que lembramo-nos mais uma vez da pergunta de Jó em meio a todo o seu extremo sofrimento, quando perguntou: "Mas onde se achará a sabedoria? e onde está o lugar do entendimento? O homem não conhece o valor dela, nem se acha ela na terra dos viventes" (Jó 28:12, 13).

Damos a seguir alguns exemplos das muitas ocasiões nas quais a sabedoria humana é severamente posta a prova:

Em 1968, um homem de sessenta e dois anos chamado John Stuckwish recebeu um coração transplantado pelo Dr. Denton Cooley e sua equipe, no hospital St. Luke, em Houston, no Texas. O doador foi um homem de trinta e seis anos chamado

Clarence Nicks, cujo cérebro fora danificado além de qualquer possibilidade de voltar a funcionar normalmente como resultado de uma surra que sofreu nas mãos de um grupo de assaltantes. Não havia sinal algum de atividade elétrica no cérebro, nem tampouco respiração espontânea. Era extremamente importante, contudo, que seu coração continuasse batendo por algum tempo. O Dr. Cooley e sua equipe tiraram o coração de Nicks do seu corpo e o implantaram no do Sr. Stuckwish. As questões éticas afloram quando se começa a refletir no relacionamento existente entre o cirurgião, o doador e os atacantes do doador. As pessoas que surraram esse doador foram agora presas. Em sua defesa, alegaram que Nicks não estava morto na hora em que seu coração foi retirado; o coração ainda batia. Os assaltantes foram além, acusando o médico que removeu o coração de assassinar Nicks. Para complicar ainda mais as coisas, um médico havia declarado Nicks morto na hora em que seu cérebro deixou de funcionar e sua função respiratória cessou, ao passo que outro médico especificamente discordou.[11]

Indubitavelmente, a definição de morte física é uma decisão complicada, delicada — e eu não tenho a pretensão de dar uma resposta científica final a essa questão. Sabemos que Deus pode vez por outra acrescentar tempo à vida de alguém, mesmo quando outros determinaram que essa pessoa já se foi. O que alguns podem considerar a conclusão de uma vida pode ser apenas o término de um capítulo, não o fim do livro. Por exemplo, no Antigo Testamento, o rei Ezequias estava mortalmente enfermo, mas o Senhor disse que o curaria e acrescentaria quinze anos à sua vida. Jesus reviveu a filha de Jairo, e Lázaro foi ressuscitado depois de ter estado quatro dias no sepulcro.

Creio que Deus permite aos médicos usarem a tecnologia moderna para prolongar a vida física nos dias atuais de forma sem precedentes na história da humanidade. Admiro-me sempre ante a tenacidade do espírito humano, e também ante a capacidade de médicos habilidosos em tratarem uma crise após outra, e de alguma forma conseguirem fazer o paciente sarar. Ao mesmo tempo, a morte é uma realidade, e é ainda o evento final que todos precisamos enfrentar.

É, pois, de admirar que as pessoas estudem, discutam e façam avaliações da morte nos dias de hoje? Um jovem minis-

tro contou-me a respeito de uma série de seminários que foram oferecidos numa igreja de Los Angeles. Dentre as cinco diferentes áreas de estudo oferecidas, a que teve maior receptividade tratava de "A Morte e o Ato de Morrer". Na Universidade do Sul da Califórnia, um curso muito procurado é o de "Problemas Religiosos e Éticos Relativos à Morte e ao Ato de Morrer". A revista *U. S. News and World Report* fez uma reportagem especial sobre "Uma Nova Compreensão acerca da Morte" (11 de julho de 1983).

Agora que o tabu foi eliminado, é mais importante do que nunca os cristãos se envolverem com algumas das grandes questões relacionadas ao processo de morrer. A Bíblia tem a solução para o temor da morte, mas precisamos também compreender e aplicar os princípios contidos na Palavra de Deus que falam sobre a experiência da morte.

A hora de compreender é agora, enquanto gozamos saúde e estamos alertas. Aqueles que estão no campo da saúde mental, os filósofos, psicólogos, sociólogos, e até mesmo os médicos, não têm as soluções. A Bíblia diz: "para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana; e, sim, no poder de Deus" (1 Coríntios 2:5).

John Trapp, um grande teólogo inglês, viveu há cerca de trezentos anos. Disse ele: "Existe uma hora perfeita para o homem morrer, que, se lhe fosse dado conhecer tudo o que é possível conhecer a respeito da vida, ele escolheria aquela hora e não outra."

Graças a Deus podemos discutir a morte de maneira aberta e realista. Precisamos da sabedoria de Deus para viver nossas vidas complicadas, e mais ainda para o seu inevitável término.

3
O Rei dos Terrores

O perverso será arrancado da sua tenda, onde está confiado, e será levado ao rei dos terrores.

— JÓ 18:14

As conversas na festa cessaram quando alguém contou que um amigo havia acabado de saber que estava com câncer incurável. Um psiquiatra — um homem forte e simpático que era importante membro da comunidade social e profissional — falou: "Morro de medo de morrer." Ele sorriu encabulado pela piadinha fraca que fizera, mas havia expressado honestamente o que muitos sentem.

A despeito do veloz e crescente progresso da tecnologia médica e das formas de aliviar a dor, ninguém descobriu uma forma de diminuir o medo que as pessoas têm de morrer. O que ocorre não é nenhuma nova psicose, mas, sim, uma condição tão antiga quanto o homem. Davi, o corajoso jovem que desafiou o gigante Golias, o rei que perseguiu seus inimigos e os destruiu, é o mesmo homem que bradou: "Estremece-me no peito o coração, terrores de morte me salteiam; temor e tremor me sobrevêm, e o horror se apodera de mim" (Salmo 55:4, 5).

A idade e as circunstâncias quase sempre ditam o grau de medo que a pessoa possa sentir ao enfrentar a morte. Davi não disse essas palavras quando era um adolescente arrostando Golias, mas quando era mais velho e havia experimentado

enfermidade e traição por parte de amigos. Algumas vezes, o medo da morte cresce significativamente com o avançar da idade.

Os discípulos de Jesus eram homens vigorosos, enrijecidos fisicamente pela vida ao ar livre e por viajarem longas distâncias a pé. Contudo, quando foram apanhados em uma tempestade súbita tão comum na região da Galiléia, gritaram desesperados de medo: "Senhor, salva-nos! Perecemos!" (Mateus 8:25). Estavam apavorados, pensando que iriam morrer.

Meu amigo, Jack Black, definiu o medo como "uma emoção que fala de terror, susto, alarme, pânico, apreensão e consternação". Todos os seres humanos racionais manifestam essas emoções. Assim, o medo é universal em todos os tempos e em todos os lugares. É uma reação humana e normal ao desconhecido. E a morte, a experiência da morte, é um desconhecido.

O medo da morte é maior hoje do que antes de a tecnologia nos permitir prolongar a vida? Muita gente acha que sim — embora tentemos (como já vimos) escondê-lo ou suprimi-lo. Alguns psiquiatras dizem que o medo da morte abriga uma variedade de psicoses. Outros acreditam que o medo seja intensificado pelas emergências médicas que levam pacientes a serem tratados mais como um objeto do que um ser humano.

Outra indicação de que o medo da morte se tornou mais forte deriva do fato de 80% das pessoas nos Estados Unidos morrerem em hospitais e centros de convalescença ao invés de em casa. Morrer pode ser uma atividade bem solitária. David Dempsey diz: "A maior parte dos hospitais deste país tem pelo menos duas características em comum: fazem o melhor que podem para esconder do paciente o fato de que ele pode estar à morte e quando a hora fatídica se aproxima, o isolam da família e dos amigos."[1]

A Conspiração do Silêncio

Alguns acham que dizer a verdade a quem está morrendo lhe destrói o ânimo. O comentário resignado do paciente: "Acho que estou morrendo", tem boa probabilidade de ser respondido com a tranqüilizadora mentira: "Ora, não fale assim. Você provavelmente nos enterrará a todos." Esse tipo de engano é praticado pelo pessoal médico bem como pela família, que acham estar sendo caridosos e agindo para o bem

do paciente. A "conspiração do silêncio" baseia-se na premissa de que as pessoas não querem pensar acerca da morte, especialmente da sua própria. Contudo, estudos indicam que a maioria das pessoas *está* disposta a pensar e a falar sobre a morte, mesmo que a idéia as atemorize. Garanto que não gostaria que ninguém me oferecesse animação forçada quando preciso de honestidade e amor.

Minha esposa, Ruth, contou-me a respeito da esposa de um pastor, a qual estava morrendo de câncer. Ela sabia disso, e a família também sabia, mas ficava a dizer-lhe que iria sarar. Certo dia, uma amiga foi visitá-la, e a doente disse: "Sei que estou morrendo, mas ninguém conversa comigo a esse respeito. Por favor, fale-me do céu." Passaram mais de uma hora maravilhosa, rindo e falando acerca do lar celestial para onde ela ia.

Outra senhora contou-me acerca de uma visita que fez ao irmão que estava internado na seção de isolamento na terapia intensiva. Para entrar lá, teve de vestir um avental e colocar uma máscara a fim de protegê-lo contra alguma possível infecção, de forma que ele não lhe podia ver o sorriso ou sentir o toque de sua mão. Tampouco podia ele mover-se da posição em que se encontrava devido aos tubos ligados ao seu corpo. Ela achou que devia manter uma atitude positiva, e então disse: "Você ainda vai sair daqui andando um dia destes, Bert." Lágrimas inundaram os olhos do doente enquanto meneava fracamente a cabeça e, com um dedo, apontava para cima. Era uma tentativa de dizer à irmã que estava a caminho do céu.

Aquele senhor morreu dois dias depois e a irmã disse que se arrependeu de não lhe ter levado palavras tranqüilizadoras acerca de seu lar eterno em lugar de oferecer-lhe falsas expectativas. É bem fina a linha que divide a esperança da honestidade compassiva. Somente a sabedoria de Deus nos pode guiar em momentos como esses.

A verdade é que todos nós temos a nossa hora de morrer, e a conspiração do silêncio que hoje tantas vezes cerca a morte não pode alterar esse fato. É certo que dentro da maioria de nós existe forte desejo de apegar-nos à vida física tanto tempo quanto possível. Posso relatar muitas das histórias que ouvi a respeito de como a hora da morte é quase sempre determinada pelo desejo que a pessoa tenha de viver para atingir cer-

to objetivo. Um de meus amigos me disse que quando ele e a esposa, Joannie, estavam fazendo longa viagem pela Europa, os médicos deram ao seu sogro, que estava no Estado de Illinois, apenas alguns dias de vida. Ele se recobrou o tempo suficiente para dizer: "Quero ver Joannie mais uma vez." Pediu que não contassem à filha e ao genro a gravidade de seu estado, porque não queria estragar a viagem deles. O casal voltou para casa conforme havia planejado, e dez dias depois o pai morreu tranqüilamente nos braços amorosos da filha.

Um sociólogo, David Phillips, da Universidade Estadual de Nova Iorque, em Stony Brook, relatou que os doentes terminais tendem a agarrar-se à vida até chegarem a uma data importante para eles — um aniversário de casamento, um aniversário, um feriado religioso. "Esse fato parece ser particularmente verdadeiro no caso das pessoas famosas, devido à atenção que recebem nessas ocasiões. Phillips descobriu haver menor probabilidade de essas pessoas notáveis morrerem nos meses que precediam seus aniversários, e maior probabilidade de morrerem nos três meses que se seguiam a essa data. É interessante notar, por exemplo, que tanto Thomas Jefferson quanto John Adams morreram no dia 4 de julho, no exato dia em que fazia cinqüenta anos que eles haviam assinado a Declaração da Independência."[2]

Lembro-me de quando ouvi falar da morte de Corrie ten Boom, a extraordinária holandesa que escondeu os judeus da perseguição da Gestapo durante a Segunda Guerra Mundial e, por isso, foi parar no infame campo de concentração Ravensbruck. Sua irmã morreu lá, mas Corrie foi solta, e, por mais de trinta anos, viajou por todo o mundo, contando suas experiências e escrevendo livros. A história de Corrie ficou conhecida a nível nacional através do filme *Refúgio Secreto*, e dos muitos livros que escreveu. Durante os últimos anos de vida, os amigos e colegas fizeram questão de celebrar com profusão os seus aniversários. Ela estava acamada e sem poder falar durante os cinco últimos anos de vida, mas gostava muito de festas. Corrie morreu no dia de seu nonagésimo primeiro aniversário, 15 de abril de 1983. Como disse uma de suas amigas: "Que festa de aniversário ela deve ter tido!"

Corrie morreu na hora apontada por Deus, ao fim de longa vida vivida para a glória de Deus.

Por outro lado, há muitos que morrem prematuramente, tendo chegado a um ponto em suas vidas no qual acham que não lhes sobra nenhum objetivo. É sabido que aposentados que ficam sem ter o que fazer morrem mais cedo do que aqueles que continuam a ter atividade com propósito. Todos nós já ouvimos contar histórias nas quais o marido ou a esposa enlutados sobrevivem menos de um ano à morte do cônjuge. Quando o amor se vai, a vida se vai. E a menos que possamos sentir-nos necessários a alguém, a vida parece não ter significado.

O estudo de David Dempsey relata que "uma pesquisa conduzida entre 260 pessoas de sessenta anos ou mais de idade descobriu que apenas 10% respondeu afirmativamente à pergunta: 'Você tem medo de morrer?' Os autores acreditam que a alta porcentagem dos que disseram que não tinham medo pode estar relacionada ao número quase tão alto (77%) de pessoas que professou crer em algum tipo de vida após a morte."[3]

Essa estatística é interessante. Mostra a tranqüilidade que a fé traz, mesmo quando o vigor da vida já está diminuído. O desafio com que nos defrontamos como crentes é o de fazer o melhor que pudermos para garantir que a "vida futura" na qual tantos depositam a sua confiança seja o artigo verdadeiro e não uma frente falsa, como uma casa num estúdio de filmagem.

O temor da morte não é universal. Muitos fatores, tais como idade, saúde física e histórico familiar, social e religioso, fazem diferença. Muitas são as ocasiões em que ouvimos alguém dizer: "Queria morrer." Contudo, após uma hospitalização ou um esbarrão com a morte, a mesma pessoa pode dizer: "Como é bom estar viva!"

É bem provável que seja o processo de morrer que assuste as pessoas — não a morte em si. O capelão Phil Manly disse que, na capacidade de capelão de hospital, ele viu muitas pessoas morrerem tranqüilamente. Médicos têm-me dito que, enquanto o corpo está lutando para sobreviver, pode haver severo sofrimento, mas nos instantes finais da vida, as palavras "ele morreu em paz" têm real significado.

G. K. Chesterton disse: "O Senhor compassivo parece ter pena das pessoas por viverem, ao invés de por morrerem." Não é verdade que tememos muitas das experiências da vida devido à antecipação, mas quando realmente as defrontamos,

elas perdem muito do terror que lhes atribuímos? Já vi pessoas tornarem-se fisicamente pálidas e fracas ao pensarem em falar diante de um grupo. Depois, passado o susto inicial, a sensação de terem conquistado esse temor é esfuziante. Suspeito que o mesmo se dê em relação à morte. Seu poder de aterrorizar se desvanece à medida que nos aproximamos do instante do passamento em si.

Atitudes em Relação à Morte: O Mundo e as Seitas

Uma das atitudes mais comuns relativas à morte é a de negá-la, o que significa: "Não quero pensar a respeito." Essa atitude não é necessariamente má, a menos que signifique que jamais chegamos a enfrentar os fatos. Não tenho a menor intenção de permitir que meus pensamentos cotidianos girem em torno do assunto da morte. Em alguns casos, os médicos já afirmaram que a negação da morte pode ser terapêutica. A atitude de "não vou morrer!" pode ser uma afirmação que prolongue a vida.

Outra forma de encarar a morte é rir dela. Algumas das pessoas de coração mais mole são as que dizem: "Sou malvado demais para morrer." O humor se torna um mecanismo protetor que nos permite rir de nós mesmos e desafia o espectro da morte. Podemos esconder o medo com uma risada, o que pode nem sempre ser má idéia!

Existe, também, o temor irracional. Esse pode assumir a forma de ansiedade que paralisa nosso espírito de intrepidez, ou passa a ser uma enfermidade emocional, ou fobia, muito semelhante ao medo de lugares altos, ou de multidões, ou de viagens. "Necrofobia", o medo patológico da morte, é um temor que paralisa a ambição e pode sufocar o cônjuge e os filhos por meio da superproteção. Foi desse tipo de intenso medo que o escritor aos Hebreus tratou quando disse como Cristo, mediante a morte na cruz, destruiu o poder do diabo a fim de livrar "a todos aqueles que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida" (Hebreus 2:15). O homem ou mulher que não tem a Cristo pode tornar-se escravo do medo.

Outra atitude comum relativa à morte é a de que ela se assemelha a uma ponte. O princípio é o de que a morte seja

um estado intermediário, estado esse mais aparente na noção em algumas seitas de que a morte é uma transição para um mundo espiritual feliz e luminoso das almas que "passaram" a uma eternidade "cósmica". O espiritismo, o misticismo oriental, a reencarnação e inúmeras outras crenças ocultistas oferecem sedutoras respostas que removem o temor da morte, mas às custas de negarem a verdade de Deus.

Não é minha intenção neste livro discutir as várias crenças das seitas em detalhe, ou os perigos de acreditar numa "transição mística" até outra existência, ou outra vida. Desejo demonstrar que existe um caminho melhor e mais seguro para a vida após a morte, e esse é o caminho de Deus. Sem essa garantia, você jamais terá paz permanente na vida. As seitas oferecem respostas atraentes que não estão alicerçadas na verdade. Algumas são tão ridículas que nos perguntamos se alguma pessoa racional pode acreditar nelas.

O Dr. Sheldon B. Zablow, psiquiatra de San Diego, na Califórnia, que trata de ex-adeptos das seitas, disse que há mais de 2.500 seitas operando nos Estados Unidos. Disse também que algumas pessoas realmente percebem uma melhora em suas vidas por breve período depois de aderirem às seitas. "Às vezes, elas deixam as drogas e o álcool mas sacrificam a capacidade de pensar e raciocinar. O grupo passa a ser o foco de toda a sua vida. O que mais preocupa é o fato de elas serem pessoas com sérios problemas emocionais."[4]

Uma reportagem num jornal da Costa Leste contou a respeito de uma seita que conta com milhares de adeptos que crêem na reencarnação. Sua fundadora acredita ser Maria Madalena e alega ter vivido vidas anteriores como Bate-Seba, Mona Lisa e Maria Teresa da Áustria. Se as pessoas acreditarem que retornarão como outro ser humano, sua responsabilidade nesta vida já não é tão importante. Afinal de contas, acreditam, teremos outra oportunidade... e outra, e outra.

Torna-se cada vez mais claro que a maneira como enxergamos a morte determina, até um nível surpreendente, a forma pela qual vivemos.

O Medo É Irracional?

Ouvi certa vez alguém descrever sua vida numa fazenda

de criação de carneiros na Nova Zelândia. Enquanto ele contava da notável burrice dos carneiros, pude perceber como as freqüentes referências que a Bíblia faz a carneiros realmente se aplicam a nós. Seguimos a multidão. Ficamos indefesos quando atacados, especialmente se atacados pelo medo. Não é de admirar que Cristo, o Bom Pastor, continue a nos assegurar: "Não tema, pequeno rebanho." Pode não ser um retrato muito lisonjeiro, mas sem a sua direção, passamos a vida berrando "béé, béé" e vagueando a esmo, procurando verdes pastos e tropeçando nas pedras. "Porque estáveis desgarrados como ovelhas; agora, porém, vos convertestes ao Pastor e Bispo das vossas almas" (1 Pedro 2:25).

O medo é uma emoção muito dolorosa, que pode nos imobilizar ou causar-nos mais dor do que uma pancada física. Sentimos o medo mais agudo quando Deus é um estranho — quando nossas vozes e corações clamam "Deus, me ajude", mas nossas palavras saem abafadas porque não o conhecemos. O que fazem os carneiros sem um pastor? Tropeçam na escuridão. A Bíblia diz: "Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho" (Isaías 53:6). É esse o quadro que apresentamos: movemo-nos para cá e para lá, trombando uns com os outros e incapazes de achar o caminho de volta para casa. O medo espreita cada movimento que fazemos.

Refletindo sobre seus anos de pastorado, o Rev. Jack Black disse-me certa vez: "Meu ministério esteve sempre cheio de pessoas que tinham medo da morte; não um medo natural, mas um medo ansioso, quase histérico. Era inevitável que essas pessoas assim descritas tivessem pouca ou nenhuma identificação religiosa, não tivessem parentes chegados, tivessem egos enormes mas baixa auto-estima, e estivessem entediadas com a vida. Compare essa tragédia humana ao passamento de uma pobre alma que deixa esta vida cercada pela família e por entes queridos. Nossa cultura nos treina para estarmos preparados para quase tudo, menos a morte. E incluo a igreja porque raramente ouvi qualquer pronunciamento público a esse respeito."

A Bíblia faz mais de 500 referências ao medo, dizendo geralmente que *não* devemos temer. Existem tantos "não temas" que é provável que exista um para cada dia do ano — com alguns de sobra! Veja alguns deles:

"Não temas as cousas que tens de sofrer" (Apocalipse 2:10).
"Não temas porque eu sou contigo" (Gênesis 26:24).
"Não temais: aquietai-vos e vede o livramento do Senhor que hoje vos fará" (Êxodo 14:13).
"Não temas [os teus inimigos]" (Deuterônomio 3:2, 22).
"Não temais os que matam o corpo" (Mateus 10:28).
"Não temas, crê somente" (Lucas 8:50).
"Não temas; eu sou o primeiro e o último" (Apocalipse 1:17).

Mas, espere. O que dizer do "temor do Senhor"? Se a Bíblia diz "não temas", e contudo também diz "teme", a qual das duas coisas está-se referindo? A resposta é: a ambas. Temor é uma palavra de significado duplo. Refere-se a uma emoção marcada pelo terror e por ansiosa preocupação. Mas é também uma palavra que significa respeito e profunda reverência. Esse é o temor que inspira confiança.

Quando tememos a Deus, não nos encolhemos diante dele como um prisioneiro a quem um ditador impiedoso furtou a liberdade. Nosso temor é um amor que nos leva a tratar a Deus com respeito. É isso que o profeta Isaías queria dizer ao falar: "O temor do Senhor será o teu tesouro" (Isaías 33:6). É uma reverência que advém quando vemos a majestade e a santidade de nosso amoroso Pai celestial.

Ninguém precisa se envergonhar por sentir medo; não há quem não se sinta atemorizado de vez em quando. Mas temos aqui um paradoxo interessante, pois se temermos a Deus de todo o coração, não haverá nada mais a temer. Quando vejo uma criança colocando a mãozinha confiantemente na mão maior do pai, reconheço o tipo de temor que promove confiança.

Quando chove e depois a água se congela em nossas montanhas no Estado da Carolina do Norte, as estradas sinuosas tornam-se traiçoeiras. Lembro-me de andar com meus filhos, escorregando e deslizando pelos bosques. Quando eles estavam segurando a minha mão, tinham menos medo. Era minha a responsabilidade de não deixá-los cair. Nosso Pai celestial pede que coloquemos nele a nossa confiança, e ele nos susterá.

Jesus Teve Medo?

Sabemos que Jesus foi a única pessoa na história que nas-

ceu sem pecado, que viveu sem pecado e que morreu sem ter pecado. Já que essa é a verdade, por que ele demonstrou tanta angústia, tristeza e medo no jardim do Getsêmani? Poucos são os episódios na história da humanidade mais dramáticos do que aquele que teve lugar no pequeno jardim durante as últimas horas que Cristo passou na terra.

Seria útil imaginarmo-nos lá e tentarmos compreender a avassaladora emoção que ele deve ter experimentado.

Getsêmani significa "prensa de óleo". A maioria de nós está familiarizada com o óleo de oliva como um ingrediente em saladas ou para cozinhar. Na Palestina, ele era, e ainda é, um precioso gênero de primeira necessidade. O Monte das Oliveiras é mencionado com freqüência no Novo Testamento e está intimamente ligado à vida devocional de Jesus. Foi no Monte das Oliveiras que ele muitas vezes se sentou com os discípulos, falando-lhes de coisas que estavam por acontecer. E foi para lá que ele se retirava toda noite para orar e descansar, após o cansativo trabalho diurno.

As mais antigas oliveiras na Palestina hoje são as que estão dentro do jardim do Getsêmani. Os visitantes que vão a Jerusalém atualmente podem vê-las, mas não podem aproximar-se o bastante para tocá-las. Um número demasiadamente elevado de curiosos já tentou mutilar essas antigas e retorcidas árvores ao tentar obter uma lembrança especial da Terra Santa.

Quando as azeitonas são colhidas, são espremidas, prensadas e pulverizadas sob enorme pedra rotatória que esmaga o fruto até tornar-se uma massa e retira o precioso óleo. Foi no jardim do Getsêmani que a roda da humilhação, derrota, culminando com a morte, esmagaria Jesus até o ponto de sua maior agonia pessoal. O tormento emocional é, por vezes, mais difícil de suportar do que o tormento físico. No Getsêmani, o lugar da prensa, a angústia mental foi tão intensa que Jesus implorou a seu Santo Pai que o livrasse. Mas apenas se fosse essa a vontade do Pai.

Quanto precisamos de amigos nas horas da provação! Jesus demonstrou sua humanidade quando pediu aos discípulos que ficassem com ele. Ele desejava a sua presença, e precisava dela, na hora da sua maior provação. "A minha alma está profundamente triste até a morte; ficai aqui e vigiai comigo" (Mateus 26:28). Jesus distanciou-se um pouquinho de seus

amigos, os mesmos que falaram com tanta confiança que o seguiriam, os mesmos que disseram que jamais o negariam, e prostrou-se ao chão para orar. Não poderia ter demorado muito para que os olhos pesados de seus amigos se fechassem num cochilo. Os sonolentos discípulos, que haviam dito que fariam qualquer coisa por ele, não conseguiram ao menos permanecer sentados e consolá-lo.

Enquanto Jesus orava, grande era a sua agonia. "E, estando em agonia, orava mais intensamente. E aconteceu que o seu suor se tornou como gotas de sangue caindo sobre a terra" (Lucas 22:44). Parece impossível? Os dicionários médicos descrevem essa condição como "cromidrose", uma condição na qual intensa pressão emocional pode fazer com que os vasos sangüíneos se expandam tanto que se arrebentem no ponto em que entram em contato com as glândulas sudoríparas. Pessoalmente, não consigo nem começar a compreender uma emoção tão avassaladora.

Jesus pediu três vezes: "Meu Pai: Se possível, passa de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e sim, como tu queres" (Mateus 26:39).

Haveria escape? Poderia Jesus ser livrado dos horrores de tal morte — pelo menos por algum tempo?

Não era com deleite que Jesus via a crucificação que vinha se aproximando; ele amava a vida aqui na terra. Ele apreciava os prazeres de caminhar com os discípulos, de segurar criancinhas no colo, participar de um casamento, comer com os amigos, andar de barco ou trabalhar no templo por ocasião da Páscoa. Para Jesus, a morte era o inimigo. Quando orou: "se possível", desejava confirmar mais uma vez se sua morte iminente era verdadeiramente a vontade do Pai. Haveria alguma outra forma?

Mas o que quis ele dizer com o pedido de "passar de mim este cálice"?

Nas Escrituras, "cálice" é usado figurativamente para descrever a bênção de Deus (Salmo 23:5) ou a ira de Deus (Salmo 75:8). Visto que Jesus não teria orado para que a bênção de Deus lhe fosse tirada, é óbvio que usou a palavra "cálice" aqui para indicar a ira divina que o Cristo sofreria na cruz ao tomar sobre si os pecados da humanidade.

Quão inconcebível nos parece que Jesus, que não conhe-

ceu o pecado, tivesse de tomar sobre si o pecado e a culpa de toda a raça humana. "Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós" (2 Coríntios 5:21). Não havia outra forma de cumprir a vontade do Pai sem sorver esse cálice da ira?

Essa é a pergunta que Jesus estava fazendo — e em completa obediência à vontade soberana do Pai, Jesus voluntariamente aceitou a resposta. Não, não havia outra forma de um Deus justo e amoroso tratar os nossos pecados.

Os pecados precisam ser castigados; se Deus apenas perdoasse os nossos pecados sem julgá-los, não haveria justiça, nenhuma responsabilidade pelos erros, e Deus não seria verdadeiramente santo e justo. E se Deus apenas nos julgasse de acordo com os nossos pecados, conforme merecemos ser julgados, não haveria esperança de vida eterna e salvação para qualquer um de nós — "pois todos pecaram e carecem da glória de Deus" (Romanos 3:23). Seu amor teria deixado de prover uma forma de salvação para nós.

A cruz era a única forma de resolver esse terrível dilema. O conflito das eras se aproximava do clímax. Por um lado, nossos pecados estavam prestes a ser colocados sobre Cristo, aquele que nunca pecou. Ele seria "revestido" com nossos pecados, como uns trapos velhos e imundos, e na cruz esses pecados seriam julgados — os seus pecados, os meus pecados. Ele seria a propiciação cabal pelo pecado. De outro modo, entretanto, a justiça perfeita de Cristo nos seria conferida, como imaculadas e brilhantes vestes novas. Dessa forma, o pecado foi julgado e a justiça de Deus foi satisfeita. A porta do perdão e da salvação foi aberta, e o amor de Deus foi satisfeito. "Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus" (2 Corintios 5:21).

Até mesmo enquanto Jesus, em sua humanidade, se debatia intimamente com essa tremenda dificuldade, ele orou por fim: "Seja feita a tua vontade." Essa não foi uma prece formulada com suspiro de resignação, mas com a voz forte de confiança absoluta. Jesus sabia que isso significava total e completa rendição à vontade do Pai e às necessidades dos outros. Contudo, existe aqui um mistério que não podemos compreender totalmente. Jesus experimentou em definitivo a avassaladora percepção de seu inevitável sacrifício pelos pecados do mundo. Sabia que essa era a sua missão primordial na terra, pois

já havia dito: "Pois o próprio Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos" (Marcos 10:45).

O jardim do Getsêmani é o lugar onde Jesus se revelou um verdadeiro homem. Ele se defrontou com a escolha entre obedecer e desobedecer. Não era um robô programado para automaticamente obedecer a Deus. Ele pôde simpatizar com as nossas fraquezas. "Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, antes foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado" (Hebreus 4:15). Satanás tentou a Jesus durante todo o seu ministério, mas as tentações no deserto no início do seu ministério mal podem ser comparadas às que ele sofreu no jardim. Nunca Jesus esteve tão vulnerável quanto naquele momento, após três anos de dar-se altruisticamente, e das tensões daquela última semana.

Alguns céticos já disseram que o sofrimento de Jesus no Getsêmani foi sinal de fraqueza. Mostram que muitos mártires, por exemplo, morreram sem o intenso embate emocional por que Jesus passou.

Mas uma coisa é morrer por uma causa, ou morrer por um país ou por outra pessoa. Outra coisa muito diferente é morrer pelo mundo inteiro, todos os pecados acumulados de gerações passadas e gerações futuras. Jesus iria tornar-se culpado de homicídio, adultério, trapaça, mentira e todos os outros comportamentos malévolos dos seres humanos. É mais do que a nossa mente finita pode chegar a compreender.

Um crítico da fé disse na palestra que fez em uma faculdade: "Vejam Sócrates. Ele não se angustiou com relação à morte iminente. Tomou estoicamente a cicuta. Ergueu com orgulho a cabeça até o fim."

Sócrates, um grande filósofo e mestre da Grécia antiga, dispôs-se a aceitar a pena de morte a fim de permanecer fiel às suas convicções. Mas ele morreu apenas por si mesmo. Nenhuma outra morte na história da humanidade pode ser comparada à morte de Jesus Cristo. Muitos podem ter sofrido tanto quanto ele, ou até mais, no físico, mas ninguém sofreu mais do que ele espiritualmente. Sua batalha contra os poderes das trevas, em sua essência, significava o triunfo de Deus

sobre Satanás. Nenhum mero homem poderia vencer Satanás — somente o Deus-homem, Jesus Cristo.

A Escolha de Jesus: A Nossa Escolha

Sócrates disse: "Eu vou para a morte, vocês ficam para a vida. Só Deus sabe quem de nós segue o melhor caminho." Ao comparar as diferenças entre a morte de Sócrates e a de Cristo, noto um curioso contraste. Sócrates morreu suicidando-se; Jesus, pela crucificação. A morte de Sócrates não salvou a ninguém, nem a ele mesmo. A morte de Cristo pode salvar todo aquele que nele crer. Você e eu também precisamos escolher entre a crucificação e o suicídio. Deus deu a cada um de nós uma vida e uma hora para morrer. Podemos viver para os outros ou perecer em nosso próprio egoísmo.

Se a idéia de morrer pelos outros o surpreende, pense no que significa dizer "sim" a Jesus, da mesma forma que ele disse "sim" ao Pai. Quando aceitamos a Cristo como nosso Salvador e sabemos que ele morreu na cruz pelos nossos pecados, fomos crucificados com ele. Nossos pecados foram pendurados naquela cruz, da mesma forma que nosso Senhor.

Um amigo meu faz caminhadas todas as manhãs e tem estado a decorar versículos bíblicos enquanto anda. Ele me disse que certa manhã começou a repetir um versículo, e, pela primeira vez, compreendeu o que significava ser crucificado. Eis o versículo:

"Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim" (Gálatas 2:19b, 20).

Qual é a alternativa? Ao invés de Cristo vivendo em nós, seria o nosso próprio eu. Morrer sem Cristo é tirar a nossa própria vida.

Jesus teve uma escolha, e nós também temos. Ele teve medo? Esteve o "Rei dos Terrores" com ele naquele bosque de oliveiras, espreitando-o enquanto ele orava sobre o chão úmido, seu suor misturado com sangue? Como podemos contemplar tão intenso sofrimento?

Mas ele retirou o temor da morte para aqueles que nele confiam. Não precisamos nos envergonhar de nosso medo,

mas podemos descansar na certeza de que ele nos dará forças quando as nossas próprias forças falharem, coragem quando nos sentirmos acovardados, e conforto quando estivermos sofrendo.

Quando o medo entra na vida de alguém, como com certeza entrará, a fé que Deus providencia derrotará o terror e nos dará vitória. Assim como o conhecimento é uma das melhores formas de sustar o medo, a nossa compreensão da morte nos capacitará a combater o temor. A chave para a vitória encontra-se nas palavras de Salomão: "O temor do Senhor é o princípio do saber" (Provérbios 1:7).

Tememos o desconhecido, mas podemos explorar juntos enquanto ainda estamos na terra dos viventes.

4

Por Que Alguns Morrem Tão Cedo?

Preciosa é aos olhos do Senhor a morte dos seus santos.
— SALMO 116:15

Meu coração se condói das pessoas que sofrem quando uma criança, um jovem ou um ente querido na primavera da vida é arrebatado pela morte. Já tentei confortar membros angustiados da minha família ou associados e amigos que passaram por uma perda trágica. Esperamos a morte dos velhos, mas ela parece um ladrão cruel quando rouba os jovens. Carl Jung disse que é "um ponto final colocado antes do fim da sentença".

Um jovem cujo melhor amigo foi morto num desastre aéreo começou um poema com estas palavras: "É difícil conter tão grande vazio". São palavras que poderiam ser ecoadas por muitos através dos tempos.

Não há respostas fáceis para a pergunta de por que tantos morrem prematuramente, mas a Bíblia nos fornece algumas respostas. Se não conseguíssemos encontrar nela soluções para os problemas mais difíceis da vida, de pouco valor seria esse Livro.

E as respostas da Bíblia fazem real diferença na vida daqueles que são confrontados pela tragédia da vida ceifada cedo. Neste capítulo, tentei também reunir algumas das mais significativas histórias daqueles que tiveram experiência pessoal

nessa área. Através de seu sofrimento, podemos encontrar algumas das respostas que descobriram.

O Irmãozinho de Ruth

As pessoas guardam aquilo que consideram precioso. Minha esposa tem uma carta escrita por seu pai em 1925, que tem sido uma fonte de conforto para ela durante muitos anos. O Dr. Bell foi missionário médico na China, onde ele e outro médico ajudaram a construir e a desenvolver um hospital, a despeito de guerras civis, de bandidos e da ocupação japonesa. Ruth nasceu no Norte da China, e foi de lá que seu pai escreveu essa carta importante.

Como é surpreendente descobrir que as pequenas coisas que fazemos durante a vida podem vir a ser o exato toque de que alguém precisa nas gerações futuras. Ruth e eu cremos que seus pais desejariam que esta carta íntima fosse partilhada com vocês.

O pequenino Nelson Bell Junior morreu com dez meses de idade, após uma enfermidade de apenas dezoito dias. O Dr. Bell escreveu:

> Virginia e eu percebemos que ele estava prestes a partir e ficamos a sós com ele quando chegou o fim. Esse foi tão doce e tranqüilo, sem luta ou evidência de dor. Ele simplesmente nos deixou de mansinho e voltou para Deus.
>
> Sua partida deixou uma dor em nossos corações e sentimos nossos braços tão vazios, mas, oh! a alegria de sabê-lo seguro. Isso nos aproximou mais de Deus e nos deu um novo laço e uma nova alegria para gozar quando estivermos no céu. Não desejamos que ele ainda estivesse conosco pois sabemos que é a vontade de Deus que ele se fosse. Não há queixume, nem desejo de que tivéssemos usado outros remédios, etc. Sentimos que tudo que era possível fazer foi feito. Tivemos a alegria de cuidar dele nós mesmos enquanto ele esteve doente e essa lembrança é muito doce. Ele havia sido um bebê tão perfeitamente saudável, de certa forma uma das crianças mais bem desenvolvidas que já vi, e tão cheio de vida que era o predileto tanto dos estrangeiros quanto dos chineses.
>
> Virginia e eu tivemos o privilégio de arrumá-lo quando ele morreu, e a seguir ela dirigiu-se imediatamente até à casa dos

Talbots onde Rosa e Ruth estavam na escola. Ela queria contar-lhes pessoalmente a fim de que não ficassem sabendo da notícia por meio dos chineses. As meninas ficaram quase inconsoláveis, mas foi uma maravilhosa oportunidade para fazer com que a grande esperança que temos se tornasse muito próxima e clara para elas.

Ele baixou ao túmulo bem na hora do pôr-do-sol e o serviço foi tão doce que oramos para que tenha sido uma bênção para o grande número de amigos chineses que compareceram. Virginia expressou exatamente o que eu estava sentindo quando saímos do pequeno cemitério (que pertence ao nosso hospital), ao dizer: "Tenho um cântico no coração, mas é difícil impedir que as lágrimas me venham aos olhos." À volta do túmulo, cantamos "Louvai a Deus de Quem Procedem Todas as Bênçãos", pois aquela morte havia tornado a maravilhosa esperança da eternidade duplamente preciosa para nós. Se não fosse por essa esperança, não estaríamos aqui na China.

Uma criança nasce, pode viver por breve tempo, e depois morre. Que bem pode possivelmente advir de uma vida tão curta, que nunca pôde desabrochar, de uma vida que nunca pôde aprender, de um corpo que foi colocado num túmulo antes de ter tempo para crescer? Creio que Deus deseja que façamos perguntas, pois só assim encontramos respostas. *A Bíblia Viva* diz: "Se você pedir inteligência e compreensão a Deus, se procurar a sabedoria como um tesouro escondido ou uma grande fortuna em dinheiro, você certamente vai encontrar. Saberá enfim o que significa honrar e obedecer ao Senhor, o que é conhecer a Deus" (Provérbios 2:3-5).

Confiar nele na vida e, também, na morte.

Como Uma Neblina

Nossos sofrimentos nos afetariam muito menos se conhecêssemos o motivo pelo qual Deus no-los mandou. Entretanto, isso nem sempre acontece. Há casos em que jamais compreenderemos durante todo o tempo em que vivermos por que Deus permite que algumas coisas aconteçam. Mas há vezes em que respostas precisas nos são dadas quanto ao significado de uma tragédia pessoal.

A história que se segue refere-se a um amigo meu que descobriu, após a morte súbita de seu filho de dezoito anos, como Deus pode fazer todas as coisas concorrerem para o bem.

A Bíblia diz: "Vós não sabeis o que sucederá amanhã. Que é a vossa vida? Sois apenas como neblina que aparece por instante e logo se dissipa" (Tiago 4:14).

Kent saiu de casa certa tarde para levar um companheiro a dar uma volta no seu novo avião. Jamais voltou. O avião caiu ao levantar vôo, e as duas jovens vidas foram instantaneamente ceifadas. Kent estava prestes a entrar para a faculdade a fim de estudar engenharia aeronáutica, e sua aspiração era a de tornar-se um piloto da Associação Missionária de Aviação. Seus pais me contaram que ele aceitou a Cristo como Salvador em nossa cruzada de Los Angeles em 1963. Ele tinha nove anos de idade naquela época, e quando completou dezoito, foi morar com o Senhor a quem amava.

Entretanto, nesses nove breves anos, aquele jovem amadureceu na vida cristã mais do que muitas pessoas fazem em uma vida muito mais longa. Ele escreveu um trabalho no último ano do colegial que demonstrou ter ele clara compreensão do que significa ser cristão.

Naquele trabalho escolar, ele contou como havia ido à cruzada e se tornado convencido de que "esse elemento espiritual estava ausente de minha vida devido àquilo que a Bíblia chama de pecado.... Foi naquele ponto da palestra de Graham que resolvi reconhecer o que Cristo havia feito por mim ao morrer na cruz. Pedi-lhe em oração que fizesse de minha vida o que ele desejaria que fosse...."

Sim, a vida de Kent foi ceifada cedo, antes que ele pudesse realizar qualquer uma de suas maiores ambições. Mas havia Deus respondido à sua oração de que fizesse de sua vida "o que ele desejaria que fosse"? A família e amigos do rapaz, nos anos que se seguiram àquele acidente fatal, viram alguns dos resultados dela. Muitos dos amigos, apanhados pela percepção das incertezas da vida, dedicaram-se a Deus. Um médico proeminente que compareceu aos serviços fúnebres sentiu-se de tal forma convencido que toda a sua vida se transformou. Tempos depois, ele fundou uma associação mundial de médicos cristãos.

Os pais de Kent foram levados a organizar um ministério

junto àqueles cujos filhos foram subitamente levados por acidente ou enfermidade.

Obviamente, Deus pode transformar uma tragédia em triunfo.

Quando a morte vem subitamente, especialmente no caso de uma criança, o choque pode ser avassalador. Sem o conforto que somente Deus pode dar, é muito difícil consolar os seus queridos enlutados. Certa senhora escreveu contando de ter encontrado o filhinho de seis anos prensado debaixo de uma pilha de toras atrás de uma serraria. Disse ela: "Sendo enfermeira, vi logo que ele estava seriamente ferido. Perguntei ao médico local, que havia sido chamado de um acampamento próximo, se não deveríamos levá-lo a um hospital. Em pé, falando com o moroso sotaque do Estado de Vermont, ele replicou: — Hospital não vai adiantar nada — melhor levá-lo a um necrotério. — Foi então que percebi, ao ajoelhar-me ao lado do corpo quebrado e ensangüentado de Craig, que ele havia ido para a Casa.

"Olhei para os amigos e as pessoas que se haviam reunido a nossa volta e falei: — Sabem onde Craig está agora? Está no céu com o Senhor. Ele aceitou o Senhor como seu Salvador na primavera passada, e sei que está seguro nos braços de Jesus. — Humanamente falando, eu deveria ter ficado histérica, batendo no chão e arrebentando em soluços, mas o Senhor me deu a tranqüilidade e a força de que eu tanto precisava. Em todos os momentos dos dias que se seguiram, eu e meu marido sentimos continuamente a presença de Deus. 'Por baixo de ti estende os braços eternos' (Deuteronômio 33:27)."[1]

Tive um sobrinho, um rapaz bonito e inteligente, chamado Sandy, filho de Leighton e Jean Ford. Um atleta extraordinário e intensamente competitivo, ele quase perdeu os sentidos no fim de uma corrida de que participou em seu último ano do colegial; os jornais publicaram uma foto que o mostrava tropeçando e caindo sobre a linha de chegada para vencer os concorrentes. Um exame revelou que ele tinha um raro problema cardíaco que fazia com que seu coração batesse com demasiada rapidez ocasionalmente. Determinado a não deixar que isso o atrapalhasse, Sandy foi para a Universidade da Carolina do Norte. Ali, ele tornou-se um líder no campus e presidente da Associação Bíblica Universitária, levando muitas vidas para Cristo através do seu testemunho. Mas o antigo proble-

ma com o coração irrompeu, e após muito debate e oração, foi decidido que era melhor operar.

Jamais me esquecerei da visita que lhe fiz no hospital numa tarde de domingo, quando voltava de Nova Iorque para minha casa em Montreat, na Carolina do Norte. Jean, minha irmã, entrou também, assim como a namorada de Sandy, e passamos momentos maravilhosos conversando, orando e rindo. Depois, fui até Winston-Salem visitar Leighton, o pai, que estava realizando uma semana de reuniões numa igreja daquela cidade, e juntos oramos e entregamos Sandy ao Senhor. Na quinta-feira, os médicos operaram, e todos estavam otimistas quanto à possibilidade de o problema ser solucionado. Mas não conseguiram fazer com que o coração de Sandy recomeçasse a bater. A jovem vida vibrante do rapaz, tão cheia de promessa e potencial e dedicação a Cristo, havia chegado ao fim.

Nossa família não pôde deixar de perguntar: "Por quê?" Como poderíamos conciliar a morte de Sandy aos propósitos de um Deus amoroso? Por fim, tivemos de admitir que não conhecíamos toda a resposta — mas que Deus conhecia, e ele merecia a nossa confiança. Minha esposa Ruth sugeriu a melhor resposta, contudo, mostrando que a obra que Deus confiara a Sandy estava completa. Desde aquela época, um livro a respeito de sua vida e morte chegou à lista dos mais vendidos, inspirando e desafiando a milhares de pessoas. Um pecúlio estabelecido em memória desse jovem propicia todos os anos bolsas de estudo a dezenas de estudantes que estão-se preparando para carreiras em missões e evangelismo. Deus usou a morte de Sandy para alcançar vidas de uma forma que ninguém poderia ter imaginado.

Como eu disse no culto comemorativo da vida de meu sobrinho, Sandy: — Sua vida não foi ceifada prematuramente; foi completada.

O finado Joe Baily escreveu a respeito da morte dos jovens a partir de experiência pessoal. Ele perdeu três filhos: um com dezoito dias, após uma cirurgia; outro, com cinco anos, de leucemia; o terceiro, com dezoito anos, após um acidente de trenó complicado por leve hemofilia. Joe disse: "De todas as mortes, a de um filho é a menos natural e a mais difícil de suportar." Ele não subestimou a dor dos pais, acrescentando: "Quando morre um filho, parte dos pais é enterrada."

Outros, que enxerguem "a paz de Deus que excede todo o entendimento" (Filipenses 4:7) como uma atitude de indiferença ou insensibilidade, cometem um erro. Emoções intensas brotam no coração e mente daqueles que sofrem a perda de um filho na infância ou na juventude. Mas o cristão tem a firme promessa de Jesus de que "Não vos deixarei órfãos, voltarei para vós outros" (João 14:18).

— Você não imagina o que é viver com um filho que está morrendo — disse-nos certa mãe. A fé é testada a um ponto impossível de imaginar para aqueles que jamais passaram por essa provação.

Joe Baily, que conheceu essa provação, disse: "Pais que mimam um filho durante a época de moléstia grave não lhe estão fazendo nenhum favor. Poucas coisas têm maior probabilidade de mostrar o fato de estarmos preocupados com ele do que tratá-lo de forma especial. Essa é a hora de tratá-lo normalmente, incluindo — embora isso pareça muito difícil — disciplina, se necessário. É claro que passaremos mais tempo com o filho doente."[2]

A História de Erika

Erika foi o primeiro bebê de Lauren e Dave. Era uma pintura de tão linda, alegremente recebida pela congregação da igreja onde Dave era o pastor encarregado dos jovens. Poucos meses se passaram, e todos começaram a ficar preocupados pelo fato de a pequenina Erika ter dificuldade em erguer a cabeça. Ela não conseguia controlar os bracinhos e suas outras habilidades físicas não estavam se desenvolvendo. Quando ela completou um ano, era óbvio que não havia crescido tanto quanto deveria. Os jovens pais, preocupados, levaram-na a especialistas médicos e neurologistas a fim de obter um diagnóstico. O consenso foi de que ela possuía uma moléstia rara, para a qual não havia cura conhecida.

Durante o seu segundo ano de vida. Erika tornou-se suscetível a qualquer moléstia que a atacasse. Teve pneumonia diversas vezes. Lauren começou a afastar-se das atividades da igreja, desistiu do seu grupo de estudo bíblico, e dedicou todo o seu tempo ao cuidado de Erika. A mãe achava que se res-

guardasse a filhinha de possíveis infecções, esta poderia ficar mais forte.

A luta de Erika pela sobrevivência era uma frustração para Lauren e Dave, por não parecer haver qualquer coisa que a profissão médica pudesse fazer por ela. Lauren lembrava-se de como chegou a um dos mais baixos patamares, emocionalmente falando, quando alguém impensadamente lhe disse: — É devido à sua falta de fé que Erika não está sendo curada.

Certa manhã, bem cedo, Dave foi ver se estava tudo bem com sua filhinha. Percebeu que a pele da garotinha exibia um tom castanho-acinzentado ao invés do rosado de sempre, e os médicos aconselharam-no a levar Erika às pressas para o pronto-socorro do hospital. Quando chegaram lá, ela já estava em estado de choque, e esforços foram feitos imediatamente para ressuscitá-la. Poucas eram as suas probabilidades de sobrevivência. Entretanto, ela voltou a si, e quando os pais ficaram sabendo que ela estava melhorando, Dave falou: — Não era a hora certa para Deus levá-la. Agradecidos, confiamos no seu cuidado e na sua escolha do momento.

Lauren estava esperando o segundo bebê do casal, e à medida que a moléstia de Erika se tornou mais conhecida da equipe de médicos do hospital, a criança que estava para nascer tornou-se objeto de crescente preocupação. Um especialista em genética disse a Lauren e Dave que todos os seus futuros filhos teriam uma probabilidade em quatro de nascer com a mesma moléstia.

Certo dia em que Dave não estava no hospital, o médico de Erika sugeriu à Lauren que ela devia pensar em fazer um aborto. — Pelo menos, considere a idéia de fazer uma amniocentese para saber se quer ou não terminar esta gravidez — disse ele.

Dave ficou bravo quando soube que haviam recomendado um aborto. "Essa sugestão veio do abismo!" escreveu ele em seu diário. "O que mais pode-se esperar de alguém sem nenhuma recepção espiritual?"

Durante as duas próximas semanas, o jovem casal passou por uma montanha russa de emoções. Certo dia, Dave escreveu: "De modo geral, estamos bem animados, achando que talvez Erika ainda tenha possibilidade de sobreviver." Mas dentro de alguns dias, ele e Lauren tiveram de responder à gran-

de questão: que medidas deveriam ser tomadas para ressuscitar Erika se um ataque induzisse uma parada cardíaca? "Isto é agonia", escreveu Dave. "Como podemos estar envolvidos em fazer esse tipo de escolha? Estamos pedindo a sabedoria sobrenatural de Deus com relação a esta provação. Nada mais adianta."

O médico que havia sugerido o aborto disse a Dave e Lauren que a estabilidade dos dois o ajudou a fazer o seu trabalho. Mas ele ficou a indagar-se se eles estariam suprimindo seus sentimentos e sofreriam mais tarde como resultado disso. — Admitimos francamente — disse Dave — que choramos juntos e sofremos juntos quando estamos a sós... às vezes, junto com outros também. Mas conhecemos uma paz verdadeira ao crer que Deus está soberanamente controlando esta situação.

No último dia da vida terrestre da pequenina Erika, seus pais se defrontaram com graves decisões que precisavam ser feitas prontamente. Os médicos lhes perguntaram se queriam que eles empregassem medidas extraordinárias para manter viva a menina. Os pais resolveram que era hora de dizer "não". Enquanto Lauren segurava Erika nos braços e cantava suavemente para ela, o casal viu a vida de sua filhinha desaparecer de mansinho.

Erika modificou vidas por causa de sua mãe e seu pai, por causa dos amigos que visitaram o hospital e das igrejas que oraram. E Lauren e Dave tiveram mais duas filhinhas saudáveis desde que Erika morreu. E se eles tivessem dado ouvidos ao conselho do médico em favor do aborto?

A história de Erika não é um capítulo concluído. Seus pais viram que muitas pessoas testemunhavam a respeito de Deus com nova intrepidez durante o tempo em que Erika esteve no hospital. Lauren disse: — "O tempo não cura... é o que a gente faz com o tempo que cura." Conforme disse Jack Black: "Uma vida longa ou uma curta são igualmente importantes para Deus."

A História de Robin

Milhões de pessoas por todo o mundo foram tocadas nos últimos trinta anos pela vida de uma meninazinha que viveu dois breves anos. Seu nome era Robin e ela nasceu com um

caso fronteiriço da sindrome de Down. Tinha também um problema cardíaco congênito que lhe dava muito pequena probabilidade de sobreviver por muito tempo.

Certo dia, a mãe de Robin recebeu um telefonema de um ministro que não conhecia, e que lhe disse: — A senhora e seu marido logo começarão a receber o que o Senhor deseja que aprendam com essa criança. Na minha opinião, esses pequeninos têm permissão para vir a este mundo para servirem de bênçãos nas vidas das pessoas. Sua presença ensina paciência e compreensão que torna mais piedosos aqueles que as cercam. Sr.ª Rogers, a senhora foi verdadeiramente abençoada por Deus, e pode estar certa de que a sua doce Robin receberá algum dia uma bela recompensa no além.[3]

Os pais de Robin são meus amigos de muitos anos, Roy Rogers e Dale Evans, e o livro que Dale escreveu, *Angel Unaware* (Anjo Inconsciente), esteve entre os mais vendidos. Dale falou da agonia de consultar médicos apenas para lhe dizerem que não havia esperança. Contou dos sentimentos angustiosos de ver uma criança indefesa sofrendo.

Quando Dale escreveu aquele incrível livrinho, não o fez do seu ponto de vista, mas, sim, como se o bebê, Robin, estivesse falando do céu. Robin falou acerca do seu paizinho, e de como ver crianças deficientes sempre o magoava e o levava a questionar por que um Deus amoroso permitia o sofrimento de crianças. E foi assim que Roy começou a ler a sua Bíblia "como se nunca a tivesse visto antes". Da experiência de ter uma criança excepcional, um novo Roy Rogers nasceu.

Dale disse que sente-se grata por o Senhor ter-lhes mandado Robin, pois isso fez com que ela andasse mais perto de Deus.

Não tem sido fácil para Roy e Dale: dois outros filhos morreram na infância. Mas através das lições que aprenderam, do bem que têm feito a outros sofredores, e de sua sincera dedicação ao Senhor, são capazes de cantar "Paz no Vale" de todo o coração.

Síndrome da Culpa

Geralmente, quando uma criança está sofrendo, os pais se perguntam: "O que fiz de errado? Como foi que pequei?" A culpa passa a acentuar a dor. Às vezes, a culpa vem na for-

ma de: "Se ao menos eu tivesse...", e então eles ficam a repassar vez após vez todas as coisas que acham que poderiam ter feito para evitar a doença ou o acidente. Contaram-me que certa senhora passou anos culpando-se por ter levado a filhinha a um parque e permitido que ela brincasse num riacho. A criança apanhou um resfriado que se transformou numa crise fatal de pneumonia. A mãe permitiu que a sensação de responsabilidade e culpa a perseguisse pelo resto da vida.

Até mesmo os discípulos perguntaram a Jesus: "Quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?" (João 9:2.) Eles também achavam que o sofrimento era algo sempre trazido pelo pecado.

Concordo em que há moléstias e mortes diretamente resultantes do pecado do homem. Elas estão ao nosso redor todos os dias. Entretanto, no exemplo do cego, e no caso de crianças inocentes, Jesus tinha a resposta. Disse ele: "Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi para que se manifestem nele as obras de Deus"(João 9:3).

Não estou dizendo que os pais de crianças que nascem com alguma deficiência, ou tornam-se doentes, ou sofram um acidente e morram, não sejam pecadores. Todos nós somos. Entretanto, se acreditarmos que Deus castiga nossos filhos ou nossos queridos por termos pecado, caímos em cruel engano. Assumir a responsabilidade conduz à depressão e à culpa injustificada, e jogar a responsabilidade sobre o marido ou a esposa pode causar uma ruptura no casamento bem na hora em que o filho enfermo ou os outros filhos necessitam desesperadamente da segurança da família.

Alguns pais podem ficar chocados ao saberem que nossos filhos não são propriedade nossa. Deus no-los confiou, e em geral passamos de dezoito a vinte anos provendo os meios para a sua educação, e esse é o tempo de que dispomos para cumprir a tarefa que nos foi confiada. (Não me compreendam mal — não os jogamos no olho da rua nesse ponto. Mesmo depois de adultos, eles continuam sendo nossos filhos. Relacionamentos não mudam, apenas as obrigações mudam.)

Contudo, Deus pode transferir nossos filhos para o lar dele a qualquer momento. Se Jesus voltasse hoje e dissesse: — Quero assumir todo o ensino e educação de seu garotinho —, você alegremente soltaria a mãozinha dele e a colocaria

na mão de Jesus, não é mesmo? É isso o que acontece quando ele leva uma criança para o céu.

Por Que Criancinhas Sofrem?

Os discípulos de Jesus estavam irritados. O Mestre estava cansado, tendo ensinado o dia inteiro, e ali estava toda aquela criançadinha, cercando-o. Não dá para imaginar a cena? As mães queriam que os meninos e as meninas tocassem em Jesus, e os discípulos procuraram fazer com que as crianças se afastassem. Mas Jesus lhes estendeu os braços e disse: "Deixai os pequeninos, não os embaraceis de vir a mim, porque dos tais é o reino dos céus" (Mateus 19:14).

Traduzida para o vernáculo moderno, a mensagem queria dizer: "Deixem as criancinhas em paz, não as impeçam de vir a mim. Vocês não sabem que o reino dos céus pertence às crianças?"

Todos nós teremos de entrar no reino dos céus com a fé e a confiança simples de uma criança, mas há um lugar especial reservado no coração do Senhor para os pequeninos.

Certa mãe, cujo filhinho morreu, disse: — Dou graças a Deus por ele nos ter emprestado aquele jovenzinho por alguns anos, e por sabermos que o veremos novamente quando formos reunidos com Cristo após a morte. Que reunião alegre! Que Salvador maravilhoso é esse que providenciou a dádiva da vida eterna!

Como deve ser verdade que o Senhor ama as criancinhas, pois ele chama tantas delas para junto de si. Nossa esperança de que aqueles que morrem na infância sejam amorosamente levados até Deus foi expressa de linda forma pelo rei Davi quando seu filhinho morreu. Falando da criança, ele disse: "Eu irei a ela, porém ela não voltará para mim" (2 Samuel 12:23).

"Se Eu Morrer, sem Acordar"

Duvido que a maioria das crianças pense muito no que diz ao murmurar essa oraçãozinha. "Recebe a minha alma, ó Senhor", é como ela termina. Hoje essa prece tem sido negligenciada por grande parte dos pais modernos, e até mesmo

banida por alguns. Mas o que dizemos aos nossos filhos a respeito da morte?

Fui criado numa fazenda e ali a morte era uma realidade sempre presente. Os animais davam cria e algumas das crias morriam. A morte não era nenhum segredo. Meus filhos foram criados com uma coleção de animais. Inevitavelmente, alguns deles morreram. De algum modo, sem uma longa explicação psicológica, nossos filhos vieram a perceber que a morte faz parte da experiência humana e deve-se contar com ela.

Nossa filha, Anne Lotz, é hoje uma das grandes professoras de Bíblia no país. Mas posso lembrar-me de que, em torno dos treze anos de idade, ela teve um maravilhoso cão policial. O cão morreu. Anne, naturalmente, chorou. Como ela amava aquele cachorro! Lembro-me de tê-la levado ao meu escritório e explicado que Deus a estava ensinando e educando para coisas que poderiam acontecer mais tarde em sua vida, e que essa morte a faria depender muito mais do Senhor. Ajoelhamo-nos e oramos. E lembro-me daqueles momentos, breves mas extraordinariamente especiais, que tive com Anne, jamais sonhando o que ela viria a ser à medida que sua vida foi sendo fortalecida por eventos como esse e pelo estudo da Escritura.

Na verdade, animaizinhos de estimação são uma ótima forma de ensinar as crianças acerca da morte. A morte de um bichinho pode representar, para a criança, o ensaio final de outras perdas. Se tratarmos essa morte com respeito e dignidade, respondendo às perguntas da criança, estaremos provavelmente ajudando a prepará-la para os inevitáveis encontros com a morte de um amigo ou parente. Não há dúvida de que a morte de uma pessoa é coisa muito diferente: amigos e queridos não são tão facilmente substituídos.

Quando a criança tem um bichinho que morre, os pais sábios por vezes arranjam um novo cãozinho ou gatinho para substituir o querido animalzinho. Não deixam com que a criança fique muito tempo envolta em tristeza desnecessariamente. Um bichinho maravilhoso e fiel torna-se parte da família, e quando ele parte, vão sentir muito a sua falta. Mas, com o tempo, um novo animalzinho pode trazer seu amor especial à vida da criança.

Quando Ruth era criança e vivia na China, teve um vira-

latas chamado Tar Baby (Boneco de Piche). Quando ele morreu, foi enterrado do lado de um muro no complexo. Em 1980, quando ela voltou ao lugar onde nasceu com o irmão, Clayton, e duas irmãs, Rosa e Virginia, uma das primeiras coisas que fez foi procurar o lugar onde Tar Baby estava enterrado. Cinqüenta anos depois, ela lembrou-se de onde o túmulo daquele cãozinho estava.

Sempre que a criança se defronta com a morte, é importante que possa falar a respeito. Fico preocupado quando os membros de uma família escondem o que estão sentindo. Quando nossos filhos eram pequenos, eu nem sempre estava por perto para compartilhar todos os desafios diários em suas vidas (embora eu tenha estado ali mais do que a maioria das pessoas pensa). Mas todos sabiam que mamãe estaria à disposição para ouvir todos os seus problemas, e, se ela não estivesse por ali, os pais dela, o Doutor e a Srª Bell estavam.

Contar aos filhos sobre a morte de alguém que eles amam pode ser uma das mais difíceis tarefas da vida. Mas mesmo a bem intencionada informação errada causa maior dano do que a verdade nua e crua.

Disseram a João, de sete anos de idade, que seu tio estava dormindo. Por muitas noites, o menino se recusou a dormir, atemorizado daquilo que o espreitava na escuridão do quarto. Demorou meses para que o garotinho voltasse a dormir como sempre o fizera.

É igualmente cruel dizer à criança que a pessoa falecida foi fazer uma viagem. A morte não é uma viagem, mas, sim, um destino. Falar em viagem dá a entender que a pessoa falecida abandonou os seus queridos sem se despedir, e dá margem à falsa esperança de que ela possa voltar.

Os cristãos precisam tomar cuidado para falar à criança acerca da morte sem fazer com que Deus pareça cruel. "Deus levou a tia Ceci" pode levar a criança a perguntar: "Que tipo de Deus é esse que levaria alguém embora dessa maneira?" Quando contei ao meu sobrinho Kevin que seu irmão, Sandy, havia morrido, lembro-me de ter dito: — Sandy está no céu.

A melhor coisa que podemos fazer pela criança é falar-lhe acerca da morte sem esconder os fatos. Visualizar o céu a confortará, e descrever um lugar onde não há sofrimento nem problemas é algo que até mesmo a menor das crianças pode

entender. Não devemos ter medo de falar abertamente a respeito da pessoa que morreu, relembrando em especial as horas alegres de que participou e as histórias engraçadas a respeito dela.

Os Fatos da Morte

A meninada tende a pensar na morte como uma brincadeira. "Atira nele! Bangue! Está morto!" Essa é uma ordem que não é levada a sério. Nossos filhos brincaram muitas vezes de bandido e mocinho ou vaqueiros e índios nas colinas que rodeavam a nossa casa na Carolina do Norte. A criançada de hoje enverga roupas tipo uniformes de camuflagem e coloca no bolso as facas tipo Rambo para a grande aventura de "procurar e destruir".

À medida que ficam mais velhinhos, falamos acerca de ensinar-lhes os "fatos da vida". Os "fatos da morte" são o complemento natural. Entretanto, nestes dias de "megamorte", com notícias de terremotos na América do Sul, aviões caindo em nossas capitais, furacões nas praias do Atlântico, ou gente morrendo de fome na África, temos sido bombardeados com imagens de morte até o ponto da indiferença. Estima-se que as crianças cheguem a ver a representação gráfica de até 15.000 mortes antes de chegarem à adolescência. Os psicólogos estão dizendo que o aumento da violência na televisão já está tendo sérias conseqüências nas vidas das crianças, à medida que elas crescem.

Entretanto, as notícias dos jornais e as imagens na tela parecem remotas até que alguém que a gente conhece morre. É nessa hora que precisamos conversar, não esconder os fatos. E como falamos é mais importante do que precisamente as palavras que usarmos.

Após a trágica explosão da nave espacial *Challenger* em 1986, os alunos da classe de Christa McAuliffe tiveram sérias dificuldades em enfrentar a dor e a realidade da morte de sua professora. A dificuldade de aceitar as mortes dos tripulantes foi ampliada pelo impacto de ver a explosão fatal repetida novamente na televisão inúmeras vezes. Aqueles que assistiram os noticiários aquele dia terão grandes dificuldades em esquecer.

Não importa quão triste a verdade possa ser, a criança acha mais fácil enfrentá-la do que as evasivas. O cristão preci-

sa tratar honestamente as perguntas feitas pela criança acerca do nascimento, do corpo e da alma.

Um psicólogo escreveu no jornal *Los Angeles Times*: "Antes que o adulto possa ajudar a criança, contudo, é necessário que ele próprio compreenda o processo do luto, seja capaz de falar a respeito da morte, de enfrentar a sua própria mortalidade, e compreenda que o mais importante é ser capaz de sentir e expressar esses sentimentos com lágrimas, palavras e atividades físicas como uma forma de descarregar a raiva."[4]

No livro *Children's Letters to God* (Cartas de Crianças a Deus), um menininho escreveu: "Querido Deus, o que acontece quando alguém morre? Ninguém me diz. Eu só quero saber, não quero morrer. Seu amigo, Mike."[5]

Se eu pudesse responder ao Mike, primeiro sentar-me-ia com ele, meus braços a cercá-lo, e diria: — Mike, tudo tem a sua hora de morrer. Quando alguém morre, o corpo no qual viveu pára de respirar e movimentar e ver e ouvir. A pessoa que tinha aquele corpo já não sofre ou se preocupa. Esse é o seu corpo aqui da terra. Mas também temos um espírito, Mike, e quando convidamos Jesus a entrar em nosso coração, teremos um corpo espiritual do céu. Sabe, filho, Deus nos diz que teremos novos corpos, fortes e saudáveis, corpos sobrenaturais e espirituais.

Quando Se Perde um Ente Querido

Mike, e todas as crianças como ele, precisa de respostas simples e honestas, e muito amor. Se acontecesse de alguém a quem Mike ama morrer, ele precisaria ser capaz de se expressar sem ser julgado por suas ações. Ele pode demonstrar indiferença ou raiva. Pode reverter aos hábitos de quando era bebê.

Um amigo me contou acerca de seu filho de onze anos, que desenvolveu uma atitude muito apegada após a morte de seu irmão mais velho. O menino chorava se os pais queriam sair à noite. Não queria ir a parte alguma sem o pai ou a mãe. Ele fez uma excursão com os escoteiros por um fim de semana e ficou mal do estômago antes que o grupo chegasse ao lugar em que ia acampar. Felizmente, um conselheiro compreensivo o levou de volta para casa, sem forçá-lo a ficar.

A perda de um dos pais através da morte é uma experiên-

cia pela qual passa um em seis jovens antes de atingir a idade de dezoito anos, e as estatísticas hoje com relação ao número dos filhos do divórcio indicam que milhões de jovenzinhos são vítimas de uma perda às vezes pior que a da morte.

Uma das coisas pelas quais me senti responsável é alertar as igrejas a fim de constituírem uma extensão de braços amorosos às vítimas infantis. Uma criança magoada, cheia de ressentimento, será um adulto que acha que ninguém se importa, e continuará o ciclo de dor. Acima de tudo, os adultos precisam reconhecer que a Bíblia nos diz para cuidarmos das viúvas e dos órfãos: "A religião pura e sem mácula, para com o nosso Deus e Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e a si mesmo guardar-se incontaminado do mundo" (Tiago 1:27), sendo essa a obrigação de toda a comunidade cristã.

As crianças sentem necessidade de falar a respeito da morte de um ente querido, da mesma forma que os adultos. Stephen tinha onze anos quando o pai morreu. Disse ele em uma entrevista: — Fiquei em casa duas semanas sem ir à escola e quando voltei, já não estava chorando. Meus amigos disseram: "Não parece que você esteja muito triste com a morte do seu pai. Nem parece que sente falta dele." Eu me sentia triste, mas apenas não queria chorar na frente deles. Um garoto chegou a dizer: "Você deve estar contente por seu pai ter morrido, porque não está chorando." Esse comentário me deixou tão chateado que contei à minha mãe o que tinham dito quando cheguei a casa. Ela disse que era porque quando eles me viam, pensavam como estariam tristes se seus pais tivessem morrido, e não percebiam que eu já havia chorado em casa tudo o que tinha de chorar.

Stephen disse ainda: — Não sei se algum dia verei meu pai outra vez. Ninguém sabe ao certo coisa alguma a respeito do céu porque quem está aqui ainda não morreu. Mas acho que parte de papai ainda está comigo. Seu corpo não está, mas seu espírito, sim. Se ele estiver em algum lugar, acho que está no céu com o vovô. De noite, geralmente oro a Deus e digo: "Por favor, ajude o papai e o vovô se divertirem aí."[6]

Eu gostaria de dizer a todos os Stephens deste mundo que, sim, o céu realmente existe. Jesus veio de lá, e morreu, e voltou a fim de preparar um lugar para nós.

O Que Acontece à Família?

Quando uma criança ou um jovem morrem, os pais às vezes colocam-nos num pedestal no qual jamais estiveram em vida. Aquele que se foi pode tornar-se o mais perfeito filho ou filha que jamais viveu, pelo menos na lembrança dos pais. Certa senhora me contou que toda a vida sentiu ressentimento contra sua irmã falecida porque a mãe sempre falava a respeito da "Lucilinha" como se tivesse sido uma santa.

Não é justo atribuir virtudes que ultrapassem o verdadeiro caráter da pessoa. Por outro lado, pode ser salutar esquecer as lembranças amargas e apegar-se às alegres.

A família fica mais unida como resultado da morte ou se distancia mais ainda. Nada parece permanecer o mesmo. A morte de uma criança, especialmente a primogênita ou uma filha única, pode criar severas dificuldades no casamento. Disse um psiquiatra: "Não existem estudos adequados, mas algumas autoridades estimam que o número de casais que pode vir a separar-se após a morte de um filho chega a até 75%, especialmente se eles não procurarem ajuda competente."[7]

Mas existe ajuda. C.S. Lewis diz: "Deus sussurra em nossos prazeres, fala em nossa consciência, mas grita em nosso sofrimento: ele é o seu megafone para despertar um mundo surdo."[8]

Ninguém gosta que se lhe dirijam aos gritos, e contudo Deus nos ama a tal ponto que, quando chega a dificuldade, ele está ali a nos chamar para mais perto de si.

As crianças podem ser os pequenos trombetistas que nos fazem cair em nós mesmos e cair de joelhos. "Jesus, porém, disse: Deixai os pequeninos, não os embaraceis de vir a mim, porque dos tais é o reino dos céus" (Mateus 19:14).

5
Andando pelo Vale

Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, porque tu estás comigo...

— SALMO 23:4

O Dr. Donald Grey Barnhouse foi um dos maiores pregadores dos Estados Unidos. Sua primeira esposa morreu de câncer aos trinta e poucos anos, deixando três filhos com menos de doze anos. Barnhouse quis pregar ele mesmo no serviço fúnebre. O que um pai diz aos filhos órfãos de mãe numa hora dessas?

Quando se dirigia com sua pequena família para o sepultamento, um grande caminhão passou por eles na estrada, lançando uma sombra sobre o carro. Barnhouse voltou-se para a filha mais velha que estava olhando desconsoladamente pela janela e perguntou: "Diga-me, meu bem, você preferiria ser atropelada por aquele caminhão ou pela sombra dele?"

A garotinha olhou curiosa para o pai e disse: "Acho que pela sombra. Ela não pode machucar ninguém."

O Dr. Barnhouse disse baixinho aos três filhos: "Mamãe não foi atropelada pela morte, mas, sim, pela sombra da morte. Nada temos a recear." No sepultamento, ele usou o texto do Salmo 23, que tão eloqüentemente expressa essa verdade. A ilustração da experiência do Dr. Barnhouse tem sido usada por inúmeros pregadores a fim de ajudar outras famílias a enfrentarem o medo da morte.

Muitas pessoas dizem que não temem a morte, mas, sim, o *processo* de morrer. Não é o destino, mas, sim, a viagem que as assusta.

John Newton, um ex-traficante de escravos, converteu-se e tornou-se grande pregador e compositor de hinos da Igreja da Inglaterra. Dois anos antes de morrer, em 1807, ele se encontrava tão fraco que mal conseguia manter-se em pé no púlpito; alguém tinha de sustentá-lo enquanto ele pregava. Pouco antes de morrer, quando estava confinado ao quarto e impossibilitado de movimentar-se, disse a um amigo: — "Estou como alguém que vai fazer uma viagem de diligência, esperando todo o tempo a sua chegada, freqüentemente olhando pela janela para ver se ela já chegou... Estou de malas prontas e fechadas, e pronto para a partida."[1]

Pode ser que você tenha ouvido falar em Newton; foi ele quem escreveu as palavras cantadas no mundo inteiro: "Ó graça inaudita, que doce som."

Os Perigos de Negar

Quer nossa viagem final seja feita em diligência, lenta e árdua, ou em avião a jato, rápida e tranqüila, a jornada pelo vale vai acabar chegando ao fim. Como devemos viajar, e como podemos ajudar àqueles que amamos em sua viagem?

Como cristãos, somos constantemente bombardeados com atitudes e valores contrários ao ensinamento bíblico. Embora o problema da morte tenha sido trazido à luz do dia, negar a própria mortalidade é instintivo para a maioria de nós. Não importa quão bem cuidemos de nós mesmos, pode chegar a hora em que nos defrontemos com sério problema de saúde. Às vezes, não temos escolha quanto à nossa condição física ou mental. Como viver em uma cultura basicamente não-cristã e superar o desespero que pode vir quando a morte parece próxima?

Com sua inimitável bravura, disse Katherine Hepburn: "Acho que finalmente chegamos ao ponto em que aprendemos a enxergar a morte com senso de humor. É preciso. Quando se chega à minha idade, é como se a gente fosse um carro. Primeiro, é um pneu que se vai, e o levamos para ser consertado. Depois, um farol dianteiro se queima, e fazemos com que se-

ja consertado. E, então, um dia, a gente vai ao mecânico, e o homem diz: 'Sinto muito, minha senhora, eles já não fazem esta marca.'"[2]

Mas chega a hora em que o humor torna-se mortalmente sério. Ninguém, ao ficar sabendo que tem uma moléstia fatal, ri e finge que nada mudou. A primeira reação é: "Você deve estar enganado." "Eu não." Más notícias são muito freqüentemente recebidas, a princípio, com descrença.

Pode ser muito perigoso negar a realidade. Um proeminente urologista sofreu severas dores na parte inferior das costas por prolongado período; embora tivesse diagnosticado pacientes com condições semelhantes, recusou-se a ser tratado até que a moléstia estivesse além da possibilidade de cura por parte da ciência médica. Ele não queria ouvir as más notícias, e, assim, preferiu não ouvir notícia alguma.

A Drª Ruth Kopp, uma médica cristã especialista em oncologia clínica, tem muitos anos de experiência com pacientes terminais. Escreveu ela: "O primeiro efeito importante de negar a realidade que já vi nos meus relacionamentos com os pacientes é o de produzir uma surdez parcial. Embora a equipe do hospital tivesse dito a Jessé (o paciente) que ele tinha câncer espalhado, inoperável, ele se manteve surdo a muito do que foi dito. Nesse aspecto, não foi diferente de outros na mesma situação!"[3]

Um paciente terminal pode rejeitar o que ouviu, e a seguir negar a necessidade de tratamento. Alguns ouvirão o diagnóstico do médico para, a seguir, começar uma ronda de outros médicos que lhe dêem melhores novas. É claro que não há nada errado com obter outras opiniões qualificadas; o fato em si não deve ser considerado como negação. Outros procuram métodos estranhos e gastam tempo e dinheiro com curas temporárias, muitas vezes fraudulentas, dos sintomas, ao invés de enfrentar a realidade de sua condição.

A negação não é necessariamente sinal de fraqueza, mas uma emoção normal que precisa ser expressa. Às vezes, serve como mecanismo protetor para guardar a pessoa de uma situação ameaçadora enquanto o indivíduo não está emocionalmente pronto para enfrentá-la. Se persistirmos em negar a realidade, contudo, estaremos erguendo barreiras entre nós e a ajuda de que carecemos — da parte dos outros e da parte de Deus.

Disse o profeta Jeremias: "É impossível curar uma ferida dizendo que ela não existe; mas os sacerdotes e profetas enganam o meu povo com falsas promessas de paz, quando a guerra se aproxima rapidamente" (Jeremias 6:14 — *A Bíblia Viva*). E ainda assim queremos ignorar um diagnóstico acerca de nossa condição física se for desagradável.

O capelão Phil Manly conta uma história que ilustra a força que a negação pode exercer no mascarar da verdade. Um bebê gravemente queimado foi admitido à ala de queimaduras do Centro Médico do Exército em Los Angeles. A mãe estava com o bebê quando ele morreu. No dia seguinte, a enfermeira de plantão naquela ala recebeu um chamado da mãe, que perguntava como o bebê estava passando e a que horas ela podia visitá-lo. Com muito amor, a enfermeira e o capelão Manly conseguiram levá-la a aceitar a realidade da morte do filhinho.

Jesus teve problemas com a atitude de negação dos seus discípulos. Ele lhes disse repetidas vezes que seria traído e crucificado, mas eles se recusavam a ouvir. Pedro chegou a repreendê-lo por dizer que ia ser morto e ressuscitaria depois de três dias: "Desde esse tempo, começou Jesus Cristo a mostrar a seus discípulos que lhe era necessário seguir para Jerusalém e sofrer muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser morto, e ressuscitado no terceiro dia. E Pedro, chamando-o à parte, começou a reprová-lo, dizendo: Tem compaixão de ti, Senhor; isso de modo algum te acontecerá" (Mateus 16:21, 22).

Pedro sabia que Jesus falava a verdade, mas não queria ouvi-la.

Quando a Verdade Machuca — ou Cura

A Bíblia diz que devemos seguir "a verdade em amor", e, contudo, há horas em que a verdade parece tão dura que fugimos dela. Uma forma de reagir quando o paciente terminal está na fase de negar a realidade é unir-se a ele, escondendo a cabeça no buraco, como faz a avestruz. Mas a Dr.ª Ruth Kopp adverte: "Se a sua reação for um comportamento prejudicial ao indivíduo, é imprópria."[4] A maior parte das pessoas não consegue enfrentar o fato de sua própria morte vinte e

quatro horas por dia, e precisa fingir, pelo menos por algum tempo, que a situação pode nada mais ser que um pesadelo.

Outra reação que podemos ter quando alguém nega o fato é evitá-lo. Muitas pessoas a quem já foi dito que tinham apenas algumas semanas ou meses de vida viveram para rir do diagnóstico anos mais tarde. O cristão pode ter completa confiança de que Deus o tenha curado, a despeito de os relatórios médicos mostrarem o contrário. Uma resposta realista, dada com suavidade e amor poderia ser esta: "Sabemos que Deus pode curar, e que ele realmente o faz. Mas não sabemos o que ele reserva para você ou para mim. Vamos confiar no tratamento dos médicos, e continuar a orar pela cura, pedindo que seja feita a vontade de Deus." Um médico me disse que ele usava a reação de "esperar para ver" todas as vezes que algum paciente terminal dizia que Deus já o havia curado. Se não for o que tiver acontecido, a pessoa enfrentará a realidade mais tarde.

Ninguém Sai Ganhando

Alguns tipos de negação podem ser perigosos para o paciente e para os seus queridos. Refiro-me especificamente ao jogo do "Vamos poupá-lo". O paciente sabe que sua moléstia é terminal. Há coisas importantes que essa pessoa deseja dizer ao cônjuge e filhos, mas receia que eles não consigam aceitar o fato de que ela pode morrer logo, e por isso as poupa, evitando tocar no doloroso assunto. O cônjuge, sabendo que o companheiro tem pouco tempo, deseja manter a atmosfera alegre, e assim não faz as perguntas que precisaria fazer acerca da família e das finanças, que lhe pesam no coração. A família gostaria de dizer ao paciente algumas das coisas que nunca chegou a lhe dizer quando ele estava bem de saúde, mas teme transtorná-lo. Todos participam do jogo, e ninguém sai ganhando.

O que aconteceria se, pelo contrário, aqueles que estão próximos da morte fossem estimulados a se expressar e a falar abertamente a respeito da doença? E o que aconteceria se seus entes queridos dessem ouvidos a essas ansiedades ao invés de ignorá-las? Nada acalma a solidão ou a depressão tanto quanto a possibilidade de falar acerca desses temores e ansiedades.

Os Amigos de Jó: Quem Precisa de Inimigos?

Jó foi afligido com tantos problemas físicos e emocionais que seu nome é sempre associado ao sofrimento. Sua riqueza lhe foi tirada, e seus filhos e filhas foram esmagados quando uma grande ventania demoliu a casa onde estavam jantando. Jó foi atacado por terríveis tumores, da cabeça aos pés. A esposa e os irmãos se afastaram dele e as crianças fugiam ao vê-lo. Aqueles a quem amava se voltaram contra ele. Ele foi ridicularizado por pessoas que antes o respeitavam.

Então vieram aqueles "amigos bem intencionados" que lhe tentaram explicar a causa do seu sofrimento. Um "amigo" lhe disse que ele estava sendo castigado por Deus menos do que merecia. Outro argumentou que, se ele tivesse sido puro e bom, Deus ouviria suas preces e lhes responderia.

Em vários disfarces modernos, muitos dos "amigos de Jó" ainda existem entre nós hoje. Não há nada mais perigoso do que a meia-verdade, portanto examinemos o que a Bíblia diz a respeito da doença, moléstia e dor que geralmente precedem todas as mortes menos as súbitas, acidentais.

Sabemos que quando Deus criou Adão e Eva, eles eram santos e saudáveis. Foram criados à imagem perfeita de Deus e deveriam permanecer como espécimes perfeitos da raça humana. Mais do que isso, não deveriam passar pela morte. Mas Satanás destruiu aquelas duas obras-primas divinas, e, como resultado de sua decisão de desobedecer a Deus, o pecado, a enfermidade e a morte entraram no paraíso. Assim, o pecado do homem foi a primeira causa das doenças e da morte. Desde esse momento no Jardim do Éden, a dor e a morte têm sido a herança de toda a raça humana. "...por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens porque todos pecaram" (Romanos 5:12).

Até mesmo o desgaste do serviço cristão pode resultar em enfermidade. Daniel era um servo dedicado do Senhor, e quando teve uma visão de coisas que estavam por vir, desmaiou e passou muitos dias enfermo (Daniel 8:26, 27).

Semelhantemente, o apóstolo Paulo experimentou freqüentes ataques de doenças e fraqueza física. Ele relembrou aos coríntios: "E foi em fraqueza... que eu estive entre vós" (1 Co-

ríntios 2:3). Ele também orou para que Deus lhe removesse o problema: "...foi-me posto um espinho na carne, mensageiro de Satanás, para me esbofetear, a fim de que não me exalte. Por causa disto três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. Então ele me disse: A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo. Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo. Porque quando sou fraco, então é que sou forte" (2 Coríntios 12:7b-10). Conheci muitos obreiros cristãos que arriscaram as vidas e saúde servindo ao Senhor, embora tenha conhecido outros cujo ministério teria durado mais tempo se eles tivessem cuidado melhor de si mesmos e aprendido a relaxar.

Uma principal causa de enfermidade hoje é a alta pressão do nosso estilo de vida. Moléstias cardíacas, úlceras e alguns tipos de câncer podem muitas vezes ser atribuídos a nossas ambiciosas atividades e vidas desregradas. Sabemos que negligenciar a necessidade de boa alimentação, descanso e hábitos mentais pode levar a sérios problemas físicos. A Bíblia diz: "O meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento" (Oséias 4:6).

Nem sempre podemos saber ou compreender o propósito de Deus ao permitir que soframos provações físicas ou mentais. Devo admitir que, quando vejo o sofrimento de alguém que devotou a vida ao Senhor e viveu exemplarmente, tenho dificuldade em compreender. Contudo, sabemos que podemos confiar em Deus e em seu amor, mesmo quando não compreendemos.

Meu amigo de muitos anos, o falecido Herbert Lockyer, em seu livro *All the Promises of the Bible* (Todas as Promessas da Bíblia), esclarece algumas de suas descobertas tiradas da Bíblia acerca dos objetivos da enfermidade.[5]

Um deles é ensinar-nos as leis de Deus. O salmista disse: "Foi-me bom ter eu passado pela aflição, para que aprendesse os teus decretos" (Salmo 119:71).

Outro objetivo da enfermidade e do sofrimento é o de aperfeiçoar o pecador. É a idéia de que Deus nos refreará a fim de nos fortalecer visando o seu propósito. "Ora, o Deus

de toda a graça, que em Cristo vos chamou à sua eterna glória, depois de terdes sofrido por um pouco, ele mesmo vos há de aperfeiçoar, firmar, fortificar e fundamentar" (1 Pedro 5:10).

O sofrimento também tem o objetivo de nos preparar para a glória vindoura. Pedro escreve: "Amados, não estranheis o fogo ardente que surge no meio de vós, destinado a provar-vos, como se alguma cousa extraordinária vos estivesse acontecendo; pelo contrário, alegrai-vos na medida em que sois co-participantes dos sofrimentos de Cristo, para que também na revelação de sua glória vos alegreis exultando" (1 Pedro 4:12, 13).

Também, o sofrimento nos habilita a consolarmos os outros: "...para podermos consolar aos que estiverem em qualquer angústia com a consolação com que nós mesmos somos contemplados por Deus" (2 Coríntios 1:4).

Deus não nos consola para que sejamos consolados, mas para fazer-nos consoladores.

Além disso, o sofrimento nos oferece ensejos de testemunhar. O mundo é um gigantesco hospital; em parte alguma existe maior oportunidade de ver a paz e o gozo do Senhor do que quando a jornada pelo vale está mais sombria.

Gene e Helen Poole eram cristãos que haviam estado casados por sessenta e cinco anos. Quando Helen estava nas últimas semanas de vida, impossibilitada de mover-se ou falar, foi o testemunho do seu fiel marido, passando todos os dias ao lado da cama em sua cadeira de rodas, que tocou as vidas da equipe e dos visitantes daquela casa de convalescença.

Talvez você esteja passando por um período de sofrimento neste exato momento. Pode ser devido a alguma moléstia física que o atacou, ou pode ser devido a um relacionamento desfeito, uma dificuldade financeira, ou algum outro motivo. Como você reage a esse sofrimento? Está cheio de ressentimento e amargura, exigindo que Deus mude a sua situação ou fustigando aqueles que o cercam por aquilo que considera um tratamento injusto? Ou entregou sua vida — inclusive o sofrimento — a Cristo, pedindo-lhe que opere através do seu sofrimento para a glória dele, mesmo que não o compreenda completamente?

Jesus, quando ouviu falar da enfermidade de Lázaro (que viria a morrer e a ser ressuscitado dentre os mortos por Jesus), declarou: "Esta enfermidade não é para a morte, e, sim, pa-

ra a glória de Deus, a fim de que o Filho de Deus seja por ela glorificado" (João 11:4). O mesmo pode ser dito acerca de grande parte do nosso sofrimento, ao buscarmos a vontade e a força de Deus.

A Bíblia adverte que a amargura nunca é a solução, mas apenas fere a nós e aqueles que nos cercam: "atentando diligentemente por que... nem haja alguma raiz de amargura que, brotando, vos perturbe e, por meio dela, muitos sejam contaminados" (Hebreus 12:15). Ela também nos promete que Deus pode trazer uma colheita de bem em nossas vidas através do sofrimento, se nós lhe permitirmos. "Toda disciplina, com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; ao depois, entretanto, produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça" (Hebreus 12:11).

William W. Kinsley escreveu: "Assim que nós voltamos para Ele com amorosa confiança, e dizemos: 'Seja feita a tua vontade', o que quer que seja que congele ou paralise ou escravize nossos espíritos, atrapalhe seus poderes, ou impeça seu desenvolvimento, derrete-se ao calor da sua simpatia. Ele não nos liberta da dor, mas do poder da dor."

Sim, Deus está conosco no meio do sofrimento, e pode abençoar-nos de maneiras que jamais chegaríamos a imaginar. Deponha seu fardo de sofrimento aos pés de Cristo — que sofreu por você na cruz — e peça-lhe que o ajude não apenas a suportá-lo como também a experimentar a vitória e a paz de Jesus no meio dele.

Passamos por Fases?

Elisabeth Kübler-Ross encontra-se entre os primeiros psicólogos seculares a observar que há cinco fases pelas quais os pacientes e seus queridos passam durante o processo da morte. A maior parte dos profissionais das áreas da medicina e da psicologia concordam que a pessoa não marcha pelas cinco fases de negação, raiva, negociação, depressão e aceitação como robô programado. Essas fases podem coexistir, ser revertidas ou omitidas, mas esse é o padrão comum à maioria dos sofredores.

Marian Holten cuidou de pacientes terminais por mais de quarenta anos e teve muitas experiências de ajudar seus pa-

cientes a atravessarem o vale. Ela era estudante de enfermagem em 1940 quando o primeiro caso de que teve de cuidar foi um paciente moribundo em estado de coma. Ela disse que naqueles dias os pacientes recebiam mais cuidado pessoal do que através de aparelhos. Ela puxou uma cadeira ao lado da cama, preparada para uma vigília longa e tediosa. De repente, levou um susto quando o paciente, que havia estado impossibilitado de mover-se ou falar por semanas, abriu os olhos, sentou-se na cama e olhou à volta. Uma linda expressão invadiu-lhe o rosto, e, logo a seguir, ele caiu de volta ao travesseiro, morto.

Daquele dia em diante, Marian pediu para cuidar dos pacientes terminais. Ela queria conhecer mais acerca da experiência de morrer, o que sucedia no momento da morte, e como ajudar os pacientes a atravessar aquelas horas finais.

A negação é tão forte que os pacientes insistem que vão fazer coisas que estão impossibilitados de fazer. Marian contou acerca de uma garotinha que estava nas últimas com leucemia aguda e persistia em dizer que ia ao Canadá. Como reagem as pessoas dedicadas quando sabem que o desejo não pode ser realizado? Não precisamos mentir, mas devemos ser encorajadores. Marian ensinou as suas alunas de enfermagem a dizer algo positivo. Diria: "Estou vendo que essa viagem é algo que a faz feliz. Conte-me a respeito do Canadá. É um lugar que você sempre quis visitar?" Desviar o pensamento da pessoa da enfermidade, sem confirmar a atitude de negação, é o modo honesto de encorajar.

Quando minha mãe estava em seus últimos dias, Rose Adams a vestia para sair, mesmo sabendo que mamãe estava impossibilitada de sair. Era um jogo, mas fazia mamãe feliz, e era isso o mais importante.

Negando através da Raiva e da Indiferença

A raiva é outra reação muito humana por parte daqueles que estão seriamente enfermos. Um paciente tornou-se tão enraivecido que quando a enfermeira foi-lhe tomar a temperatura pela manhã, gritou: — Saia daqui! Não agüento olhar para a sua cara! — Marian Holten lembrava-se de outra vez em que um paciente atirou-lhe um urinol cheio. O que podem fazer pessoas dedicadas ao defrontar-se com a raiva dos outros?

Uma das coisas que podem usar é humor. Marian, que havia sido recipiente da explosão, enfiou mais tarde a cabeça pelo vão da porta e perguntou: — Olhe aqui, tudo bem se eu entrar agora? — O paciente riu, percebendo que tinha sido excessivamente agressivo para com ela, e logo se tornaram amigos.

Outro tipo de negação é ignorar aqueles que julgamos já não poderem compreender. Nunca devemos supor que as pessoas não ouvem o que estamos dizendo. Entre os "mortos-vivos" encontram-se aqueles que estão bem vivos. Enfermeiras relatam que membros da família, e até o pessoal do hospital, falam perto de um paciente comatoso como se ele já estivesse morto. No começo, todos os membros da família reúnem-se em torno do leito do ente querido que jaz à morte. Depois, começam a retornar às suas outras atividades, e, justamente na hora em que o paciente mais precisa deles, nenhum deles se encontra por perto. "Ele está demorando tanto a morrer", diz alguém na sua presença; ou: "Seria tão bom se o Senhor o levasse logo, para acabar com esta agonia."

Uma enfermeira conta como falava baixinho, encorajando um paciente seu todo o tempo em que estava cuidando de suas necessidades, embora os médicos tivessem dito que ele não sabia nada do que estava acontecendo. Milagrosamente, o paciente saiu do estado de coma, e, ao ouvir a voz da enfermeira, disse: "Ah! você é quem ficava falando comigo!"

Negando através da Negociação

Outra fase é a da negociação. Uma corista de Las Vegas foi hospitalizada e descobriram que estava toda tomada por câncer. Um ano antes, ela havia descoberto um caroço no seio, mas preferiu ignorar os sintomas. Seu corpo era a sua fortuna, e ela se recusou a tê-lo "mutilado", conforme descreveu a questão. Quando precisou ser operada para salvarem a sua vida, ficou zangada. Logo achou que sua beleza se fora, mas ainda sentava-se na cama e passava horas todos os dias fazendo a maquiagem. Ficou com uma aparência espalhafatosa, e cada vez mais amarga. Certo dia, uma linda estudante de enfermagem entrou no quarto e a corista olhou para ela e comentou com a enfermeira Nolten: "Daria qualquer coisa para ficar como..." e, então, cortando abruptamente a tentativa de

negociação, ela terminou de forma patética: "Mas já não tenho nada para dar em troca, não é?"

Ironicamente, nesse ponto, além da negação e da negociação, ela foi enfim capaz de aceitar a sua situação. Foi então que disse: "Não posso suportar isto sozinha."

Quando "já não temos nada para dar em troca", Deus diz: — Tudo o que quero é você, amado. Confie em mim. — O grande médico está disposto e capacitado a tomar nossos fardos, contanto que lhos entreguemos. Vida e morte não é projeto para executarmos por nós mesmos.

A Cura Divina: A Verdade e as Conseqüências

Quando a vida da pequenina Erika estava sendo sustentada por aparelhos, centenas de pessoas estavam orando para que ela fosse curada. Em vez disso, o Senhor levou Erika para si. Ao mesmo tempo, em outro hospital, Ron Stokes estava na unidade de terapia intensiva após severo derrame. Centenas de pessoas em todo o país oravam por Ron. Ele sarou e, como resultado da dedicação de amigos cristãos, aceitou a Cristo. Por que Deus curou Ron e não Erika? Foram as preces menos ferventes ou a fé dos entes queridos mais fraca num caso do que no outro? Não, de forma alguma. Deus cura ainda hoje? Claro que sim, mas nem sempre. Ele pode curar como resposta à oração e à fé; pode curar através da habilidade de médicos ou da eficácia de medicamentos.

Quando Rosa, irmã de Ruth, estava no último ano da faculdade Wheaton College, desmaiou na capela e foi levada às pressas ao hospital. Acharam que ela estava com apendicite. O Dr. Ken Gieser, que havia sido interno no hospital do Dr. Bell na China, acompanhou-a ao hospital. Quando operaram, descobriram que a cavidade abdominal estava cheia de nódulos tuberculosos. Ela precisou ficar diversos meses em repouso absoluto. A dona da casa onde Ruth e Rosa moravam reservou o solário para a jovem paciente, e Ruth trancou matrícula para cuidar da irmã. Rosa parecia estar melhorando até pouco antes de voltar à vida normal, quando teve uma hemorragia pulmonar, e ficou evidente que a tuberculose havia tomado conta de todo o seu organismo. No pequeno hospital para onde ela foi transferida, os cirurgiões propuseram fazer uma fre-

nicotomia em um pulmão, esmagando permanentemente o nervo frênico, e um tratamento pneumotorácico semanal para dar descanso ao outro.

Foi então que os pais de Rosa voltaram da China e a levaram para um clima mais seco num hospital no Estado do Novo México. Ruth ficou com Rosa e observou sua atitude com interesse. Como Ruth disse anos depois: — Existem dois tipos de hipócritas no mundo; um, que deseja que a gente pense que são melhores do que são, e outro, que deseja que a gente pense que são piores do que são. Rosa pertencia a esse último grupo. Ela se deliciava em chocar as pessoas. Lia a Bíblia como algumas pessoas lêem a revista *Playboy*, escondendo-a debaixo do travesseiro quando alguém entrava no quarto. Entretanto, ela começou a ler a Bíblia com atenção e aprendeu que enquanto Jesus esteve aqui na terra, ninguém dos que o procuraram a fim de serem curados o fez em vão. Ela leu a passagem em que Tiago diz: "Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e estes façam oração sobre ele, ungindo-o com óleo em nome do Senhor. E a oração da fé salvará o enfermo" (Tiago 4:14, 15). Rosa procurou e encontrou uma igrejinha que seguia essas instruções; chamou os presbíteros, e eles vieram e oraram por ela. Rosa decidiu que podia levantar-se e levar uma vida normal, e parou com o tratamento do hospital. Do ponto de vista da medicina, ela devia ter-se esvaído em hemorragia.

Ruth recorda-se da reação do pai à decisão de Rosa: "Papai ficou preocupado. Sendo médico, ele conhecia os perigos envolvidos, mas sendo um homem de Deus, ele não queria desencorajar Rosa se Deus a estivesse conduzindo. Ele conversou com a superintendente, uma mulher piedosa, a Srª Van Devanter, que tomava conta do hospital, e ela disse: — Dr. Bell, há algo muito especial acontecendo na vida de Rosa. Eu tomaria cuidado para não desanimá-la.

"Rosa voltou à vida normal, seus pulmões se expandiram, e, pelo que tudo demonstra, foi curada. Mais tarde, os dois médicos que haviam estado a tratá-la no Novo México, ambos agnósticos, disseram a Papai: — Dr. Bell, a explicação de sua filha de que Deus a curou é a única adequada."

Ruth já falou que não tem conhecimento de que, desde aqueles dias até hoje, Rosa jamais tenha tido outra moléstia séria.

Deus ainda efetua curas hoje e muitas vezes poupa a vida de algumas pessoas que, pelos padrões humanos, estariam mortas. Nosso filho, Franklin, escapou a muitas circunstâncias angustiosas, mas uma é especialmente vivida para nós. Esta aconteceu enquanto Franklin cursava a faculdade Le Tourneau College, no Estado do Texas. Ele estava aprendendo a pilotar e durante uns dias de férias na primavera voou junto com um colega, o instrutor e a esposa deste até a Flórida a fim de passar conosco aqueles dias de folga. Quando levantaram vôo para voltar, o céu estava nublado. Enquanto voavam acima das nuvens, aconteceu algo ao sistema elétrico, e apagaram-se todas as luzes do avião. Furaram as nuvens onde podiam ver as luzes de Jackson, no Estado do Mississipi, e ficaram rodando até enxergarem um pequeno aeroporto. Todas as luzes do aeroporto se acenderam, as luzes estroboscópicas começaram a piscar e eles aterrissaram com segurança.

Quando o piloto dirigiu-se à torre para agradecer aos funcionários por eles terem sido tão prestativos, eles falaram: — Não sabíamos que vocês estavam vindo... Estávamos apenas mostrando o aeroporto a alguns amigos e eles queriam saber o que aconteceria se alguém chegasse tarde da noite. Falamos que ligaríamos as luzes estroboscópicas, e fizemos uma demonstração. Naquele exato momento, vocês apareceram e mal podíamos acreditar, porque não sabíamos que havia qualquer aeronave nos arredores.

Deus sabia que Franklin não estava pronto para partir naquela ocasião. Cerca de dois anos depois, seu instrutor de vôo morreu num acidente aéreo. Às vezes Deus nos livra da morte, e às vezes não o faz. Só ele sabe por que.

Ruth tem uma amiga na Inglaterra, Jennifer Larcombe, que foi atacada por esclerose múltipla. Ela orou pedindo cura, mas continuou a piorar. Viu-se assediada por pessoas que lhe disseram que se estivesse tudo certo entre ela e o Senhor, ela seria curada, caso contrário ela devia ter algum pecado secreto que ainda não havia confessado. Esse conselho a deixou devastada, pois ela amava ao Senhor de todo o coração. Finalmente, os publicadores ingleses, Hodder & Stoughton, pediram-lhe que escrevesse um livro sobre suas experiências. O livro acabou sendo publicado e recebeu o título de *Beyond Healing* (Além da Cura). Pediram a Ruth que escrevesse o prefácio, e

quando ela leu o manuscrito, ficou muito comovida. Obviamente, quando Deus disse não a Jennifer, deu-lhe outro ministério.

Tiago disse: "E a oração da fé salvará o enfermo" (Tiago 5:15). Contudo, o próprio Tiago foi decapitado. Ele confiou em Deus, para o que desse e viesse.

Pouco tempo depois, Tiago foi executado. Pedro foi preso e enclausurado. Os crentes oraram fervorosamente por Pedro, e, na noite anterior ao seu julgamento, um anjo o livrou (Atos 12:5-11). Naquela situação, Deus disse "sim" a Pedro.

Os cristãos sabem que Deus responde às orações de três maneiras: sim, não, e depois. Os apóstolos de Jesus ilustram bem essas respostas. Após o Pentecoste, a igreja primitiva foi severamente perseguida, mas confiou em Deus em todas as circunstâncias. Todos, menos um desses apóstolos, morreram como mártires, mas foram tão fiéis na morte quanto em vida, compreendendo que a morte é a trasladação do crente à presença do Todo-Poderoso.

A cura divina ou o livramento da morte estão nas mãos de Deus.

Sam era um cristão dedicado que descobriu que estava com câncer na boca. À medida que a temida moléstia progredia, múltiplas operações removeram tanto de sua língua e rosto que muito pouco da face lhe restou. Sua esposa levou-o a um culto de cura e, quando voltaram, ela disse a todos triunfantemente que Sam havia sido curado. Seria impossível imaginar o que se passou na cabeça de Sam à medida que seu sofrimento foi piorando. Ele detestava ser visto, e contudo a esposa convidava amigos e vizinhos para vê-lo, e anunciava que Sam estava curado. Em vez disso, ele morreu. Em um caso assim, a fé irrealista na cura divina pode ser outra forma de negação: uma crença que vem da descrença em nossa própria mortalidade.

Os cristãos deveriam ver a cura divina com outros olhos, isto é, reconhecer que Deus é capaz de curar — mas estarem dispostos a aceitar sim ou não como resposta. Jó foi o grande exemplo desse tipo de crença que Deus nos deu quando disse: "Ainda que ele me mate, nele esperarei" (Jó 13:15 — A.R.C.).

Arrostar o horror da moléstia ou enfermidade, sabendo que, a menos que Deus interfira, morreremos, é simples honestidade.

O salmista diz: "O Senhor o assiste no leito da enfermidade; na doença, tu lhe afofas a cama" (Salmo 41:3). Que maravilhosa promessa é saber que Deus está conosco, cuidando de nós no quarto onde estamos sofrendo. Já visitei cristãos enfermos em cujo quarto a presença de Cristo era tão real que, mesmo no meio de inacreditável sofrimento e da presença da morte, o paciente tinha serenidade.

A Admirável Amy Carmichael

Em 1956 visitei o distrito Tinnevelly do Sul da Índia, onde Amy Carmichael vivera. Amy foi a primeira missionária sustentada pela Convenção Keswick e escreveu quarenta livros durante a vida. Ela labutou na terra que adotou por mais de cinqüenta e seis anos, sem nunca retornar à Inglaterra, seu país natal, para gozo de férias.

Tive a honra de visitar o lugar onde ela passou os últimos vinte anos de vida, acamada devido a ferimento na perna, resultante de um acidente. Era um quartinho modesto, com piso de ladrilhos vermelhos, esparsamente mobiliado, que tinha enorme gaiola do lado de fora da janela, onde ela podia observar os pássaros.

Ela havia servido e escrito sem sair da cama todos aqueles anos, e tive uma sensação de reverência à medida que a senhora que cuidara dela me mostrava os aposentos. Ali naquele lugar simples, a presença de Cristo era muito real. Amy passou pelo vale da sombra, e, apesar da dor e da fraqueza física, fez com que uma grande luz se espalhasse por todo o mundo. Foi durante aqueles anos que ela mais se dedicou a escrever — livros que ainda trazem bênçãos a milhões de pessoas em todos os cantos do mundo. Elisabeth Elliot escreveu recentemente a história de sua vida em um livro maravilhoso intitulado *A Chance to Die* (Uma Oportunidade de Morrer).

Todas as Preces Atendidas

Os cristãos, em situações desesperadas, procuram na Bíblia as muitas maravilhosas promessas de Deus. Uma de nossas favoritas é a declaração feita por Jesus de que "Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei" (João 14:14).

Reivindicamos essa promessa e pedimos ao Senhor que cure os nossos queridos. Mas o que acontece se a cura não ocorre? Os cristãos têm facilidade em sentir-se culpados ou achar que sua fé é fraca se oram pedindo cura e ela não vem. Os crentes de todas as épocas tiveram de enfrentar o fato de que Deus não cura a todos que lhe pedem isso. Mas a nossa falta de fé não determina a decisão de Deus em curar. Se fosse assim, ele teria de pedir desculpas a todos os seus grandes servos que figuram no quadro de Honra ao Mérito de Hebreus 11. Veja só os personagens do elenco: Abel, Enoque, Noé, Abraão, Sara, Isaque, Jacó, José, Moisés, Raabe, Gideão, Baraque, Sansão, Jefté, Davi, Samuel, todos os profetas! Todos esses receberam grande livramento da parte de Deus e suportaram incríveis dificuldades através da fé. O que lhes sucedeu? "Outros, por sua vez, passaram pela prova de escárnios e açoites, sim, até de algemas e prisões. Foram apedrejados, provados, serrados pelo meio, mortos ao fio da espada; andaram peregrinos, vestidos de peles de ovelhas e de cabras, necessitados, afligidos, maltratados" (Hebreus 11:36, 37).

Embora sua fé tivesse agradado a Deus, eles não foram agraciados com muitos dos prazeres do mundo. Por quê? Porque Deus tinha um destino melhor, uma cidade celestial, à sua espera. Não foi devido à falta de fé ou como castigo pelo pecado que esses homens e mulheres de Deus não foram livrados do sofrimento e da morte. Temos a fé para crer que Deus tem uma glória especial para aqueles que sofrem e morrem por causa de Cristo.

O Púlpito na Ala dos Condenados à Morte

Velma Barfield, uma mulher da zona rural da Carolina do Norte, foi acusada de homicídio culposo; ninguém podia ter suposto o efeito que sua vida e sua morte teriam sobre tantas pessoas. Em 1978, foi presa pelo assassinato de quatro pessoas, entre as quais se encontravam sua mãe e seu noivo. Ela jamais negou ser culpada, mas contou a arrepiante história de sua vida, uma vida dominada por drogas, começando com os calmantes receitados após um ferimento doloroso.

Velma foi vítima de incesto quando criança e do abuso de drogas receitadas quando adulta. Após ter admitido sua

culpa, ela foi levada à prisão e confinada a uma cela, onde ficou sozinha. Certa noite, o guarda sintonizou uma estação que transmitia programas evangélicos vinte e quatro horas por dia. No fim do corredor cinzento, desesperada e sozinha na cela, Velma ouviu as palavras de um pregador e permitiu a Jesus Cristo entrar em sua vida. Escreveu ela: "Eu já havia estado dentro e fora de igrejas toda a minha vida, e sabia explicar tudo acerca de Deus. Mas nunca havia compreendido que Jesus morreu por mim."

Sua conversão foi genuína. Por seis anos, na ala dos condenados à morte, ela ministrou a muitas de suas companheiras de cela. O mundo exterior começou a ouvir falar de Velma Barfield à medida que a história de sua extraordinária reabilitação foi-se tornando conhecida. Velma escreveu a Ruth e uma verdadeira amizade cresceu entre elas. Em uma carta, Ruth escreveu a Velma: "Deus transformou sua cela na Ala dos Condenados à Morte num púlpito bem fora do comum. Há pessoas que escutam o que você tem a dizer por causa do lugar onde está. Enquanto Deus tiver um ministério para você aqui, ele a manterá entre nós. Quando comparo a aridez, o isolamento, e a dificuldade de sua cela à glória que a espera, poderia desejar, por sua causa, que Deus dissesse: 'Venha para Casa.'"[6]

Minha filha, Anne, recebeu permissão especial para visitar Velma Barfield muitas vezes e sentiu-se tocada pela tristeza de sua história e a sinceridade de seu amor por Cristo, bem como pela beleza de seu testemunho cristão naquela prisão.

Antes de sua sentença final, Velma escreveu a Ruth: "Se eu for executada no dia 31 de agosto, sei que o Senhor me dará graça para morrer, da mesma forma que ele me deu a graça da salvação, e a graça para viver." Na noite em que ela foi executada, Ruth e eu ajoelhamo-nos e juntos oramos por ela até sabermos que ela estava a salvo na Glória.

Velma foi a primeira mulher em vinte e dois anos a ser executada nos Estados Unidos. Ela caminhou pelo vale da sombra por muitos anos e, no culto feito em sua memória, o reverendo Hugh Hoyle disse: — Ela morreu com dignidade, e morreu com propósito. Velma é uma demonstração viva de que "pela graça de Deus sois salvos".

Ruth escreveu o poema que se segue, e que foi lido como bênção no serviço fúnebre de Velma:

Como pais ansiosos a esperar
o retorno de seu filho
de longínquas e desoladas terras,
de seu viver desregrado;
ferido e ferindo pelo caminho,
sua tristeza pelo pecado ignorando,
nas manchas e exigências da noite do dia
a segurança do lar.
Assim espera o Pai Celeste
a chegada de sua filha;
bem abertos os portões celestes
em gloriosa e fervente acolhida
sua, sua, por direito, a alegria
— pois foi crucificado, injuriado —
Tão preciosa é aos olhos de Deus
a morte de sua filha.

Quem Se Importa?

Como cristãos, somos responsáveis uns pelos outros. "Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo. Por isso, enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé" (Gálatas 6:2, 10). Não há hora em que isso seja mais verdadeiro do que quando o sofrimento e a morte atingem alguém perto de nós.

Em geral, os amigos e a família que cuidam de um ente querido alcançam mais vidas pelo seu exemplo do que jamais virão a saber. Mas muitas vezes ficamos sem saber o que fazer, ou o que dizer. Tropeçamos em desajeitado constrangimento, ou ignoramos uma situação desagradável ficando longe de alguém que esteja seriamente doente. Contudo, os membros da família não devem sofrer sozinhos.

A maior parte de nós teremos épocas em nossas vidas em que estaremos com pessoas que peregrinam pelo vale da sombra. Como podemos demonstrar o amor de Cristo? Como gostaríamos que os outros nos tratassem se estivéssemos em circunstâncias parecidas? Lembremo-nos das palavras de Jesus: "Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam,

assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a lei, e os profetas" (Mateus 7:12).

Margaret Vermeer serviu como missionária na Nigéria. Quando estava grávida de sete meses, recebeu o resultado da biópsia de um pequeno tumor, acusando malignidade. Cinco semanas após ser operada para a remoção dos tumores, ela deu à luz um filho, e a seguir começou a fazer quimioterapia e tratamentos radiativos. Por dois anos, ela teve uma remissão milagrosa, mas depois os tumores gradualmente reapareceram. À medida que sua condição foi ficando cada vez mais séria, ela foi-se tornando mais e mais sensível à maneira como as pessoas a tratavam. Seis meses antes de morrer, ela estava falando a grupos de senhoras das igrejas, compartilhando o que descobrira a respeito de como cuidar de outras pessoas da maneira como gostaria que cuidassem dela. Eis aqui algumas das coisas que ela ensinou:

Primeiro, seja honesta em falar de seus sentimentos. Não entre saltitando no quarto, cheia de falsa animação, mas admita sua impotência e preocupação. "Gostaria de ajudá-la, mas não sei o que fazer", é uma expressão direta de cuidado. Não finja ou seja evasiva. Até mesmo as crianças conseguem aceitar melhor as coisas quando as pessoas lhes falam com honestidade.

Não pregue um sermão bem preparado. Os cristãos que trazem as suas Bíblias e lêem longas passagens não estão sendo sensíveis. Compartilhar um versículo que significa algo para você pode ser útil, mas espere pelos sinais antes de mergulhar em uma prolongada discussão espiritual.

Seja bom ouvinte. As pessoas lhe dirão acerca do que gostariam de falar. A doença pode ser uma jornada muito solitária. Quando Jesus passava por atroz sofrimento no jardim do Getsêmani, não quis enfrentar a morte sozinho. Pediu a três discípulos que esperassem e orassem com ele, mas eles adormeceram. De que adiantou a sua companhia?

Trate a pessoa que está morrendo como ser humano. Às vezes, tratamos a pessoa que está morrendo de tal forma que tornamos as coisas emocionalmente muito mais difíceis para ela. Enclausuramos as pessoas em hospitais, sussurramos às suas costas, despojamo-las de tudo aquilo que tornava ricas as suas vidas. Coisas familiares *são* importantes.

Certa senhora me contou que quando a mãe estava em coma, ela colocou uma foto do pai, que havia morrido muitos anos antes, na mesinha de cabeceira ao lado da cama da mãe. Todas as vezes que a paciente comatosa era virada para o outro lado, ela lutava inconscientemente para ficar voltada para a foto do marido. Finalmente, a filha deu instruções à enfermeira a fim de que, sempre que virassem a mãe, movessem a foto também. Aquela senhora nunca mais voltou a si, mas morreu com um sorriso no rosto, olhando para o retrato.

Dê apoio espiritual. Quando citar um versículo bíblico para confortar a pessoa, tenha certeza de saber o que o versículo significa. Quando Margaret Vermeer descobriu que tinha apenas pouco tempo de vida, disse que suas amigas cristãs lhe falaram: "Em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco" (1 Tessalonicenses 5:18). Isso significa agradecer a Deus o câncer? Jesus não via a doença e a enfermidade como parte da obra de Satanás? Examinemos cuidadosamente o versículo. Ele não diz que devemos dar graças *por* tudo, mas, sim, dar graças *em* tudo. Existe uma grande diferença.

Quando nos dizem que "Deus faz com que todas as coisas operem para o bem", não significa que todas as coisas sejam boas em si, mas que Deus as está fazendo cooperar para o bem.

Tenha sempre esperança. Deus é maior do que as situações que enfrentamos. Às vezes é difícil encontrar algo positivo ou esperançoso, mas sempre existe algo pelo qual podemos ser gratos. Ajude o paciente a esperar alguma coisa... a visita de alguém especial... a hora em que você retornará.

Minha mãe gostava muito de aguardar as celebrações. Poucos meses antes de sua morte, uma de suas netas ia-se casar. A enfermeira sabia que mamãe estava fraca demais para ir ao casamento, mas mesmo assim ajudou-a a vestir-se, dando-lhe esperança naquela ocasião. Quando mamãe percebeu que não poderia ir, estava tranqüila a esse respeito. Se lhe tivessem dito desde o início que não iria conseguir, ela provavelmente teria ficado ressentida.

Elisabeth Kübler-Ross muito contribuiu para compreendermos acerca da morte e do ato de morrer, mas suas conclusões se destacam em vívido contraste com a esperança do cris-

tão. Em uma entrevista, perguntaram-lhe se a orientação religiosa do paciente afetava a perspectiva deste com respeito à resignação no final. Ela respondeu: "Tenho muito poucas pessoas verdadeiramente religiosas. Para as poucas que tenho — e estou falando de gente com profunda fé intrínseca — as coisas são bem mais fáceis, mas essas pessoas são extremamente raras. Muitos pacientes se tornam mais religiosos no fim, mas então já não ajuda muito."[7]

Meu sogro, que já vira muitas pessoas morrerem, dizia que havia vasta diferença entre as reações dos crentes e dos descrentes na hora da morte.

Em contraste com a angústia e a ansiedade da pessoa que não tem a esperança eterna, os cristãos podem olhar para Cristo a fim de obter esperança e encorajamento. Devido à nossa fé em Cristo, não nos entristecemos "...como os demais, que não têm esperança" (1 Tessalonicenses 4:13b).

Qualquer que seja o sofrimento e a agonia que precisemos suportar, em nosso próprio corpo ou por alguém a quem amamos, temos a garantia da presença de Jesus. E, por fim, ressuscitaremos com um corpo livre da dor, incorruptível e imortal como o dele. Essa é a nossa esperança futura.

A jornada através do vale pode ser extremamente difícil, mas que glorioso destino nos espera quando viajamos com Jesus Cristo!

6

Quanto Dura o Tempo Emprestado?

Na sua mão está a alma de todo ser vivente, e o espírito de todo o gênero humano.

— JÓ 12:10

"Se algum dia eu chegar a ficar tão mal que apenas os aparelhos podem me manter viva, por favor diga aos médicos que os desliguem."

Jacqueline Cole tinha quarenta e quatro anos de idade quando o marido, o pastor presbiteriano Harry Cole, teve de cumprir ou ignorar aquele pedido doloroso. Jacqueline sofrera uma hemorragia cerebral na primavera de 1986 e havia estado em coma por quarenta e dois dias. Quando o caso parecia sem esperanças, o marido relutantemente pediu a um juiz estadual de Maryland que autorizasse os médicos a deixar que sua esposa inconsciente morresse, segundo desejo que ela mesma expressara. O juiz determinou que ainda era muito cedo para perder a esperança, e, seis dias depois, Jacqueline abriu os olhos, sorriu, e devolveu o beijo jubiloso do marido. "Milagres podem ocorrer, e ocorrem", disse o feliz pastor. "Acho que turvamos as águas em torno da questão do direito que a pessoa tem à morte."[1]

Nunca antes na história da humanidade houve tanta urgência em debater-se essa questão tão complexa e vital. Sempre houve "tempo de nascer e tempo de morrer" (Eclesiastes 3:2). Hoje, todavia, com a capacidade de prolongar-se a vida,

cada um de nós provavelmente terá de enfrentar essa questão com relação a si mesmo ou a um ente querido. Quanto tempo deveríamos viver em "tempo emprestado"? Qual é o limite? Quais são os princípios médicos, legais e morais envolvidos? Quais são as diretrizes?

Os problemas da eutanásia e do "direito de morrer" logo se juntarão à questão do aborto entre as mais vitais e complexas preocupações de nossa era.

Temos o Direito de Morrer

Não sei como, confundimos o direito de morrer com a questão da eutanásia (causar diretamente a morte de alguém que esteja sofrendo). Não são a mesma coisa. O "direito de morrer" é definido como o direito do indivíduo em determinar se medidas extraordinárias ou "heróicas" devem ser tomadas — normalmente envolvendo meios caros e mecânicos de sustentar a vida — a fim de prolongar a vida nos casos em que a morte já é quase certamente inevitável. A vida é sagrada e nos é dada por Deus; por esse motivo, não devemos jamais aprovar qualquer forma deliberada e artificial de tirá-la. Essa é a principal razão pela qual a maioria dos cristãos que levam a Bíblia a sério se opõem ao aborto e à eutanásia. Ao mesmo tempo, permitir que o processo natural da morte corra o seu curso não é necessariamente errado, quando a vida somente pode ser sustentada por medidas médicas extremas. Existe diferença entre prolongar a vida e adiar a morte.

Se ficarmos ao lado do leito de alguém cuja vida esteja sendo sustentada por tubos inseridos em muitas partes da anatomia, compreenderemos como o tratamento médico humanitário poderia ser considerado desumano. Quando o tratamento de seres humanos se torna, por tudo o que se pode ver, desumano, a maioria de nós queremos ter o direito de recusar tal tratamento.

Você pode decidir por si mesmo se deseja ou não que medidas para sustentar a vida sejam utilizadas? Membros da profissão médica, a Associação dos Advogados de Los Angeles, e a Associação dos Hospitais da Califórnia, fizeram algumas recomendações sobre quando evitar ou cessar tratamento des-

se tipo. O primeiro princípio se aplica a cada um de nós. Eis o que disseram:

> Qualquer pessoa em plena posse de suas faculdades mentais tem o direito de tomar sua própria decisão com relação a cuidados médicos, após ter sido plenamente informada acerca dos benefícios, riscos e conseqüências do tratamento disponível, mesmo que tal decisão possa resultar na abreviação da vida do indivíduo.[2]

Se estivermos de posse de nossas faculdades mentais, temos o direito de dizer: "Parem, chega."

Uma declaração emitida pelos bispos católicos americanos em junho de 1986, dizia: "Reconhecemos e defendemos também o direito do paciente em recusar medidas "extraordinárias" — isto é, medidas que não tragam benefício ou que envolvam um fardo muito sério."[3]

Mas o direito de escolha por parte do indivíduo é obscuro. Por exemplo, muitas pessoas defendem a redação de um "testamento vivo", na expectativa de uma hora em que não mais puderem tomar decisões quanto ao sustento ou prolongamento de suas vidas. O que é um testamento vivo? É algo que deveríamos considerar seriamente, prevendo uma hora em que não mais possamos decidir quanto à nossa própria vida ou morte?

O testamento vivo é um documento redigido e assinado pela pessoa numa hora em que tenha capacidade mental para ditar seus últimos desejos. De modo geral, o testamento vivo declara que "medidas heróicas" ou meios artificiais não devem ser usados se tiver sido determinado que a pessoa permaneceria numa condição vegetativa ou num estado de coma reversível.

À primeira vista, isso parece uma boa idéia. Antes que decisões tão difíceis precisem ser tomadas, por que não esclarecer com antecedência como desejamos ser tratados? Infelizmente, as coisas não são tão simples. No momento, gozo de saúde razoavelmente boa. Se escrevesse um testamento vivo, seria a partir da perspectiva de como acho que me sentiria em circunstâncias mais drásticas. Mas quando a hora realmente chegar, posso pensar de forma bem diversa. Além disso, as diretrizes estabelecidas pelo Comitê Associado Ad-Hoc de Ética Biomédica na Califórnia sabiamente declaram que "mesmo quando um paciente competente tenha ordenado o não-empre-

go ou retirada de procedimentos de sustentação da vida, é aconselhável consultar-se a família do paciente e pesar com grande cuidado os seus desejos."

Por último, vem o problema de saber se os "testamentos vivos" não iriam justificar práticas mais questionáveis, tais como a eutanásia e o suicídio. O Comitê dos Bispos de Atividades Pró-Vida referiu-se a essa possibilidade quando fez sua desalentadora declaração: "Alguns testamentos vivos foram formulados e promovidos por grupos que defendem o direito de morrer, os quais os vêem como degraus que terminarão por conduzir à legalização da eutanásia."[4]

Nossos Estados não chegam a um acordo com respeito à validade de "testamentos vivos". Propostas já foram apresentadas, portanto, de leis uniformes que eliminem as diferenças. Mas a resposta é a promulgação de legislação federal? Não posso propor ou avaliar essa legislação, a não ser para comentar acerca de considerações éticas. Serviria uma legislação assim aos interesses de preservação da vida, da prevenção do suicídio e do homicídio, e da manutenção de firmes princípios éticos na profissão médica? É pedir muito! A legislação encorajaria a comunicação entre o paciente, a família e o médico no processo decisório? E o que é mais importante, são todas essas considerações fortemente inclinadas a favor da vida? Todas essas perguntas precisariam ser respondidas com um sonoro "sim" antes que qualquer dita legislação sobre o "direito de morrer" fosse considerada.

Cada um de nós precisa considerar essas questões cuidadosamente e em espírito de oração, e estar alerta a esses assuntos quando passarem a ser públicos. Também precisamos considerar se um "testamento vivo" é um documento que nós mesmos desejaríamos escrever. E visto que essas decisões afetam nossos queridos e nossas famílias, é importante discutir nossos sentimentos com eles. E, por fim, precisamos entender que, da mesma forma como aconteceu a Jacqueline Cole, a determinação final está nas mãos de Deus.

O Que É "Eutanásia Passiva"?

O telefone tocou e toda a conversa cessou. Uma amiga de nossa família, que estava numa festa de despedida pela via-

gem que em breve faria à Europa, a trabalho, acabara de contar-nos a respeito de sua preocupação com a mãe, cuja vida estava sendo sustentada mecanicamente num Estado distante. Os médicos e membros da família haviam assegurado à nossa amiga que nada havia que ela pudesse fazer e que deveria viajar de acordo com os planos. Agora, o médico estava chamando numa ligação interurbana. — Sua mãe está sofrendo muito e é minha opinião, e do pessoal no hospital, que a condição dela é irreversível. — Ele continuou a descrever a condição da mãe e então fez a temida pergunta: — A senhora deseja que continuemos com o tratamento extraordinário?

— Não sei. Terei de consultar meu irmão — soluçou a filha, perturbada. — Por favor, diga-me o que quer dizer com "tratamento extraordinário".

O médico descreveu o propósito e o resultado de cada tubo, injeção e tratamento. À medida que a terminologia médica ia sendo citada, minha amiga começou a tremer e a ficar gelada.

— O senhor está-me pedindo que tome uma decisão quanto a matar minha própria mãe — bradou ela.

Mais tarde, entretanto, com o consentimento do irmão, o conselho do seu pastor, e um círculo de oração com seus amigos, a filha disse ao médico que cessasse as medidas de sustentação da vida ou "extraordinárias".

O que minha amiga foi forçada a resolver foi quando permitir o que é hoje chamado de "eutanásia passiva". Embora essas palavras causem arrepios na maioria de nós, é importante que entendamos a definição. Eutanásia passiva ou negativa significa descontinuar ou cessar o uso de medidas "extraordinárias" para sustentar a vida ou esforços "heróicos" para prolongá-la em casos julgados sem esperança. É evitar ações que provavelmente adiariam a morte e, em vez disso, permitir que ela ocorra naturalmente.

A mãe de minha amiga estava naquela época com oitenta e sete anos de idade. Para surpresa de todos, sem os sistemas de sustentação da vida, ela viveu até os noventa e três anos. Mesmo quando achamos que estamos "bancando Deus", podemos estar enganados. A sabedoria de Deus é maior do que a tolice do homem.

Até as definições de medidas de sustentação da vida variam. Um comitê de ética biomédica, composto de membros

das profissões médica e legal, disse: "Define-se procedimentos de sustentação da vida como intervenções que artificialmente sustentem, restaurem ou suplantem uma função vital e que sirvam apenas para prolongar artificialmente o momento da morte, quando, na opinião do médico responsável, a morte for iminente, quer tais procedimentos sejam ou não utilizados."

Em março de 1986, o Conselho Judicial da Associação Médica Americana emitiu a opinião que se segue sobre "Evitar ou Cessar Tratamento Médico de Prolongamento da Vida". Visto que a maioria de nós, leigos, não teria acesso a essa informação, acho importante incluí-la. Ela foi publicada na *Christian Medical Society Journal* (Revista da Sociedade Médica Cristã), no verão de 1986.

O compromisso social do médico é o de sustentar a vida e aliviar o sofrimento. Nos casos em que o desempenho de um dever entre em conflito com o de outro, a escolha do paciente, ou de sua família ou representante legal se o paciente estiver incapacitado a agir por conta própria, deve prevalecer. Na ausência de uma escolha por parte do paciente ou uma procuração autorizada, o médico deve agir nos melhores interesses do paciente.

Por razões humanitárias, com consentimento informado, o médico pode fazer o que for medicamente necessário a fim de aliviar severa dor, cessar ou omitir tratamento a fim de permitir que um paciente terminal, cuja morte seja iminente, morra. Contudo, não deve intencionalmente causar a morte. Ao decidir se a administração de tratamento médico potencialmente prolongador da vida está no melhor interesse do paciente que esteja incapacitado a defender seus próprios interesses, o médico deve determinar a possibilidade de prolongar a vida sob condições humanitárias e confortáveis, e os desejos previamente expressos do paciente e atitudes da família ou dos responsáveis pela custódia do paciente.

Ainda que a morte não seja iminente mas o estado de coma do paciente seja indubitavelmente irreversível e existam salvaguardas que confirmem a correção do diagnóstico, e com a aprovação daqueles que têm responsabilidade pelo cuidado do paciente, não é contrário à ética descontinuar todos os métodos de tratamento médico que visam ao prolongamento da vida.

Tratamento médico que visa ao prolongamento da vida inclui medicamento e respiração, nutrição e hidratação fornecidos artificial ou tecnologicamente. Ao tratar um paciente termi-

> nalmente enfermo ou irreversivelmente comatoso, o médico deve determinar se os benefícios do tratamento pesam mais do que o sofrimento que ele inflige. A dignidade do paciente deve sempre ser mantida.[5]

Essas diretrizes judiciais são, segundo um médico cristão, "muito permissivas com relação à retirada de todas as medidas que sustentam a vida".

Na maior parte do tempo, vejo as questões como certas ou erradas, pretas ou brancas. Contudo, buscar a vontade de Deus com relação ao problema de medidas que sustentam a vida talvez seja uma das decisões mais difíceis que jamais tenhamos de tomar. A conceituada *New England Journal of Medicine* (Revista de Medicina de New England) disse: "Poucos tópicos na medicina são mais complicados, mais controvertidos e mais carregados de emoção do que o tratamento de pacientes irremediavelmente enfermos. A tecnologia compete com a compaixão, os precedentes legais tardam e a controvérsia é inevitável" ("The Physician's Responsibility toward Hopelessly Ill Pacients" [A Responsabilidade do Médico com Relação aos Pacientes Irremediavelmente Enfermos], 310:955-959).

O dilema dos médicos é também o nosso. Essa é uma questão complicada, emocionalmente carregada com que podemos nos defrontar no decorrer de nossas vidas.

O Que É "Eutanásia Ativa"?

Eutanásia ativa é um ato de comissão, em vez de omissão. Seus proponentes afirmam que é um ato positivo de misericórdia cometido deliberadamente para pôr fim a um sofrimento inútil ou a uma existência despida de significado; poderia envolver a administração de drogas letais ou a interrupção da alimentação. Contudo, os cristãos discordariam veementemente dessa posição.

Na maioria dos casos, ela constitui um ato criminoso. Mas nem sempre. Considere o caso da autora Betty Rollin, que revelou o papel que desempenhou, ajudando a mãe a cometer suicídio.

Na primavera de 1986, a escritora nova-iorquina contou durante o almoço de um grupo de mulheres como havia forne-

cido as cápsulas que puseram fim à vida da mãe. Aquela idosa senhora sofria de câncer no ovário e havia implorado à filha que a ajudasse a morrer. "Rollin e o marido telefonaram a dezenas de médicos por todo o país antes que um médico de Amsterdam lhes desse uma combinação de pílulas que seria ao mesmo tempo fatal e indolor."[6]

No livro em que conta essa experiência, Betty Rollin escreveu sobre como chegou a tomar essa decisão e como enfrentou as implicações por ela trazidas. Mais tarde, foi relatado que "Rollin disse calmamente: 'Eu sabia que, no máximo, seria presa. E, no mínimo, não seria presa.'" Pelo que sei, ela nunca foi presa, nem enfrentou muita oposição ao que fez.

E daqui, para onde vamos? Estamos quase a ponto de fornecer eutanásia sempre que for exigida? Há grupos nos Estados Unidos e em muitos outros países que apóiam vocalmente a idéia como sendo um meio de preservar a "dignidade humana" e eliminar sofrimento desnecessário.

Alguns médicos também já se declararam a favor da eutanásia ativa. O Dr. Christiaan Barnard ficou muito famoso após executar o primeiro transplante de coração. Suas opiniões a respeito da eutanásia e do suicídio foram publicadas alguns anos atrás em um livro intitulado *Good Life, Good Death* (Boa Vida, Boa Morte). Escreve ele: "Não estou profundamente convencido da existência de um Deus pessoal, nem da geografia de um céu ou inferno reais. Devo acrescentar, por outro lado, que não descartei a possibilidade de vida após a morte."[7]

O Dr. Barnard disse que jamais praticou a eutanásia ativa, visto que em seu país ela é considerada assassinato e poderia levar à pena de morte. Contudo, diz ele: "Acredito que na prática clínica da medicina, a eutanásia ativa tem um lugar definitivo."[8]

Dez mil pacientes irreversivelmente comatosos estão institucionalizados hoje nos Estados Unidos, segundo estimativas médicas. Quando a Associação Médica Americana emitiu suas diretrizes sobre a suspensão de tratamento para prolongar a vida, uma das declarações incluía suspensão de medicamentos e respiração, nutrição e hidratação supridos artificial ou tecnologicamente. Nesse caso, estamos falando de alimento e água.

Elizabeth Bouvia, uma paciente quadriplégica, vítima de

paralisia cerebral, alcançou as manchetes nacionais na luta para que lhe permitissem morrer de fome. A princípio, um juiz indeferiu o seu pedido. Ela tornou-se o objeto de acirrada batalha judicial. Enquanto os dirigentes do hospital e a Associação Americana das Liberdades Civis tomavam partido, o debate público trouxe à tona a questão. Finalmente, um tribunal de recursos ordenou a remoção do tubo de alimentação. Até o dia em que escrevo isto, contudo, ela continua viva por escolha própria.

Mas existe mais em jogo aqui do que a vida de um indivíduo. Já foi dito que a suspensão de alimentos e fluídos é apavorantemente reminiscente da Alemanha nazista onde "bocas inúteis" não eram alimentadas. O Dr. Leo Alexander, consultor no departamento do Conselheiro Mor de Crimes de Guerra, escreveu sobre como os médicos alemães iniciaram a tendência que resultou na eutanásia de 275.000 pessoas antes que a guerra começasse:

> Começou com a aceitação da atitude, básica no movimento em prol da eutanásia, de que existe um tipo de vida que não vale a pena ser vivido. Essa atitude, em suas primeiras fases, dizia respeito apenas a pacientes severa e cronicamente enfermos. Aos poucos, a esfera daqueles que deveriam ser incluídos nessa categoria foi ampliada para abranger os socialmente improdutivos, os ideologicamente indesejados, os racialmente indesejados, e, por fim, todos os não-alemães. Mas é importante perceber que a alavanca infinitamente pequena que, ao ser inserida, impulsionou toda essa tendência no modo de pensar, foi a atitude com relação aos enfermos não-reabilitáveis.[9]

Não estou certo de que a mesma coisa não aconteceria de novo. Mesmo a possibilidade já basta para nos manter em perpétua vigilância contra as tentativas de encorajar ou promover a eutanásia.

A Inevitável Vontade de Deus

A maré da opinião em favor da eutanásia ativa está subindo. Ouvimos médicos famosos dizendo que "prolongar a vida é cruel". Não importa quão compassiva essa observação possa parecer na superfície, existem importantes padrões bíbli-

cos que tanto os cristãos quanto os não-cristãos precisam considerar.

Da perspectiva bíblica, sabemos que a morte é inevitável, mas não deve ser apressada. A vida humana é dada por Deus e é preciosa. "Graças te dou, visto que por modo assombrosamente maravilhoso me formaste; as tuas obras são admiráveis, e a minha alma o sabe muito bem" (Salmo 139:14). Deus tem poder para intervir, e pode desejar fazê-lo, restaurando à saúde alguém considerado paciente terminal. "Eu mato, e eu faço viver; eu firo, e eu saro; e não há quem possa livrar alguém da minha mão" (Deuterônomio 32:39).

"Senhor, deixe-me morrer", é uma prece e um pedido oferecidos a Deus por muitos através dos tempos. Moisés não estava doente, mas infeliz com relação ao fardo que o Senhor lhe havia dado. Ele via seu povo resmungando por causa da alimentação e das condições de vida, reclamando até fazê-lo chegar ao seu limite. Ele já não aguentava mais. Disse a Deus: "Se assim me tratas, mata-me de uma vez, eu te peço" (Números 11:15).

Mas o Senhor tinha outros planos para Moisés! Este chegou a conduzir seu povo através do deserto até as divisas da Terra Prometida.

Elias havia matado os profetas de Baal, e contudo, quando a maléfica rainha Jezabel jurou vingar-se, o destemido profeta fugiu para o deserto, sentou-se debaixo do zimbro e exclamou: "Basta; toma agora, ó Senhor, a minha alma, pois não sou melhor do que meus pais" (1 Reis 19:4).

Mas o Senhor enviou um anjo para lhe fornecer alimento e água; elementos essenciais à vida!

O Senhor tinha outros planos para Elias.

E pense em Jó. Ele ficou com o corpo coberto de feridas. Sua carne estava sendo comida por vermes. Sua pele estava purgando e necrosando como nabos podres. Ele estava tão encarquilhado e magro que os ossos se salientavam e ele sofria dores atrozes e tinha pesadelos assustadores. Nessas circunstâncias, a maioria de nós bradaria, como o fez Jó, "que fosse do agrado de Deus esmagar-me, que soltasse a sua mão, e acabasse comigo" (Jó 6:9).

Mas o Senhor tinha outros planos para Jó também.

Se tivéssemos estado com Jó naquela situação dolorosa e

miserável, teríamos tirado seu alimento e sua água, e permitido que morresse de fome e desidratação?

A Bíblia não dá respostas específicas a respeito de como tratar as pessoas que se encontram num estado "vegetativo". Não obstante, as Escrituras falam com muita clareza do cuidado devido aos fracos e indefesos. Ao passo que "desligar os aparelhos" pode não resultar na morte, negar alimento e água significa morte certa.

O Dr. David Schiedermayer, do Centro de Ética Médica, da Escola de Medicina Pritzer da Universidade de Chicago, disse: "Nossos tribunais e nossa sociedade estão-se movendo rapidamente em direção à aprovação de se suspender alimento e água de pacientes. Como clínico e cristão, compartilho a preocupação de muitas pessoas que consideram tal medida moralmente errada. Se esta não for a hora de levantar o problema, então jamais haverá hora para isso. Alimento e água são coisas pelas quais sempre valeu a pena lutar."[10]

Conquanto todos devamos simpatizar com o sofrimento humano, a prática da "eutanásia ativa", quer através do uso de drogas letais, ou da negação de alimento e água, transgride o código moral de ética judaico-cristã.

É o Suicídio a Forma de Partir?

O velho esquimó encontra-se enfermo e sabe que está à morte. Sai para fora, para o mundo frio e mortífero, e cai num sono enregelador. Sua família não o abandonou. Apoiou-o nesse ato de suicídio. Era esse seu modo de viver — e morrer.

Para muitos dos povos da terra, a morte está intimamente ligada à sobrevivência do grupo. Lendas da Islândia, da Groenlândia e da Sibéria nos contam que o suicídio é normal quando a vida já não tem outro significado.

O suicídio ritual foi praticado pelos povos da África e da América do Sul onde a morte das esposas, dos servos e de membros da corte seguiam-se à morte do rei. Dentre as principais religiões do mundo, o xintoísmo, o budismo e o hinduísmo permitem o suicídio, mas o catolicismo e o judaísmo o condenam.

Nos dias de hoje, o suicídio é cometido em números assustadores por adolescentes, ceifando prematuramente jovens vidas cheias de promessa. Homens e mulheres tiram a própria

vida a fim de evitar os problemas ou as responsabilidades do viver. Em muitos casos, esse fato decorre de séria enfermidade emocional, quando a pessoa pode não estar em plena posse de suas faculdades mentais ou não ser plenamente responsável por suas ações. Outras, em menor porcentagem, são as pessoas seriamente enfermas ou à morte, que buscam uma forma de escape.

O suicídio é crime nos Estados Unidos, bem como a tentativa de suicídio. Ajudar alguém a suicidar-se equivale a homicídio. Mas há quem esteja tentando tornar essa possibilidade legal e aceitável.

Há alguns anos, a revista *Time* publicou a história de uma sociedade na Inglaterra que emitiu um panfleto sobre "Como Suicidar-se". Ele trazia uma lista de métodos, dava drogas específicas e advertia as pessoas a evitarem métodos tais como usar armas de fogo, cortar os pulsos ou pular de prédios.

Esse é um dilema doloroso para muitas pessoas que se debatem com sentimentos de desespero. E embora a Bíblia não nos dê orientação detalhada a esse respeito, ela se coloca firmemente do lado da vida e da esperança, e essa posição deve ser nossa fonte de informação ao considerarmos o suicídio e os muitos assuntos a ele relacionados.

Em muitos casos, o fardo real do suicídio recai sobre os que ficam. Anne-Grace Scheinin, uma senhora que havia tentado suicidar-se diversas vezes, escreveu um forte argumento contra tirar-se a própria vida. Ela falou por experiência pessoal, usando o exemplo da mãe que se havia matado: "Existe algo no suicídio que, mesmo quando cometido como escape de uma dolorosa enfermidade terminal, indica derrota total e incondicional. Não apresenta qualquer resquício de nobreza ou orgulho. A vida pode tornar-se um fardo por demais pesado, mas a libertação oferecida pelo suicídio não constitui um triunfo da vida, a conquista final do ser sobre o destino, mas sombria renúncia à esperança e uma derrota do espírito humano."

Essa senhora californiana escreveu: "Não importa quão forte seja a dor, nunca é tão forte que o suicídio seja a única resposta... o suicídio não põe fim à dor. Apenas a transfere para os ombros alquebrados dos sobreviventes." E assim ela finaliza a sua história: "A propósito: a todos os médicos, enfermeiras e psiquiatras que me forçaram a viver quando eu

não desejava — agradeço por manterem meus pulmões respirando e meu coração batendo e encorajando esperança em mim quando eu já não tinha nenhuma esperança.''[11]

Se somos feitos à imagem de Deus, temos o direito humano de destruir nossos próprios corpos? A cada dia, cometemos pequeninos atos de suicídio pela maneira como cuidamos desses corpos, mas esses não constituem o ato comprovado de se tirar a própria vida.

Uma peça que foi grande sucesso na Broadway e em Londres, intitulada "*Whose Life Is It Anyway?*" (Afinal, de Quem É a Vida?), revolveu em torno do suicídio e de matar por piedade, compassivamente.[12]

Este assunto é uma luta contra "os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal" descrita em Efésios 6:12. Pouco a pouco, a santidade da vida está sendo solapada. A sobrevivência do mais apto virá a ser a nossa filosofia elitista? Peço a Deus que não!

Perguntas Que Devemos Fazer

Em seu tocante livro, ao qual deu o título de *Mother's Song* (Canção Materna), John Sherril narra a decisão que teve de tomar com relação à vida e à morte da mãe. Quando a morte daquela senhora parecia iminente, o filho, que já não suportava vê-la sofrer, perguntou ao médico: "O que aconteceria se pedíssemos que essas agulhas fossem retiradas?"

Sherril disse que ficou tenso, esperando uma reação escandalizada do médico. Em vez disso, o doutor lhe deu algumas diretrizes a considerar. Com o consentimento de toda a família, que orou sobre a questão, e com a anuência do médico, o filho terminou por pedir que o aparato que prolongava a vida de sua mãe fosse removido. Ele resumiu algumas importantes perguntas que nós devemos fazer agora, enquanto estamos saudáveis e alertas. Damos abaixo a lista que ele apresentou:

1. Se os médicos conseguirem fazer com que uma pessoa idosa vença uma crise de saúde, qual será o tipo de vida que ela terá? Será uma vida racional e de saúde tolerável, ou ela voltará para enfrentar nova crise e deterioração e dor?
2. Qual é o desejo do próprio enfermo? Ele expressou o dese-

jo de viver tanto quanto possível, não importa o que isso signifique? Ou deseja que lhe permitam morrer sem lançar mão dos meios extraordinários que temos hoje à nossa disposição?
3. Qual é a atitude da pessoa atualmente? Nossos sentimentos podem mudar quando a morte se aproxima. Mesmo que estejamos incapazes de falar, existem inúmeras maneiras de comunicar-se...
4. Qual é a atitude da família?
5. Qual é a hora que Deus marcou? Descobrimos que sua assinatura é bela, mesmo no meio de dor e sofrimento. Na morte de mamãe, defrontamo-nos com exemplo após exemplo disso (coincidências, atos de bondade, providências extraordinárias). Cremos hoje que esses foram encorajamentos da parte de Deus para nos mostrar que havíamos interpretado corretamente os sinais da sua hora.

A morte é o fim? Esta é a pergunta que afeta todas as outras. Enfrentar a morte é inteiramente diferente para alguém que acredite na existência de uma vida futura.[13]

Sim, precisamos saber fazer as perguntas certas, pois vivemos em tempo emprestado, e desejamos usar nossa herança com tanta sabedoria quanto possível. Visto que Deus nos deu mentes racionais, precisamos exercitá-la enquanto estão aptas a funcionar. Esse fato não é mórbido, é um dos maiores desafios que provavelmente jamais enfrentaremos.

Quando a morte chegar
virá de mansinho
— quase furtivamente —
como após um dia duro
e afanoso, nos deitamos
e anelamos pelo sono —
pondo fim à velhice e à tristeza
ou à mocidade e à dor?
Quem morre em Cristo
tem tudo a ganhar
— e um Amanhã!
Por que chorar?
A morte pode ser selvagem.
Não podemos ter certeza:
os bons podem ser massacrados,
e os maus sobreviverem;
chegue a morte como for,

não desejava — agradeço por manterem meus pulmões respirando e meu coração batendo e encorajando esperança em mim quando eu já não tinha nenhuma esperança."[11]

Se somos feitos à imagem de Deus, temos o direito humano de destruir nossos próprios corpos? A cada dia, cometemos pequeninos atos de suicídio pela maneira como cuidamos desses corpos, mas esses não constituem o ato comprovado de se tirar a própria vida.

Uma peça que foi grande sucesso na Broadway e em Londres, intitulada "*Whose Life Is It Anyway?*" (Afinal, de Quem É a Vida?), revolveu em torno do suicídio e de matar por piedade, compassivamente.[12]

Este assunto é uma luta contra "os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal" descrita em Efésios 6:12. Pouco a pouco, a santidade da vida está sendo solapada. A sobrevivência do mais apto virá a ser a nossa filosofia elitista? Peço a Deus que não!

Perguntas Que Devemos Fazer

Em seu tocante livro, ao qual deu o título de *Mother's Song* (Canção Materna), John Sherril narra a decisão que teve de tomar com relação à vida e à morte da mãe. Quando a morte daquela senhora parecia iminente, o filho, que já não suportava vê-la sofrer, perguntou ao médico: "O que aconteceria se pedíssemos que essas agulhas fossem retiradas?"

Sherril disse que ficou tenso, esperando uma reação escandalizada do médico. Em vez disso, o doutor lhe deu algumas diretrizes a considerar. Com o consentimento de toda a família, que orou sobre a questão, e com a anuência do médico, o filho terminou por pedir que o aparato que prolongava a vida de sua mãe fosse removido. Ele resumiu algumas importantes perguntas que nós devemos fazer agora, enquanto estamos saudáveis e alertas. Damos abaixo a lista que ele apresentou:

1. Se os médicos conseguirem fazer com que uma pessoa idosa vença uma crise de saúde, qual será o tipo de vida que ela terá? Será uma vida racional e de saúde tolerável, ou ela voltará para enfrentar nova crise e deterioração e dor?
2. Qual é o desejo do próprio enfermo? Ele expressou o dese-

ou a quem quer que seja,
aquele que conhece o Senhor ressurreto
conhece a tumba vazia também.

— RUTH BELL GRAHAM[14]

7
Escolhas de Vida e Morte

Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e nada lhes impropera; e ser-lhe-á concedida.

— TIAGO 1:5

Sabedoria para fazer escolhas na vida... e ao aproximar-se a morte. Quanto precisamos da sabedoria de Deus! Por exemplo, temos, quase todos, um desejo subconsciente de deixar este mundo com certo grau de dignidade...talvez aos noventa e cinco anos de idade, sentados numa cadeira confortável diante do fogo...simplesmente fechamos os olhos e, antes de percebermos o que está acontecendo, estamos na eternidade. De forma rápida, tranqüila e fácil.

Mas a vida não segue os padrões que tão desajeitadamente estabelecemos. "Vós não sabeis o que sucederá amanhã. Que é a vossa vida? Sois apenas como neblina que aparece por instante e logo se dissipa" (Tiago 4:14).

Quase todos gostaríamos de dizer algo que nossa família pudesse citar e ficasse em sua lembrança. Mas, e se a doença ou a velhice devastarem nosso corpo e a pessoa que virmos no espelho apresentar pouca semelhança àquela fotografia no álbum de família? É possível despedir-se da vida terrena com certa honra?

Certo médico pintou para mim dois quadros verbais de morte sem nenhuma dignidade. O primeiro, ele descreveu da seguinte maneira: "A morte na UTI: o paciente em estado de

coma, o respirador mantendo o corpo vivo indefinidamente, algumas ondas EEG oscilando aqui e ali, forçando-o a continuar, dois ou três tubos de soro, tubos no nariz e na bexiga, múltiplos consultores fazendo modificações diárias para manter os números equilibrados, e a conta subindo dois mil dólares por dia sem fim em vista."

Que pensamento sombrio! E, contudo, isso acontece cada vez mais freqüentemente. O caso de Alan é um exemplo. Por meses, Alan foi mantido vivo dessa exata maneira. O dinheiro do seu seguro de saúde foi usado na íntegra e todo o seu dinheiro se foi. Quando chegou a esse ponto, a esposa orou pedindo a sua morte e, por fim, deixou de ir vê-lo de vez. Quando Alan morreu, deixou-lhe uma herança de amargura e pesar.

Casos como esse formam uma legião nos registros hospitalares. O aguilhão da morte pode ser cruel e demorado e financeiramente devastador.

O segundo quadro de morte sem dignidade pode ser visto ocasionalmente nos sanatórios. Por semanas, meses ou anos, o paciente depende dos empregados da instituição, que podem ou não ter muito interesse no seu conforto. Seu ambiente consiste de uma cama, um criado-mudo, os gemidos e o balbuciar vindos do quarto pegado (ou da cama pegada), o cheiro de desinfetante tentando encobrir odores desagradáveis. Quando a morte finalmente chega, notificam um parente distante que mostra tristeza na voz e toma as providências necessárias pelo telefone.

Infelizmente, a descrição, e o fato, são demasiadamente comuns. Pergunte ao diretor de qualquer sanatório e ele lhe contará a respeito de Dona Florinda ou do Senhor José que estão há anos no sanatório, recebendo apenas visitas pró-forma de qualquer pessoa que se importe. Muitos são abandonados socialmente bem antes da chegada da morte física.

Os sanatórios podem ser uma grande bênção para pessoas que descobrem ser impossível cuidar em casa dos membros idosos ou enfermos de sua família. Contudo, cuidadosa investigação deveria ser feita para assegurar à família e ao paciente de que o tratamento normalmente dispensado ali é dignificado. Um amigo me contou como sua mãe havia morrido em uma "casa de repouso" e quando ele foi apanhar os pertences

dela, mandaram-no a um quarto de despejo onde encontrou um saco plástico de lixo cheio de retratos, plantas e roupas. A dor de meu amigo foi intensificada por esse ato descortês.

Não estou condenando os sanatórios. Muitos deles são maravilhosos, dirigidos por pessoal dedicado e compassivo. Visitei Vance Havner, o famoso pregador bíblico, que passou seus últimos dias numa ótima instituição.

Contudo, contrastando com o abandono e o tratamento destituído de dignidade, imagine um ambiente familiar, com alguns amigos e membros mais próximos da família ao redor, os negócios pessoais em ordem, e a certeza do futuro com um Deus amoroso.

Depois da morte do pai de Ruth, sua mãe começou a ter dificuldade cada vez maior em cuidar de si mesma. Ela estava parcialmente paralisada por um derrame, dependendo de ajuda para a maior parte de suas necessidades físicas. Ruth havia feito com que a levassem à nossa casa de campo por algum tempo, mas a velha senhora queria sua própria casa, e assim foi levada de volta.

Disse Ruth: "Toda a sua vida, mamãe amou a música — tanto tocando o piano e cantando quanto ouvindo outros produzirem música."

Então, durante seus últimos dias, percebemos repentinamente que os hinos de que os vivos gostam não oferecem atração especial aos que estão morrendo. Ruth repassou seus discos favoritos, marcando os hinos que achou que a mãe gostaria de ouvir, e a estação de rádio local graciosamente os passou para fitas. Quando Ruth se recorda daqueles dias, diz: "Mamãe tinha um gravador simples e era capaz de apertar o botão liga-desliga à vontade, de forma que lindos hinos antigos ministraram ao seu espírito hora após hora nas últimas semanas em que ela esteve conosco."

As Decisões Mais Difíceis

No caso da mãe de Ruth, não tivemos de tomar a difícil decisão quanto a sustentar-lhe ou prolongar-lhe a vida. Ela não estava ligada a sistemas auxiliares, mas precisava de amoroso e completo cuidado. Não tínhamos a menor dúvida de que era isso o que ela receberia.

Temos uma amiga íntima que precisou tomar pelo marido a decisão quanto a se a vida dele seria ou não mantida por aparelhos. Felizmente, eles haviam discutido a possibilidade dessa escolha antes que a hora da necessidade crucial chegasse.

Edith Schaeffer, viúva de meu amigo, o falecido Francis Schaeffer, foi chamada ao quarto do hospital onde o marido estava morrendo de câncer. Seis médicos lhe disseram que pouca esperança havia para Francis, e perguntaram se ela desejava que ele fosse removido para a unidade de terapia intensiva e ligado a aparelhos. Um deles, falando por todos, disse: "Uma vez que a pessoa tenha sido ligada aos aparelhos, eu jamais desligaria. Preciso saber qual é a sua opinião."

Edith sabia que, por anos, ela e Francis haviam falado sobre a preciosidade da vida e de que até alguns minutos poderiam fazer diferença se alguma coisa precisasse ser dita ou feita. "Mas", disse ela, "não vejo motivo para simplesmente prolongar a morte. É uma linha tênue; não é um processo absoluto de um-dois-três. Existem diferenças de uma pessoa para outra, e é preciso ter muita sabedoria."

Edith Schaeffer escolheu levar o marido para casa. Disse ela: "Creio que quando meu marido deixar seu corpo, estará com o Senhor. Não quero que ele me deixe até estar com o Senhor. Portanto, estou certa de que ele gostaria de ir para a casa que me pediu que comprasse e mantivesse à disposição para o tempo que ele ainda tem."

Os médicos concordaram com ela e lhe disseram que gostariam que maior número de pessoas fizesse as coisas da mesma maneira. Fran foi levado para casa, e Edith cercou sua cama com as coisas que ele amava, e deixou música tocando no quarto. Disse ela: "Um após outro, tocávamos seus discos favoritos: Beethoven, Bach, Schubert, Handel. Dez dias depois, a 15 de maio de 1984, com a música do *Messias* de Handel ainda no ar, Fran exalou seu último suspiro."[1]

Uma Morte Pública

Lembro-me de um homem que acrescentou nova dimensão à idéia de morrer com dignidade. Hubert Humphrey foi vice-presidente dos Estados Unidos sob Lyndon Johnson. Estabeleceu sua carreira e reputação como senador, e mais tarde

como o candidato do partido democrático à presidência da república que perdeu as eleições. Entretanto, Humphrey fez algumas de suas mais importantes declarações públicas nos meses em que esteve agonizante, quando tornou-se um modelo para o público americano.

Lembra-se de quando câncer era geralmente uma palavra que se dizia em voz baixa? Talvez mais do que qualquer outra pessoa, Humphrey tenha exposto o temido assunto aos olhos do país. Em 1977, seus médicos tornaram público o diagnóstico, e, pelo que sabemos, fizeram-no com a aprovação do paciente. Ele tinha um tumor inoperável e seu caso era terminal. Um dos melhores escritores e professores do país no que diz respeito à morte e ao processo de morrer, Edwin Shneidman, escreveu: "Depois disso, o mundo tinha de evitar Humphrey como se fosse um leproso ou um pária (devido ao estigma social do câncer terminal) ou, por causa de quem ele era e da maneira como se conduzia, aceitá-lo como era."[2]

O público aceitou Humphrey e observou sua atitude ao aproximar-se da morte abertamente e com humor irônico. "A extraordinária morte pública de câncer por parte de Hubert Humphrey pode servir como exemplo de um tipo de 'morte apropriada' para algumas pessoas. A publicação de seus ditos com relação ao câncer, seu estado de saúde e sua morte provavelmente estimularão muitos de nós a pensarmos a respeito de nossa própria maneira de morrer."[3]

Os comentários de Humphrey no plenário do Senado expressam de maneira muito bela as qualidades necessárias para uma morte dignificada, graciosa. Disse ele: "A melhor terapia é a amizade e o amor, e por todo o país tenho sentido as duas coisas. Médicos, produtos químicos, radiação, pílulas, enfermeiras, terapeutas, todos esses são úteis, muito úteis. Mas sem fé em si mesmo e em sua capacidade de vencer as próprias dificuldades, fé na providência divina, e sem a amizade, bondade e generosidade de amigos, não há possibilidade de cura."[4]

Ele sabia que não seria curado, mas expressava aquilo de que todos precisamos... amizade, bondade e fé em Deus.

Pessoas Diferentes, Escolhas Diferentes

Sabemos que a morte tem muitas faces e vozes. Paul Tour-

nier escreveu: "Rara é a morte verdadeiramente consciente, lúcida, serena e aceita. Mas como uma morte assim é impressionante! Uma moça com quem trabalhei por muito tempo caiu seriamente enferma na flor da idade. Desde o começo, ela sentiu intuitivamente que não se recuperaria. Fez uma listas dos parentes e amigos a quem gostaria de ver mais uma vez antes de partir, e os convidou um por um a virem vê-la. Ela ora para poder dar a cada um a mensagem que tem para eles em seu coração, e morre no dia seguinte ao da última visita. Eu mesmo já fui chamado dessa forma diversas vezes por diversos de meus melhores amigos, quando eles sabiam que seus dias estavam contados. Nessas horas, quão profundo se torna o diálogo entre nós!"[5]

A maioria das pessoas morre em algum lugar entre os dois extremos da morte: a dignificada e a totalmente destituída de dignidade. A maior longevidade, os progressos em saúde pública e melhores condições sanitárias, juntamente com a probabilidade de um ambiente razoavelmente seguro para os idosos nas últimas décadas significam que as causas mais comuns de morte entre as pessoas idosas são enfermidades degenerativas tais como moléstias cardiovasculares, câncer, derrames, complicações de diabete e outras desordens.

Mas o que vemos são duas tendências na forma principal de cuidado médico. Uma é a tendência dos médicos em submeter o paciente a cauteloso e caro supertratamento, a fim de se protegerem contra a ameaça potencial de ações legais. Essa tendência pode levar a "tratamento médico heróico" em alguns casos. No extremo oposto, encontra-se o enfoque pragmático que diz que se a pessoa já não for útil, deve-se evitar até o mínimo cuidado. Disse um médico cristão: "O último vai-se tornar cada vez mais tentador à medida que o dinheiro vai ficando mais curto e a vida humana individual perde o valor."

Então, qual é a resposta? Podemos encontrar uma posição moderada e amorosa que garanta a dignidade do paciente durante o período de doença e convalescença sem destruir essa dignidade com tratamento caro, exaustivo e improdutivo?

O Dr. C. Everett Koop, cirurgião geral dos Estados Unidos, disse: "Todo esse debate tem conotações diferentes para o cristão e para o não-cristão. Minha esposa sabe que não acredito em ter minha vida terminada por injeção letal. Quero fi-

car por aqui o tempo suficiente para estar seguro de ter providenciado para a minha família. Mas depois disso, não quero que minha vida seja prolongada em grande desconforto quando isso for infrutífero."[6] O Dr. Koop é também um grande estudioso da Bíblia.

A Sabedoria de Deus e a Nossa Responsabilidade

O doente tem um valor que lhe foi conferido por Deus. Ele se preocupa com a maneira pela qual tratamos as pessoas que podem não ter muito a nos oferecer. Um vulto influente ou público pode achar fácil ser tratado com bondade e amor. Mas quando Jesus estava ensinando os seus discípulos, disse: "Porque tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era forasteiro e me hospedastes; estava nu e me vestistes; enfermo e me visitastes; preso e fostes ver-me" (Mateus 25:35, 36).

Seus seguidores ficaram perplexos. Quando tinham feito todas essas nobres ações? Jesus lhes disse: "Em verdade vos afirmo que sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes" (Mateus 25:40).

Vejamos algumas das formas pelas quais podemos contribuir para o valor dado por Deus à vida humana... e como nós mesmos gostaríamos de ser tratados.

Por Favor, Não Me Abandone

Eu já disse muitas vezes que a solidão é a atitude predominante em nossa cultura. A pessoa pode sentir-se solitária no meio de uma festa; pode sentir-se solitária em uma multidão ou no campo. A solidão pode ser experimentada pelos ricos e famosos ou pelos pobres e desconhecidos. A solidão pode se abater sobre o moribundo e tornar suas últimas horas uma câmara de tortura de abandono. Como pode isso acontecer? Como resultado de certas atitudes que os outros assumem.

Primeiro, existe a atitude do monólogo. "Como está hoje, Mário? Está com boa aparência." Mário está pronto a contar como se sente e precisa expressar algumas de suas preocupações, mas a sindrome de "bancar o forte" foi-lhe imposta pelo médico e pelos amigos. Eles o informam sobre como

se deveria sentir e a seguir podem dizer: "Voltarei para vê-lo novamente." A promessa é feita mas não cumprida, da mesma forma que alguns cristãos dizem piamente: "Orarei por você", mas jamais o fazem.

Há outra atitude que promove a sensação de abandono. A pessoa pode ser tratada como se a moléstia ou o acidente a tenha transformado num ser não existente. Da mesma forma que às vezes fazemos com as crianças, conversamos na frente delas como se não estivessem presentes. Até meus cachorros têm inteligência o bastante para saber quando estamos falando a respeito deles. Voltarão as cabeças para um lado e suas orelhas se erguerão. Jesus estava falando acerca desses "pequeninos", e mesmo os amigos dos animais concordarão que os seres humanos têm inteligência mais elevada do que cachorros.

As pessoas que precisam de ajuda dão deixas. Precisamos ter sensibilidade para percebê-las. "Acho que vou morrer logo" é um pedido de compreensão, não uma afirmação a ser desconsiderada. Muitas vezes respondemos com alguma tolice tal como: "Você vai viver por muitos anos mais", quando tudo indica o contrário. A honestidade parece sair voando pelas janelas de muitos quartos de doentes.

Às vezes pessoas confinadas a sanatórios, bem como pacientes terminais, são verdadeiramente abandonados. "Prefiro lembrar-me dela como ela era" é a racionalização. Outra indicação desse abandono diz respeito ao contato físico. Primeiro, a pessoa amada é beijada nos lábios, depois o beijo cai de leve sobre a testa, da próxima vez é jogado do outro lado do aposento, e a solidão aumenta.

Pergunto-me o que teria acontecido se a família de Jacó o tivesse abandonado. Em seus últimos dias, ele reuniu todos os filhos em torno de si e profetizou o que aconteceria a cada um deles. Alguns receberam severa admoestação, outros bênçãos. Quando terminou, a Bíblia diz que "tendo Jacó acabado de dar determinações a seus filhos, recolheu os pés na cama, e expirou, e foi reunido ao seu povo" (Gênesis 49:33).

Uma Escolha para os Doentes Terminais

Diversos anos atrás, o colunista George Will escreveu um artigo para a revista semanal *Newsweek* chamado "Uma

Boa Morte". Recortei o artigo e guardei-o porque desejava saber o que ele considerava uma morte *boa* e uma morte *ruim*, e descobri que alguns de seus comentários indicavam as atitudes populares americanas a respeito da dignidade humana.

Will disse: "Chega a hora numa moléstia degenerativa em que a continuação do tratamento 'agressivo' intensificaria o sofrimento do paciente sem trazer benefício substancial. Nesse ponto, a preocupação com o paciente deveria tornar-se a preocupação com uma morte dignificada."[7]

O artigo prosseguia com uma descrição do programa de abrigos. Esse é um conceito novo e antigo ao mesmo tempo, que está crescendo rapidamente no mundo ocidental. É comparativamente novo nos Estados Unidos, mas antigo por seguir os princípios cristãos da Regra Áurea.

Durante a Idade Média, abrigos medievais eram refúgios onde peregrinos eram acolhidos e alimentados ao longo de sua peregrinação à Terra Santa. Às vezes eram localizados perto de mosteiros. Um dos mais famosos foi o abrigo de São Bernardo, nos Alpes suíços. (Pensamos no imponente São Bernardo com o frasco em torno de seu enorme pescoço como sendo um cão que salvava vidas, e isso já foi verdade em certa época.)

O moderno movimento dos abrigos teve início na Inglaterra, onde uma mulher compassiva, a Drª Cicely Saunders, fundou o abrigo de São Cristóvão, o modelo sobre o qual tantos outros têm sido baseados. Um abrigo fornece cuidado a pacientes terminais e seus queridos; seu principal objetivo é o de aliviar a dor crônica. O diretor médico de um abrigo disse: "Nunca chega a hora em que nada pode ser feito. Pode não haver mais nada que possa ser feito para curar a moléstia, mas sempre há outras medidas a serem tomadas para o conforto do paciente."

O objetivo do São Cristóvão é o de fornecer amoroso cuidado, usando medicamentos com uma dimensão humana no tratamento de todos os aspectos da dor: físicos, sociais, emocionais e espirituais. O abrigo é uma comunidade terapêutica dentro da comunidade, ajudando os que estão à morte a viverem até o último instante, e ajudando as famílias a continuarem vivendo.

George Will comentou: "Com o cuidado oferecido pelos abrigos como alternativa, haveria pouca necessidade de eutaná-

sia. Sem a alternativa dos abrigos, a legalização da eutanásia exerceria cruel pressão sobre as pessoas idosas e frágeis que acham que pouco valor têm aos olhos da sociedade. Quando incuravelmente enfermas, essas pessoas perceberiam a administração da morte como a única alternativa ao terrível sofrimento que as esperaria e ao terrível custo para suas famílias, de forma que seu direito de morrer viria a parecer um 'dever de morrer'."[8]

O que deseja a pessoa que está à morte? As coisas materiais que já foram tão importantes tornam-se insignificantes. Tournier disse: "A busca do sucesso, o difícil embate para evitar o fracasso, são apropriados durante a época de pujança na vida. Mas qualquer fruto que esse longo esforço tenha produzido parecerá de pequena monta ao enfrentarmos a proximidade da morte. O que importa então é a serenidade."[9]

Serenidade é expressa pelas "águas tranqüilas" do Salmo 23. Serenidade é o que aquele senhor idoso, Simeão, expressou quando o bebê Jesus lhe foi apresentado: "Senhor", disse ele, "agora eu posso morrer em paz!" (Lucas 2:29).

Serenidade é o que as pessoas dedicadas no movimento dos abrigos desejam levar aos que estão morrendo. Serenidade e dignidade.

Cuidados Especiais para Pessoas Especiais

O movimento dos abrigos continua crescendo. Se você conhecer alguém cuja vida esteja ameaçada ou que esteja atacado por doença terminal, verá que o abrigo oferece alternativa razoável e atenciosa de cuidados médicos.

O que qualifica alguém para ser cuidado num abrigo? Quando o médico determina que nada mais há que possa fazer para salvar a vida da pessoa, pode recomendar um abrigo ao invés de internação hospitalar. Qualquer pessoa pode recomendar um paciente à internação num abrigo. Na maioria dos casos, a pessoa que está morrendo fica em casa e uma equipe de apoio, que consiste de médicos, enfermeiras, assistentes sociais do serviço médico, capelães, auxiliares domiciliares da saúde e voluntários treinados, oferecem cuidados individualizados e completos. O trabalho da equipe não cessa com a morte, mas continua para ajudar a família durante o período de luto.

A cidade de San Diego, na Califórnia, tem um programa de abrigos que foi criado por sessenta pessoas que se preocupavam com pacientes à morte e suas famílias. Em menos de dez anos, o conceito continuou a crescer até mais de 3.200 pacientes e suas famílias terem sido beneficiados. Hoje, uma vez que os critérios tenham sido satisfeitos — o que simplesmente significa que o doente precisa ter sido diagnosticado como paciente terminal, com apenas dias, semanas ou, no máximo, meses de vida — qualquer pessoa pode receber ajuda. Cor, credo ou posição financeira não constituem barreira ou qualificação para que o doente seja admitido a uma dessas instituições.

Profundas necessidades humanas afloram quando a pessoa está morrendo. Às vezes a família sente-se impotente, e em outras vezes fica zangada. As emoções podem ser ocultadas, apenas para aflorarem em dolorosas explosões. "O objetivo do abrigo é o de ajudar a trazer para fora esses sentimentos naturais e positivos de forma que os últimos dias da pessoa sejam como deveriam ser — livre de dor e tensão, em uma atmosfera de amor e cuidado."[10]

O diretor de relações públicas do Abrigo de San Diego e o capelão enfatizam que o papel de toda a equipe e o dos voluntários é o de combinar cuidado e dedicação.

Entre alguns dos serviços aos que cuidam dos pacientes em casa encontram-se visitas diárias à casa, assistência com problemas pessoais e nos negócios, serviços de enfermagem, execução de pequenos serviços de rua, e apoio espiritual e psicológico. Após a morte do paciente, o abrigo continua a oferecer ajuda à família em seu período de dor.

Conta-se a história de uma mudança de atitude ocasionada por um membro da equipe de um abrigo. Ouvi falar de um avô que estava morrendo. Mandaram a netinha de quatro anos brincar em outra parte da casa, e lhe deram ordens de não chegar perto do quarto do avô. Os membros adultos da família reuniram-se chorando na sala de estar, e os netos adolescentes entravam e saíam da casa a esmo. Uma assistente do abrigo encontrou a garotinha soluçando no canto do quarto.

— O que aconteceu, meu bem? — perguntou ela.

— Eles não me deixam ver o vovô, e estou com medo — choramingou a menina. — Acho que vão fazer algo terrível com ele.

A enfermeira do abrigo procurou a família e disse:

— É errado não permitir que as crianças vejam o avô e se despeçam dele. Não as mantenham afastadas.

Relutantemente, a mãe e o pai disseram aos filhos que podiam entrar no quarto. A garotinha ficou na ponta dos pés e beijou o avô, e, a seguir, ainda não satisfeita de que ele sabia que ela estava ali, subiu à cama e deitou-se pertinho dele. Os mocinhos sentaram-se em cadeiras ao lado da cama. Um sorriso abriu os lábios do avô — e ele morreu tranqüilamente.

Aquela garotinha jamais se esquecerá da experiência, do seu amor pelo avô, ou de ter estado ao lado dele nos últimos momentos em que ele viveu.

Experiências na Inglaterra comprovam que o cuidado dos abrigos traz outros efeitos benéficos. Depressão, ansiedade, e raiva são reduzidas naqueles que são cuidados em casa. Uma das coisas que vêm acontecendo nas áreas onde o movimento de abrigos está operando é a de que mais pessoas estão morrendo em casa agora. Na cidade de New Haven, Estado de Connecticut, por exemplo, as estatísticas mudaram de cerca de 10% para mais de 70% das pessoas que morrem em casa. Uma direção positiva foi acrescentada à nossa sociedade com as equipes e voluntários desse esforço extraordinário. Espero que muitos outros cristãos se envolvam nesse movimento, como forma de testemunhar o amor de Cristo.

Oportunidade para Demonstrar o Amor de Cristo

Lembra-se da história de Jesus e do cego narrada no capítulo nove de João? Aqui temos um modelo de necessidades que foram satisfeitas e olhos que foram abertos a um relacionamento pessoal com o Senhor. O homem era cego e Jesus o curou. Os fariseus ficaram chocados por Jesus tê-lo curado no sábado, e o desprezaram. Mas aquele ex-cego sabia que o homem que o curara tinha um relacionamento especial com Deus, e quis conhecer mais acerca dessa fonte de conforto e amor.

Quando as necessidades da pessoa são satisfeitas, seus olhos podem se abrir ou sua visão melhorar para ver aquilo que Deus pode fazer em sua vida. Deus nos dá o exemplo através de Jesus, e estamos seguindo o nosso Mestre quando nos envolvemos com algo tão positivo quanto essa recente tendên-

cia no cenário americano de cuidados médicos. É Cristo ministrando às pessoas através dos seus. Se as presentes predições sombrias se concretizarem com relação a mortes resultantes do vírus da AIDS, a necessidade de mais programas como esse se tornará urgente.

Muitas vezes uma criança à morte sem querer encaminha seus pais ao Senhor. O capelão de um abrigo disse que desejava que as pessoas mais velhas tivessem a percepção que as crianças moribundas muitas vezes têm. "As crianças são tão dispostas a falar acerca de Deus. Têm mais disposição para falar acerca da morte do que os mais velhos."

Chega o ponto em que os pacientes terminais têm de enfrentar a sua condição. Entretanto, no passado, as famílias e os pacientes eram geralmente deixados a enfrentar a situação com pouco apoio, especialmente quando não tinham antecedente ou envolvimento religioso. Agora que isso está mudando, a comunidade cristã deveria notar e fazer algo a respeito. Por exemplo, todos os abrigos precisam de voluntários para cuidado direto. São chamados de "O Coração do Abrigo". O voluntário para cuidado direto é um amigo especial dos pacientes e de suas famílias.

Voluntários para cuidar dos pacientes aprendem coisas tais como comunicação, dor e controle dos sintomas, apoio aos sentimentos de tristeza e perda, cuidado espiritual, questões éticas e cuidado terminal. Embora essas habilidades possam parecer complicadas, são qualidades humanas essenciais, talentos que todos nós possuímos até certo ponto. São a expressão da compaixão que pode ajudar a muitos milhares de pessoas (já que o tempo de vida nesta última parte do século vinte aumentou) a atingirem certo grau de dignidade em seus últimos dias.

Acima de tudo, deveríamos estar dispostos a orar com aqueles que vivem seus últimos dias e horas, e ler para eles as Escrituras. Lembre-se de que "pela consolação das Escrituras, tenhamos paciência" (Romanos 15:4).

Jesus está caminhando pela Terra hoje nos corações daqueles que crêem nele. Maior bem foi feito, mais pessoas amadas, mais conforto trazido por seu povo do que por filosofias humanísticas que demonstram uma filosofia de cuidado sem sua graça salvadora.

"Cristãos que se Importam" deveria ser o lema, e o estandarte, do corpo de crentes. Quando os outros vêem a compaixão que expressamos pelos que sofrem e que estão de luto, verdadeiramente crerão que nossa fé tem significado. "Conhecerão que somos cristãos por nosso amor; sim, conhecerão que somos cristãos por nosso amor."

8

Tateando em Meio à Dor

"para que os seus corações sejam confortados, vinculados juntamente em amor..."

— COLOSSENSES 2:2

Seu filho morrera, ceifado por trágico acidente apenas dias antes. Ela sentou-se no banco da frente da igreja, ouvindo em silêncio enquanto o ministro falava durante o serviço fúnebre, a face composta, quase serena, poderíamos dizer. Quando a prece final terminou, os amigos passaram em fila pelo caixão, abraçando membros da família com lágrimas nos olhos. Mais tarde, alguém disse: "Eles estão aceitando tudo tão bem." "A mãe dele é uma verdadeira fortaleza." Na casa, depois de tudo terminado, os pais cumprimentaram dezenas de pessoas com sorrisos e palavras de encorajamento.

Alguns dias depois, o marido encontrou a esposa sentada no chão da cozinha, martelando o piso com punhos fechados e soluçando descontroladamente. A mulher que as pessoas haviam achado "tão corajosa" estava enferma até o mais íntimo do seu ser com uma emoção comum a todos os viventes.

Uma vizinha nossa, a quem daremos o nome de Frances North, perdeu o marido em trágico acidente. Também dessa vez, todos comentaram a coragem — até mesmo a boa disposição — da viúva.

"Apenas o Senhor pode conceder uma vitória dessas", foi a opinião geral. Talvez a coitada da Frances sentisse que

não tinha saída. Como podia expressar sua dor sem desapontar o Senhor?

Meses se passaram, e Ruth recebeu um telefonema. Uma amiga estava preocupada. Frances estava-se tornando cada vez mais retraída.

Assim, Ruth, que havia anos era amiga de Frances, foi à sua casa. Encontrou Frances sentada sozinha, olhando fixamente o chão. Com brandura, Ruth conversou com ela e as únicas respostas que obteve foram o silêncio ou monossílabos. Por fim, percebendo que Frances estava pior do que esperava, Ruth perguntou-lhe se gostaria que telefonasse ao médico. Em silêncio, Frances assentiu com a cabeça. Ruth telefonou e recebeu ordens de levar a amiga ao consultório imediatamente.

O médico, um cristão compreensivo e compassivo, reconheceu os sinais de perigo da dor não solucionada, longamente suprimida, e tomou Frances sob seus cuidados.

Hoje, ela é a pessoa normal, feliz, extrovertida que era antes de ser atingida pela tragédia.

Como podemos errar ao tirar conclusões sobre outras pessoas baseados na aparência ou atitudes externas. Retire o sorriso e pode encontrar uma necessidade desesperada. A dor se esconde debaixo de muitas máscaras. Ela assume muitas formas. A fachada da dor pode ser indiferença, preocupação, raiva, animação ou qualquer variedade de emoções. Mas se tentarmos compreendê-la, pode ser que aprendamos a viver com ela. Quando passarmos por ela, seremos capazes de ajudar aos outros.

A Dor É um Fato

A dor vem com muitas perdas. Pode ser a perda do emprego ou de um amigo, de um bichinho de estimação ou algo que possuímos. A perda do relacionamento matrimonial pode causar dor tão angustiante quanto a da morte. Qualquer que seja a causa, a dor nos atingirá a todos.

As estatísticas mostram que a tristeza causada pela dor afeta dez em cada 250 famílias nos Estados Unidos todos os anos. Visto estarmos estudando a questão do fato e do processo da morte, examinaremos em particular a dor pessoal, e como confortar alguém que esteja passando por ela devido à perda ocasionada pela morte. Muitos dos princípios que discutiremos po-

dem, entretanto, ser aplicados para ajudar aqueles que estão sofrendo algum outro tipo de perda, tal como a do casamento desfeito.

A dor não devidamente enfrentada pode nos levar a perder a perspectiva sobre a vida. Um amigo me contou a respeito da mãe que sentiu tão agudamente a morte do marido que, dezessete anos após a morte dele, ela chorava todas as vezes que o seu nome era mencionado. A esposa do meu amigo lhe disse: "Querido, eu o amo muito, mas jamais sofrerei por você dezessete anos!"

Edna St. Vincent Millay expressou o tipo de desesperança que muitas pessoas sentem ao defrontar-se com a perda. Em seu poema "Lamento", ela escreveu:

A vida deve continuar,
e os mortos devem ser esquecidos;
A vida deve continuar,
Embora homens bons morram;
Anne, tome o seu café;
Dan, tome seu remédio;
A vida deve continuar;
mas não me lembro por que.

Jesus não desconhecia a dor. Isaías 53:3,4 predisse que Cristo seria "desprezado, e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer".

A felicidade é uma escolha, mas a dor é uma certeza. Quando Jacó pensou que José havia sido despedaçado por animais selvagens, a Bíblia diz que ele "rasgou as vestes e lamentou o filho por muitos dias". O rei Davi ficou sabendo que o filho havia sido morto, e expressou sua dor em palavras que têm ecoado através dos tempos: "Meu filho Absalão, meu filho, meu filho Absalão! Quem me dera que eu morrera por ti, Absalão, meu filho, meu filho!" (2 Samuel 18:33).

Quando a morte nos separa de alguém a quem amamos, há um período quando pensamos que ninguém jamais sofreu como estamos sofrendo. Mas a dor é universal. O método de lidar com a dor é pessoal e vital.

As Emoções Associadas à Dor

A culpa é uma força poderosa que ataca quando algum ente querido morre. É fácil começar a cantar o coro de "se ao menos" para nós mesmos ou para outra pessoa. "Se ao menos os enfermeiros não tivessem sido tão lerdos." "Se ao menos eu tivesse estado lá, poderia ter feito alguma coisa." "Se ao menos eu não lhe tivesse dado aquele carro." "Se ao menos eu tivesse passado mais tempo com ela e dito quanto ela significava para mim."

Há dois tipos de culpa: a verdadeira e a falsa. Às vezes as duas estão tão interligadas que não sabemos qual delas estamos sentindo. A verdadeira culpa vem quando sentimos ou sabemos que desobedecemos aos mandamentos de Deus ou transgredimos suas normas. A culpa falsa é uma das emoções normais da dor, quando alguém se sente culpado por algo sobre o qual não tinha controle.

Velma Barfield, a mulher que foi executada pelos crimes que cometeu, conheceu e experimentou a verdadeira culpa. O rei Davi deve ter sofrido a verdadeira culpa depois de ter ordenado o assassinato de Urias, o marido de Bate-Seba. Lamentou ele: "Pois eu conheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim" (Salmo 51:3).

Somos todos seres humanos imperfeitos, com relacionamentos imperfeitos. Ninguém ama com perfeição seus amigos ou sua família. Quanto mais imperfeito o amor, mais necessário poderá parecer aos sobreviventes aumentar o ritualismo da dor. Caixões e féretros elaborados, acima dos recursos da família, podem constituir uma forma de "expiar" os sentimentos de culpa. Contudo, não desejo criticar as práticas funerárias; creio que elas precisam ser uma questão de escolha pessoal e ponderada para cada família.

Às vezes a culpa resulta de sentir-se alívio quando alguém que sofreu prolongada moléstia finalmente morre. Podemos dizer: "Estamos gratos porque seu sofrimento terminou." Depois, mais tarde, a culpa se insinua como resultado dessa gratidão.

Quando a negligência ou o ódio se tornaram parte de um relacionamento, a morte da pessoa que gerou esses sentimentos pode resultar em dor auto-infligida pelo sobrevivente. Contaram-me a respeito de um rapaz que havia perdido tanto

o pai quanto a mãe quando criança. O rapaz foi criado por uma tia que lhe era indiferente. Apenas ocasionalmente, recebia a visita de um irmão mais velho, que também o negligenciou. O rapaz morreu quando tinha somente vinte e um anos de idade, e, repentinamente, a tia e o irmão começaram a falar mal dos médicos, exigindo retribuição de cada pessoa que se associara ao seu parente, chorando alto e vocalmente. A culpa resultante da negligência anterior foi disfarçada em dor.

A dor do sofrimento geralmente faz com que as pessoas se tornem ressentidas, culpando ou condenando outros por coisas que fizeram ou deixaram de fazer. Lembra-se do que Maria disse a Jesus quando Lázaro morreu? Ela falou: "Senhor, se estiveras aqui, meu irmão não teria morrido" (João 11:32). Pergunto-me se ela mais tarde desejou nunca ter dito aquelas palavras, quando Jesus tirou Lázaro do túmulo.

Os cristãos não estão imunes a sentimentos de culpa. Entretanto, eles gozam de vantagem sobre o não-cristão devido à graça e ao perdão de Deus. O Senhor nos diz para que confessemos os nossos pecados e ele no-los perdoará. A culpa, real ou falsa, é fardo pesado demais para carregarmos. A confissão traz perdão e o perdão traz liberdade.

Entre as palavras de maior poder restaurador de qualquer língua encontram-se: "Sinto muito. Você me perdoa?" Quanto mais precisamos dessa confissão para com nosso Pai do céu, a fim de ter o espírito liberto da asfixia das autocondenações.

Se Deus, de boa vontade, nos perdoa, devemos estar dispostos a perdoar a nós mesmos.

A dor apaga também a disposição normal para viver. "Não tenho vontade de fazer nada." Em seu tocante livro *A Severe Mercy* (Severa Misericórdia), Sheldon Vanauken escreveu após a morte da jovem esposa: "Como podiam as coisas continuar quando o mundo chegara ao fim? Como podiam as coisas — como podia eu — continuar nesse vácuo? Como podia uma pessoa, não muito grande, deixar um vazio da largura de uma galáxia?"[1]

Após uma perda pessoal, sente-se que nada parece o mesmo. Os alimentos perdem o sabor, a música parece oca, e nada satisfaz. Lágrimas surgem em horas estranhas, geralmente sem razão aparente. A pessoa que sofreu a perda pode ver al-

guém parecido com a que morreu andando pela rua, e a dor vem inesperadamente.

Outra emoção da dor é a raiva. Certa senhora contou como ela foi ao banheiro feminino numa reunião de senhoras cristãs e tentou falar compassivamente com alguém cujo marido falecera recentemente. A jovem viúva chocou os presentes ao retorquir com amargura: "Por que ele fez isso comigo? Tenho dois filhos para criar, provavelmente teremos de nos mudar e encontrar um lugar mais barato para morar. Ele morreu e me deixou em má situação." Ela estava expondo sentimentos que muitas outras pessoas suprimem. Mais tarde ela pode ter-se arrependido do que disse acerca do finado esposo, mas expressou uma emoção comum que muitas outras pessoas já sentiram.

Quando a pessoa enlutada não se permite expressar a raiva que sente pelo morto, pode procurar outro bode expiatório. Na dor, as pessoas tendem a tornar-se críticas das outras que estão continuando na vida de sempre. Culpar o médico, a enfermeira, o hospital, os parentes... encontrar alguém a quem culpar! Por que não culpar a Deus? Esses sentimentos não são de hoje. Davi clamou: "Por que estás abatida, ó minha alma? por que te perturbas dentro de mim?...Digo a Deus, minha rocha: Por que te olvidaste de mim? (Salmo 42:5, 9).

Jesus não argumentou ou discutiu com Marta quando esta o acusou de negligência. Ele pacientemente compreendeu. Se somos o objeto da raiva, não devemos levar o que for dito pessoalmente. Esperemos até que a pessoa tenha tido tempo de estabilizar-se, e então talvez tenhamos oportunidade de conversar sobre ela.

Entremeada com as emoções da dor encontra-se certa resistência ao retorno às atividades normais. Nada parece importar. Quanto mais íntima era a pessoa que sofre da que morreu, tanto mais dificuldade encontrará em enxergar qualquer coisa na vida além de tons cinzentos. O sofredor se ofende com as pessoas que desejam que ajunte os pedaços que sobraram e continue como se a vida não se tivesse despedaçado. Os amigos parecem insensíveis e sem consideração.

Os cristãos não são estóicos como os gregos da antiguidade. As Escrituras mostram a dor como parte normal do processo de viver. Da dor geralmente vem a depressão. Depressão é

como um dia escuro quando as nuvens obscurecem o sol e dizemos que é um dia sem sol. Quando alguém está no "fundo do poço", essa descrição é muito apropriada.

Tatear através de sua própria dor é um esforço emocional, físico e espiritual. A fé nos dá poder para passarmos através da dor, não para evitá-la.

O Sol Está Brilhando... em Algum Lugar

Não podemos dar respostas padrão nem "três passos fáceis para vencer sua dor pessoal". Uma amiga enviou-nos algumas citações de W. Graham Scroggie, palavras que a haviam ajudado a enfrentar a perda da mãe. "Deixe que a dor faça seu trabalho. Pisoteie cada centímetro do caminho doloroso. Sorva cada gota da taça da amargura. Retire da lembrança e da esperança tudo o que podem oferecer. Ver as coisas que os nossos amados deixaram para trás nos trará dor diária — as roupas que eles usaram, as cartas que escreveram, os livros que leram, as cadeiras nas quais se sentaram, a música que amaram, os hinos que cantaram, os passeios que deram, os jogos que jogaram, seu banco na igreja, e muito mais — mas onde estaríamos sem essas recordações? Gostaríamos de nos afastar rapidamente do passado a fim de diminuir a dor? Aqueles que verdadeiramente amam dirão que encontraram nova alegria na tristeza, alegria que somente os de coração quebrantado podem conhecer."

Hoje, estamos tão preocupados com questões de saúde, e contudo, quando o problema é a enfermidade da dor, temos muitos conceitos errados. Antes de tudo, para sermos emocionalmente saudáveis, devemos ser encorajados a sofrer. Creio que Deus nos deu glândulas lacrimais por bom motivo e não deveríamos ficar envergonhados por usá-las, embora as minhas não funcionem mesmo eu tendo emoções que fariam glândulas normais lacrimejarem. É pena que a coragem e as lágrimas sejam vistas como sendo opostas. Os homens, especialmente, não deveriam ver lágrimas como sinal de fraqueza. No Antigo Testamento, homens corajosos "ergueram a voz e choraram" (Jó 2:12). Lágrimas não eram consideradas efeminadas. Davi chorou a morte de Saul (2 Samuel 1:12); o rei Jeoás chorou quando a morte do profeta Eliseu se aproximou (2 Reis 13:14).

Se alguém sentir vergonha de chorar em público, deve sentir-se livre para chorar na intimidade. Disse o salmista: "As minhas lágrimas têm sido o meu alimento dia e noite" (Salmo 42:3).

Sem o escape emocional, tentar "manter as aparências" e demonstrar ser forte, a pessoa pode estar infligindo grande dano físico. Em um livro chamado *Good Grief* (Boa Dor), Granger Westberg disse: "Como clérigo num centro médico, onde trabalhei bem de perto com médicos e seus pacientes por muitos anos, vim aos poucos a perceber o fato de que muitos dos pacientes que vejo estão enfermos como resultado de alguma situação dolorosa não solucionada. Geralmente, o paciente procurou o médico pela primeira vez com algum sintoma físico. Em número cada vez maior de casos, essas pessoas me contam a respeito de alguma grande perda que sofreram durante os últimos meses ou um ou dois anos. Ao conversarmos, fica claro que elas não resolveram ainda alguns dos problemas centrais relacionados a essa perda. Vejo isso com tanta freqüência que não posso deixar de tirar a conclusão de que existe um relacionamento mais forte do que jamais imaginamos entre a doença e a forma como a pessoa lida com uma grande perda."[2]

Phil Manly, capelão do Centro Médico da Universidade do Sul da Califórnia diz que há grande evidência de que a quarta parte de todos os pacientes hospitalizados estão ali devido à dor não resolvida em suas vidas. O Rev. Jack Black disse que quando a pessoa não resiste e chora a perda de um ser amado "aquela pessoa está-se comportando e reagindo como ser humano. Chorar a perda de alguém a quem se ama é demonstração de amor, não de fraqueza. A expressão da dor é testemunha da nossa humanidade, não da ausência de bravura."

Fisicamente, um dos sintomas assustadores da dor é a sensação de aperto na garganta. Disse uma senhora: "Não consigo comer. Tudo fica parado na garganta." Mais tarde, alguém a ouviu dizer: "A única coisa boa que resultou da morte de meu marido foi que perdi o peso que tenho estado tentando perder há anos. Gostaria que ele pudesse ver-me agora." Uma amiga comentou: "Acho que ele pode, Sara."

Outras pessoas sentem o fôlego curto, ou uma sensação de vazio no abdômen. Uma autoridade em questão de sofri-

mento disse que existe "uma angústia muito vaga que sentimos em todas as partes do corpo ao mesmo tempo e em nenhuma parte em particular".

Nenhuma dessas reações é anormal. Os sofredores nesse estágio devem esforçar-se por cuidar bem do corpo, alimentando-se de maneira apropriada, descansando adequadamente, e tentando ter boa atitude mental — mesmo quando não sentem muita vontade de fazê-lo.

O pânico é outra emoção que pode confrontar o sofredor. "Não posso pensar em outra coisa...acho que estou perdendo o juízo." Ao ficar repassando temores e ansiedades mórbidos, a pessoa atacada pelo sofrimento realmente perde a capacidade de concentração, o que apenas intensifica o pânico. O pânico, por sua vez, cria uma espécie de paralisia emocional.

Francamente, não sei como alguém consegue vencer as emoções profundas e aflitivas da perda de alguém muito íntimo e querido sem a mão sustentadora de Deus. Podemos ajudar a nós mesmos durante períodos de sofrimento ou pânico ou temor por crermos nas suas promessas. Ele nos disse que estará conosco sempre e que jamais nos deixará ou abandonará (Hebreus 13:5). A Bíblia nos diz que entreguemos a ele todos os nossos cuidados e preocupações.

O profeta Miquéias disse: "Se morar nas trevas, o Senhor será a minha luz" (Miquéias 7:8).

O cristão tem acesso a essa luz. Certa mulher que sofria com a perda de seu filho contou como reivindicou um simples versículo e o repetiu em todas as circunstâncias. Quando achava que não tinha forças para fazer o jantar, dizia: "Tudo posso naquele que me fortalece" (Filipenses 4:13). Quando precisava estar com outras pessoas, mas desejava isolar-se em seu quarto, ela abria a porta e repetia: "Tudo posso mediante Cristo." Aquelas palavras, disse ela, tornaram-se o versículo de sua vida. Elas a têm ajudado a passar por muitas crises desde aquela época.

Melhor que tudo, existe uma esperança final e justificável para o cristão. O sofredor sabe que está-se aproximando do estágio de reconstrução no processo do sofrimento quando, pouco a pouco, a esperança se torna mais real. O tempo entre períodos de extremo sofrimento torna-se mais longo. As lembranças tornam-se mais doces e menos dolorosas. O riso é

genuíno ao invés de forçado. Maravilhosos versículos de esperança saltam da Bíblia para trazer paz e mesmo alegria.

"Pois se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus, mediante Jesus, trará juntamente em sua companhia os que dormem" (1 Tessalonicenses 4:14). Podemos descansar na segurança de que seremos reunidos aos nossos queridos na ressurreição, bem como estaremos com nosso Salvador e Senhor.

"Temos, portanto, sempre bom ânimo, sabendo que, enquanto no corpo, estamos ausentes do Senhor" (2 Coríntios 5:6).

Não existe conforto maior do que aquele que nos é oferecido pelas promessas do Deus do Universo. Contudo, qualquer pessoa que passe por uma experiência de intenso sofrimento nunca é a mesma depois. Torna-se mais forte ou mais fraca, e a escolha final do que será recai sobre ela mesma.

Na sociedade moderna, temos um senso de urgência em finalizar um projeto e passar rapidamente a outro. A maioria de nós não percebe que demora para passarmos pela sensação de perda. Os dias de luto e faixas pretas nas mangas são coisa do passado. Uma das últimas personalidades proeminentes a usar a faixa preta na manga foi o presidente Franklin Delano Roosevelt, quando sua mãe faleceu. Mas hoje temos a impressão de que qualquer demonstração de sofrimento é imprópria. Somente quem está passando pelo sofrimento sabe quanto tempo este pode durar ou qual o grau de severidade. Não há duas pessoas iguais e não há duas situações de sofrimento idênticas.

Quem melhor preparado está para enfrentar o sofrimento são os homens e mulheres que têm profunda fé e que aceitaram as promessas de Deus e nelas confiaram antes de terem necessidade de reivindicá-las. Essas pessoas nutriram sua fé lendo e acreditando na Bíblia, observando outros em situações de sofrimento, e acumulando força espiritual quando o sol ainda brilhava. Já se observou que temos a tendência de comprar guarda-chuva depois que começa a chover. É muito melhor ter o guarda-chuva à mão *antes* de precisarmos dele.

Mas precisamos da ajuda dos amigos, também, e devemos estar tão dispostos a ser recipientes quanto doadores do amor e da esperança. Por termos sido confortados, aprendemos a confortar. "Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor

Jesus Cristo, o Pai de misericórdias e Deus de toda consolação! É ele que nos conforta em toda a nossa tribulação, para podermos consolar aos que estiverem em qualquer angústia, com a consolação com que nós mesmos somos contemplados por Deus" (2 Coríntios 1:3, 4).

Conta-se a história da velha e rica viúva que agiu de forma estranha após a morte do marido, que era músico. Vinte anos após sua morte, ela ainda mantinha seu estúdio musical da exata forma como ele o havia deixado. Trancou o teclado do piano e não permitia que ninguém o tocasse ou entrasse no aposento. Todos os dias ela postava-se no umbral da porta daquele recinto, revivendo lembranças e detendo-se no passado.

É bem provável que ela não tivesse ninguém ao seu lado para ajudá-la através do processo do sofrimento quando o marido faleceu. Quanto ela precisava de pessoas que se importassem o bastante para ficarem ao seu lado, amando-a e compreendendo-a, e ajudando-a a continuar com a própria vida!

Confortai, Confortai Meu Povo

Minha esposa conta que as pessoas que mais confortaram sua mãe quando seu pai morreu foram as viúvas que a procuraram, colocaram seus braços ao redor de mamãe Bell e choraram com ela. Não precisaram dizer coisa alguma.

Mas como podemos ter a missão de confortar se nós mesmos jamais tivermos passado por profundo sofrimento? O que podemos dizer à mocinha cujo pai, mãe, irmão e avô morreram num acidente de carro? Que conforto podemos oferecer aos pais que passaram dois anos com um filho que foi morrendo aos poucos? Como podemos compreender as emoções da mãe e do pai cuja filha única foi vítima de estupro e assassinato por parte de conhecido criminoso? Essas coisas estão além da nossa capacidade de compreensão.

E, apesar disso, Deus não sugere, mas nos ordena: "Consolai o meu povo" (*Isaías 41:1*). Entretanto, permitam-me fazer algumas observações e sugestões gerais àqueles que desejam obedecer a essa ordem e ser fonte de apoio e conforto aos que sofrem.

A primeira sugestão é a de pedir a Deus que nos dê um coração terno. Davi pediu ao Senhor: "Cria em mim um cora-

ção puro" (Salmo 51:10). Poderíamos acrescentar um coração compreensivo, um coração dolorido, um coração cheio de consideração. "Finalmente, sede todos de igual ânimo, compadecidos, fraternalmente amigos, misericordiosos, humildes" (1 Pedro 3:8). Diz-se que São Patrício tinha a seguinte prece inscrita em seu peitoral:

Que Deus esteja em minha cabeça,
e na minha compreensão;
Que Deus esteja em meus olhos,
e no meu olhar;
Que Deus esteja em minha boca,
e no meu falar;
Que Deus esteja em meu coração,
e no meu pensar;
Que Deus esteja no final do meu caminho,
e no lugar de onde eu partir.

Alguns cristãos bem intencionados se aproximarão da pessoa enlutada com longos versículos, uma série de pequenos sermões, ou discursos piedosos. Um exemplo disso teve lugar na casa de um jovem casal que havia acabado de perder seu filhinho daquela maneira misteriosa chamada de "morte do berço". Amigos e parentes reuniram-se em seu lar. Um rapaz, seminarista solteiro, pôs-se a recitar todos os versículos que aprendera recentemente e que falavam de triunfo e segurança. Sua ansiedade em repetir todas as frases corretas, embora essencialmente bem intencionada, foi tão irritante quanto uma unha arranhando o quadro-negro. Uma a uma, as pessoas deixaram o aposento, deixando apenas os pais enlutados para agüentar a pregação do insensível seminarista.

Segunda, use o dom de ouvir. Não sei por que isto é tão difícil para todos nós. Falamos, muitas vezes, porque achamos que precisamos dizer alguma coisa. Ouvir é difícil. O som de nossas próprias vozes pode ser terapêutico para nós, mas não é necessariamente cura para o sofredor ferido. Durante a ocasião do choque, as pessoas precisam repetir o acontecido vez após vez. Podemos achar que eles se cansariam de dar detalhes, ou contar o que aconteceu, mas não é o que acontece, de forma alguma.

Uma senhora me contou acerca de seu professor de estu-

do bíblico que a visitou após ela ter perdido um ente querido. Ela esperava que o professor oferecesse profundas verdades, citasse as Escrituras, ou contasse histórias da Bíblia. Em vez disso, ele ficou sentado no sofá enquanto gente entrava e saía. Alimentos eram servidos e removidos, e muito depois que todos se haviam ido, ele permaneceu no sofá. Exausta de todo o esforço, ela sentou-se ao seu lado, e ele disse: "Conte-me como se sente." Anos mais tarde, aquela senhora se lembrou de que uma das pessoas que mais forte impressão lhe causaram durante aquele período de dor e choque foi aquele quieto professor.

Geralmente, é preciso disciplina para ouvir os mesmos eventos repetidos vez após vez. Mas ao escutarmos, mostramos que amamos. Lembre-se de que Deus demonstra seu amor por nós ouvindo os brados de nosso coração.

Em seu livro *Comforting Those Who Grieve* (Confortando Os Que Sofrem), Doug Manning disse: "Um bom ouvinte torna-se uma unidade de terapia intensiva ambulante, pessoal, que toca as pessoas. É isso que desejo ser."[3]

Terceira, não deveríamos ficar chocados com coisa alguma que a pessoa que está sofrendo diga. A morte pode ser um pesadelo, e enquanto os visitantes estão por perto, a vida e a realidade podem ficar distorcidas. Uma pessoa perfeitamente racional pode dizer coisas irracionais. Certo homem retornou ao lar do hospital onde sua filha morrera, e viu seu melhor amigo sentado na cozinha, usando um velho suéter que havia pegado no guarda-roupa. O perturbado pai disse bruscamente ao amigo: "Por que está usando isso? É o suéter que uso para pescar."

O amigo compreensivo tirou o suéter sem nada dizer. O pai fez barulho a respeito de uma coisinha à toa? Claro que sim, mas anos mais tarde ele se lembrava de cada detalhe daquela noite e agradeceu ao amigo o fato de ter estado presente quando precisou dele.

Quarta, deixe que a pessoa enlutada decida se quer que alguém leia a Bíblia ou ore. "Gostaria que eu orasse com você?" é uma simples pergunta. Mas faça as duas coisas simples e breves, pois a mente em agonia não consegue apreender longas preces que dão a volta ao globo.

Quinta, antecipe as necessidades sem precisar que lhe di-

gam. Seja a pessoa que pergunta: "Posso atender ao telefone para você?" Ou: "Gostaria de levá-lo à funerária para ver o que é necessário." Ou: "Não se preocupe com coisa alguma na cozinha. Cuidarei disso."

Uma das piores coisas que podemos dizer é: "Chame-me se precisar de alguma coisa."

Finalmente, não deixe de ser consolador quando os ferimentos parecem ter sarado. Um aniversário de casamento, um aniversário, festas, o aniversário da morte, essas são ocasiões difíceis para atravessar. Lembrar-se dessas ocasiões com convites para jantar, um telefonema, ou um bilhetinho, oferecerão conforto cheio de consideração.

Um casal cristão amoroso telefonava ou enviava flores no aniversário da morte do filho de amigos, cada ano, por diversos anos. Eles demonstravam amor não se esquecendo.

Esperança... o Mais Importante Ingrediente

Mesmo no meio da dor, a pessoa enlutada começa, mais cedo ou mais tarde, a perceber pequeninos vislumbres de esperança. Primeiro uma hora se passará sem que pense em sua perda, depois algumas horas, depois um dia. Pela primeira vez, ela dorme bem a noite toda. Aprecia uma refeição. Lentamente, começa a reconstrução.

Para os crentes em Jesus Cristo, versículos de esperança parecem surgir na Bíblia, versículos que antes não haviam visto. Passagens já muito lidas de repente se destacam com nova clareza, com novos e mais profundos significados. Certa filha fez um chamado interurbano à mãe enlutada e disse, como se ninguém tivesse descoberto este versículo antes: "Escute, mamãe, o que Romanos 14:8 diz: 'Porque, se vivemos, para o Senhor vivemos; se morremos, para o Senhor morremos. Quer, pois, vivamos ou morramos, somos do Senhor.' Não é maravilhoso?"

Uma das razões pelas quais estou escrevendo este livro é a gratidão pelo fato de que minha mãe, e outras pessoas como ela, me ensinaram a verdade contida no versículo: "Para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro" (Filipenses 1:21).

A Bíblia diz que temos um Deus de esperança. Na Escritura encontramos a nossa esperança. Ter fé e esperança não sig-

nifica que não passamos por sofrimentos, mas que podemos vencê-los e sermos fortalecidos pela experiência.

No começo do livro, falamos da morte como sendo inimiga. Seu companheiro, o sofrimento, não precisa ser inimigo, mas um processo de vida através do qual podemos ter um relacionamento mais íntimo com Jesus Cristo, um elo mais forte com outros crentes, e melhor forma de alcançarmos os outros.

Aprendendo a Viver, e a Morrer

Durante os primeiros anos de vida, morei numa casa de madeira e tijolos num sítio perto de Charlotte, no Estado da Carolina do Norte. Quando eu tinha cerca de nove anos de idade, mudamo-nos para uma nova casa de tijolinhos vermelhos, construída por nove mil dólares, uma casa espaçosa, ampla, cheia de riso, livros, odores de preparação de alimentos e conservas, e, acima de tudo, uma atmosfera de amor. Aquela casa maravilhosa me faz lembrar de um provérbio: "Com a sabedoria edifica-se a casa, e com a inteligência ela se firma; pelo conhecimento se encherão as câmaras de toda sorte de bens, preciosos e deleitáveis" (Provérbios 24:3, 4).

Meu pai, Frank Graham, era um sitiante cuja força e integridade eram muito admiradas, e às vezes temidas, pelos colonos e por nós, seus filhos. Ainda me lembro do ardor de sua cinta quando eu fazia alguma daninheza que beirava à desobediência. Não me lembro de que ele jamais tenha castigado em zanga ou desespero, mas mesmo assim isso magoava minha mãe, que escreveu mais tarde: "Mais de uma vez, enxuguei as lágrimas dos olhos e voltei a cabeça a fim de que meus filhos não vissem, mas sempre fiquei ao lado de meu marido quando ele administrava a disciplina."[4]

E este caipirinha certamente precisava de disciplina, e a merecia.

Minha mãe, Morrow Coffey Graham, nasceu e cresceu no campo. Um retrato dela quando tinha dezoito anos mostra uma linda jovem, os cabelos presos, de corpo invejável, cintura muito fina, e um sorriso tímido. Ela foi uma das mulheres mais lindas que conheci, e instilou em mim amor pela Bíblia, mesmo quando a Escritura não parecia interessar-me. Ela começou a ler estudos devocionais a meu irmão e minhas irmãs

e muitas vezes eu as achava extremamente tediosas. Contudo, eu ouvia, provavelmente irriquieto e olhando para fora da janela ou estalando as juntas dos dedos. Mamãe contou como certo dia me levou ao médico da família e disse: "Billy Frank tem energia demais. Nunca diminui o ritmo." Às vezes, me pergunto se ela buscou conselho devido à minha atividade excessiva ou porque eu simplesmente a deixava esgotada.

Mamãe era mulher muito ocupada, com quatro filhos e os deveres de esposa de sitiante. No dia em que nasci, ela passou boa parte da tarde colhendo feijão e em pé na cozinha, pendurando as vagens a fim de prepará-las para conservar. Ainda me lembro de todas as fileiras de frutas e legumes em conserva que ela alinhava nas prateleiras. Ela guardava pelo menos quinhentos frascos na despensa após a época das conservas ou não acharia que tinha o suficiente.

Acima de tudo, ela amava a Bíblia. Quando eu era adolescente, ela e meu pai freqüentavam uma classe de estudo bíblico dos Irmãos e estudavam com fervor suas Bíblias Scofield. Ela começou a encomendar livros cristãos pelo reembolso postal a uma livraria de Nova Iorque, passando a ler com avidez. Sempre havia bons livros espalhados pela casa para lermos.

Mamãe me preparou para a adorável mulher que se tornaria minha esposa. Uma carta que escrevi dizia: "A razão pela qual gosto tanto de Ruth é que ela se parece com a senhora, e me faz lembrar a senhora." Mamãe me contou tempos depois que quando finalmente ficou conhecendo Ruth, ficou muito comovida, pois achava que Ruth estava muito acima dela.

Papai e mamãe me influenciaram e ajudaram a encaminhar-me ao Senhor. Embora o testemunho da vida de minha mãe tenha ajudado a moldar-me e me ensinado como viver, o testemunho dos seus últimos anos e sua morte me fizeram ganhar a perspectiva de como morrer.

Ela viveu na casa da nossa família até o fim da vida, e ministrou com seu maravilhoso espírito.

Raramente orávamos juntos quando eu era criança — apenas quando fiz quatorze ou quinze anos foi que começamos. Ela escreveu: "Nenhuma de nós jamais se esquecerá da vez em que nos ajoelhamos para orar sem meu marido ao nosso lado. O Sr. Graham (ela foi sempre muito formal quando se referia a ele) fora atingido no rosto por um pedaço de ma-

deira que voou quando alguém usou uma serra. Ele esteve entre a vida e a morte por dois dias. Lembro-me de ter subido ao nosso quarto e simplesmente buscado o Senhor. Sei que gemi enquanto suplicava a Deus que nos devolvesse meu marido, novamente em perfeita saúde. Precisávamos tanto dele!"[5]

Meu pai viveu muitos anos após aquela ocasião em que sua vida foi ameaçada; morreu em 1962 e mamãe perdeu o amado marido de quarenta e seis anos. Embora sua vida como esposa e como mãe tivesse sido produtiva, os dezenove anos que se seguiram não foram perdidos em tristeza ou atividades inúteis. Ela foi um belo exemplo de como os cristãos deveriam servir ao Senhor nos últimos anos de vida. Eis o que ela escreveu: "Desde que os filhos se casaram e seguiram seus caminhos independentes, e desde a morte de meu marido, descobri que tenho mais tempo para dedicar à oração. Oro sem cessar por Billy e pela tremenda responsabilidade que Deus lhe deu; mas oro também pelos outros filhos, pelos netos, pelos bisnetos, e por necessidades mundiais."[6]

Que conforto era saber que, não importava onde eu estivesse no mundo, mamãe estava orando por mim.

O Coração Terno

Um eminente psiquiatra disse que a principal obrigação do ser humano é a de suportar a vida. Em contraste, o Breve Catecismo de Westminster diz: "O fim principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lo para sempre." Foi o que mamãe fez.

Em seus dois últimos anos de vida, mamãe ficou sob os cuidados de uma maravilhosa senhora cristã, Rose Adams. Rose sempre dizia que, vivendo com mamãe, havia cursado um seminário, e acho que foi o que aconteceu. Mamãe podia citar e lembrar-se de versículos e aplicá-los à vida cotidiana melhor do que a maioria dos ministros. Ela nunca chegou a cursar formalmente nenhum instituto bíblico, mas disse que aprendeu da forma que a Bíblia ensina: "Porque é preceito sobre preceito, preceito e mais preceito; regra sobre regra, regra e mais regra; um pouco aqui, um pouco ali" (Isaías 28:10). Reunindo-se todos esses bocadinhos de aprendizado, teremos uma mulher cujo conhecimento tocou um número incontável de vidas.

Foi ela uma das minhas maiores encorajadoras. O primei-

ro sermão que me ouviu pregar foi numa velha sinagoga, a cerca de sessenta quilômetros de Charlotte. Eu havia ido passar os feriados de Natal em casa quando estava no instituto bíblico e meus pais me levaram de carro ao culto. Mamãe disse mais tarde que estava tão nervosa que ficou coberta de suor frio. Ela nunca se lembrou do que falei naquele dia, mas achou que falei muito alto. E tinha razão.

Quando cursei a faculdade, mamãe e papai oravam por mim todos os dias e reivindicaram a meu favor aquele versículo: "Procura apresentar-te a Deus, aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade" (2 Timóteo 2:15).

Mamãe sempre me disse que pregasse o evangelho e mantivesse a sua simplicidade. Dois dias antes de ir ter com o Senhor, ela me admoestou com as mesmas palavras. Eu disse: "Mamãe, pregarei seu nascimento, morte e ressurreição. É o que pregarei até Jesus voltar."

Ela apertou a minha mão e falou: "Acredito nisso."

Que bênção é para os pais acreditarem em seus filhos.

Ao lembrar-me dos últimos anos de mamãe, e ouvir Rose Adams contar os pensamentos que ela compartilhou, percebi que outras vidas podiam ser abençoadas pelo exemplo dela.

Houve uma ocasião em que se achou que a perna de mamãe precisasse ser amputada. Quando a infecção finalmente cedeu e ela saiu do hospital e foi para casa, disse: "Deus jamais usa a vida de alguém até que essa pessoa tenha sido quebrantada." Ela sabia o que era o sofrimento mental e físico. Suportou dores, mas gozou a vida. Dizia que o Senhor a havia ensinado através de pesares, mas disse: "Deus não nos conforta para nos tornar confortáveis, mas para nos tornar confortadores."

Rose, uma senhora divertida, barulhenta, com uma risada tão grande quanto seu coração, passou a ficar com mamãe em tempo integral nos últimos anos da vida desta. Quando o marido de Rose morreu, mamãe lhe escreveu este bilhete:

> Querida e Preciosa,
> Quando esta tempestade tiver passado, a radiosidade para a qual ele a está preparando surgirá, sem nuvens, e será ele próprio.

Rose e mamãe seguiam uma rotina para suas devoções a

cada manhã. Durante esses momentos, mamãe citava a Escritura e dava a Rose uma aplicação. Foi o alimento espiritual que a sustentou durante as dores e fraqueza dos últimos dias.

Uma das primeiras passagens que mamãe ensinou a todos os filhos foi Eclesiastes 12:1 "Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os maus dias, e cheguem os anos dos quais dirás: Não tenho neles prazer." Ela dizia a mesma coisa aos netos e bisnetos, insistindo com todos nós para aprendermos a amar a Deus e estudar a Bíblia quando fôssemos jovens. Ela jamais deixou de estudar e disse ao Dr. Ross Rhoads, seu pastor: "Quero apenas estudar mais e mais, e fazer o que a Bíblia diz." Ele comentou: "Não é admirável...aqui está ela, com oitenta e nove anos de idade é a pessoa mais perfeita que conheço, vivendo pela Palavra, e contudo diz que deseja estudar mais e mais."

Rose Adams contou-nos como mamãe dizia um versículo, com aquela maneira delicada e expressiva que lhe era peculiar, e a seguir dava uma ilustração do que aquilo significava para ela. Essas gemas não se perderam, pois Rose as anotou nas margens de *Mananciais do Deserto* ou as escreveu em seu diário. Aqui estão alguns de seus pensamentos pouco antes de morrer.

Um Coração Compreensivo

"Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não são para comparar com a glória por vir a ser revelada em nós" (Romanos 8:18).

Mamãe comentou: "Quando Deus nos aflige, ele talha uma pedra bruta. Ela precisa ser moldada, ou então será jogada fora, inútil. O que me conforta é este pensamento precioso: estamos sendo moldados em pedras para seu templo celestial. O objetivo de nossa vida terrena é o de nos tornarmos semelhantes ao Senhor. Ele é o moldador e o carpinteiro do templo celestial. Precisa nos amoldar. Nosso papel é o de ficarmos quietos em sua querida mão. Cada aborrecimento é uma lasquinha. Precisamos não ter pressa de sair da pedreira pois existe um lugar certo para cada pedra. Precisamos esperar até o prédio estar pronto para aquela pedra."

"O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que o temem, e os livra" (Salmo 34:7).

Ela estava muito fraca no dia em que leu esse versículo, mas disse a Rose: "Sempre quis envelhecer graciosamente e ter um espírito doce...não quero reclamar, mas às vezes acho que Satanás está tentando usar o meu sofrimento para me forçar a reclamar. Mas o Senhor me deu tão grandiosa promessa de enviar um anjo a me cercar."

Da hora em que ela por fim deixou de lutar contra a fraqueza, desenvolveu certa serenidade e paz. E disse: "Não tenha medo de entrar na nuvem que está-se abatendo sobre sua vida, pois Deus está dentro dela. O outro lado está radiante com a sua glória. Se vamos usar uma coroa, precisamos primeiro carregar a cruz. Todos temos um Getsêmani... Jesus teve." Mamãe não conseguia entender pessoas que ensinavam que se a pessoa estiver cheia do Espírito Santo e caminhar com o Senhor, não sofrerá. Ela achava ser um ensinamento cruel.

Tinha ela medo de morrer? Não realmente. E contudo disse a Rose que tinha medo de ficar sozinha em seus últimos momentos. Ela não havia estado com papai quando ele partiu para estar com o Senhor e sempre se arrependeu de ter estado ausente. Rose prometeu estar com ela, e manteve essa promessa.

A Última Milha

Após uma série de pequenos derrames, mamãe às vezes ficava confusa. Quando estava lúcida, disse a Rose: "Se eu chegar ao ponto de não saber o que estou fazendo, faça com que eu fique arrumada... Ponha um pouquinho de cor no meu rosto, mas não me faça ficar parecendo mundana. Apenas não quero que os filhos me vejam abatida."

Graciosa até o fim, essa querida senhora desejava ser atraente por nós. Sempre a achamos linda, e a idade apenas aumentou seu encanto.

Ela achava que a única razão pela qual o Senhor estava tardando em vir buscá-la era para ela poder orar pelos outros. "Essa é praticamente a única coisa que posso fazer agora", dizia ela. Mas que admirável ministério foi aquele. Até os últimos meses, sempre que ouvia falar de alguém em dificuldades, ela fazia Rose escrever um bilhetinho e enviava alguns dó-

lares, como tinha sido seu hábito por tantos anos. Uma das suas maiores alegrias era ouvir os discos de George Beverly Shea. Ela os tocava quase todos os dias e gostava especialmente quando ele cantava: "Aquiete-se Minha Alma", "A Seus Anjos Dará Ordens a Teu Respeito", e "Graça Inaudita".

Nos últimos meses, ela começou a sentir-se apreensiva quando a noite se aproximava. "As noites são tão longas", dizia ela a Rose com voz sumida. Mas citava Apocalipse 22:5, que fala do céu, e diz: "Então já não haverá noite, nem precisam eles de luz de candeia, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles, e reinarão pelos séculos dos séculos."

Em maio de 1981 ela disse: "Rose, sinto que não demorará muito para o Senhor me levar para casa. Não quero luto ou espíritos tristes. Diz em Atos 27:22: 'Mas, já agora vos aconselho bom ânimo, porque nenhuma vida se perderá de entre vós, mas somente o navio."

Em junho de 1981 eu estava conduzindo uma cruzada na cidade de Baltimore. Telefonava todos os dias para saber como mamãe estava passando e Rose dizia que ela ouvia as fitas dos hinos que Ruth havia gravado anos antes para a própria mãe. Minha esposa conhecia o conforto que a música traz e compilou alguns dos melhores hinos antigos numa fita cassete à qual deu o título de "Olhando Para o Lar". A mãe de Ruth tinha um toca-fitas ao lado da cama e o ligava e desligava à vontade para poder ouvir a música inspiradora. Alguns anos mais tarde mandamos essas fitas à nossa audiência da televisão e tivemos uma das maiores reações a qualquer livro ou fita que já demos. O conforto que elas trouxeram às nossas mães resultaram em conforto para muitos milhares de pessoas.

No dia 15 de junho, chamei da França e Rose disse que mamãe acabara de lhe dar o versículo do dia, Colossenses 1:9: "Por esta razão, também nós, desde o dia em que o ouvimos, não cessamos de orar por vós, e de pedir que transbordeis de pleno conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e entendimento espiritual."

Enquanto eu me preocupava com minha querida mãe, a milhares de quilômetros de distância, num leito de dor e de fraqueza, ela mandava um versículo de encorajamento para mim. Como seria o mundo se houvesse maior número de mães co-

mo ela? Ela não fez grandes discursos ou escreveu livros brilhantes. Não teve nenhuma grande causa para esposar, exceto a causa de Jesus Cristo. Não teve diplomas universitários, nem foi mencionada nas colunas sociais. Mas sabia orar.

O Senhor parece preparar seus filhos para a jornada ao lar de maneiras bem singulares. Em fins de julho, mamãe falava constantemente em ir para o céu. Rose perguntou se podia ir à mansão de mamãe no céu e trabalhar para ela porque achava que a sua casinha no céu seria tão pequena que não teria muito o que fazer, mas a da mamãe Graham seria tão grande que ela necessitaria de ajuda.

Certa manhã, ao acordar, mamãe disse a Rose que havia um homem aos pés da cama. Queria saber quem era.

Rose perguntou-lhe se ele parecia bom.

— Oh! sim, ele tem um rosto muito bondoso.

— Talvez seja o seu anjo da guarda.

Então, mamãe perguntou:

— Quem é essa mulher que vem com você?

Dessa vez, Rose ficou surpresa.

— Não veio ninguém comigo — disse ela.

— Oh, mas nas últimas duas semanas, toda a vez que você entrou no quarto, alguém tem entrado com você. Ela simplesmente fica do seu lado. Deve ser o seu anjo da guarda. Agora, apronte-me para ir à igreja.

Em princípios de agosto de 1981, mamãe acordou em torno da meia-noite, e chamou Rose, que dormia ali perto num estrado na sala de estar. "Rose, as crianças estão todas no trem?"

Rose lhe disse que estava tudo bem e que as crianças estavam no trem. Ela se acalmava por pouco tempo e depois tentava erguer-se na cama e perguntava outra vez:

— Rose, as crianças estão todas no trem?

— Não se preocupe, mamãe Graham, estão todos lá — disse ela.

Rose voltou para a cama, mas logo mamãe tornou-se mais insistente.

— Rose, por favor, verifique se todas as crianças estão no trem. — De alguma forma, ela parecia saber que estava de partida para algum lugar e queria certificar-se de que todos os seus filhos estavam indo consigo. Cremos que ela queria assegurar-se de que toda a família estava salva.

No dia 8 de agosto, meu irmão Melvin, T. W. Wilson e eu fomos vê-la. Ela queria que disséssemos a Ruth e a Mary Helen (esposa de T. W.) quanto as amava. Ela sempre se orgulhou das esposas de nosso time, cuja lealdade desinteressada tanto significava para todos nós, particularmente quando precisávamos ficar longe tanto tempo. Ela instou conosco para que continuássemos a pregar o evangelho e sermos fiéis em buscar os perdidos.

No dia seguinte, ela estava em semicoma, mas acordou cedinho, o tempo suficiente para anunciar bem alto: "Nenhum pagamento, nenhuma dor, nenhuma doença, nenhuma morte... Oh! que lindo dia!"

Rose foi depressa para perto dela, perguntando-se porque ela havia falado com tanta firmeza quando havia estado tão fraca, e perguntou:

— Mamãe Graham, a senhora está bem?

— Já estou em estado de coma? — perguntou mamãe.

— Não, senhora.

— Já morri? Já estamos no céu?

— Não, senhora — respondeu Rose — ainda não está no céu porque ainda estou com a senhora.

— Ora — suspirou mamãe — mesmo assim, é um lindo dia.

Quando ela ficou fraca demais para falar, parecia estar gemendo e tentando cantar uma pequena melodia. Rose inclinou-se bem perto de sua boca e percebeu as palavras, "Face a face". A seguir ela disse: "Salmo...1...4", e cochilou.

Rose tentou descobrir o que ela estava tentando dizer, e então lembrou-se de que o Salmo 149:5 estava sublinhado na Bíblia de mamãe. Diz: "Exultem de glória os santos, nos seus leitos cantem de júbilo." Ela estava tentando cantar, mas não conseguia pronunciar as palavras audivelmente; contudo, o hábito de decorar a Bíblia lhe trouxe à memória o versículo apropriado na hora em que precisava dele.

Na manhã em que foi ter com o Senhor, ela persistiu em erguer as mãos... tentou dizer algo acerca de mão, e Rose não sabia o que desejava. Talvez, pensou Rose, ela esteja tentando falar um versículo da Escritura, mas não consiga fazer soar as palavras.

— Mamãe Graham, a senhora está tentando dizer: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito"?

Suas mãos descaíram e um sorriso lhe entreabriu os lábios. Ela pareceu tranqüila o dia todo, e uma hora em que Rose estava saindo do quarto, ela como que bocejou. Rose colocou os braços em torno dela e mamãe foi ter com o seu precioso Senhor.

9

Sua Casa Está em Ordem?

Põe em ordem a tua casa, porque morrerás e não viverás.
— 2 REIS 20:1

Repassando os mesmos velhos recortes de jornal que Ruth havia guardado, encontramos um datado 5 de maio de 1957, intitulado "Você precisa preparar-se para o último dia". Quando as reminiscências do que estava acontecendo em nossas vidas há trinta anos surgiram, o humor e a ironia daquele artigo me atingiram em cheio.

No dia 15 de maio de 1957 começamos a Cruzada da cidade de Nova Iorque. Após termos aceitado o desafio de fazer aquelas importantes reuniões, relatou-se que "Esse convite fez desabar sobre a cabeça de Graham uma das mais violentas oposições que ele jamais experimentou."[1] Será que Ruth achou que eu me dirigia para o meu "último dia" na famosa Madison Square Garden?

Note-se que ficamos lá dezesseis semanas. Somente na segunda noite houve lugares vazios; foi a cruzada mais bem-sucedida que tivemos nos Estados Unidos. Foi em Madison Square Garden que nossas cruzadas começaram a aparecer em programas nacionais de televisão no horário nobre.

Preparação para a Jornada

Mas como nos preparamos para aquele *último dia*? E se aquele versinho repetido pelas crianças quando vão dormir, "Se eu morrer sem acordar", se tornar realidade? Antes de embarcarmos na jornada final, deixamos a casa terrena em estado de caos ou em ordem?

Um pastor jovem disse que mais ou menos uma vez por ano pergunta à esposa: "E se eu tivesse acabado de morrer... o que você faria?" Ele não faz essa pergunta para praticar as reações de sofrimento mas para repassar o mecanismo de dizer a quem ela chamaria, onde documentos importantes estão guardados, que providências ela tomaria junto ao executor do seu testamento. Esse pode não ser um exercício muito agradável, mas tanto o marido quanto a esposa dizem que esse ensaio simulado lhes dá tranqüilidade e uma abertura em comunicação que eles não possuíam antes de colocar a "casa em ordem". Estão planejando, aos trinta anos, o que muita gente deixa para quando tiver setenta. Quanto sofrimento o planejamento antecipado evitaria aos sobreviventes!

O profeta Isaías levou dura mensagem de Deus ao rei Ezequias: "Põe em ordem a tua casa, porque morrerás" (38:1). Essa ordem seca focaliza um aspecto vital, conquanto muitas vezes negligenciado, da mordomia cristã. É a responsabilidade que cada cristão tem de, enquanto ainda vivendo e capaz, fazer os preparativos apropriados na área espiritual, bem como na fiscal, para a distribuição de propriedades e bens que deixe ao morrer.

O primeiro passo nos preparativos é aceitar o fato de que *vamos* morrer. A menos que estejamos dispostos a falar abertamente a respeito desse fato, jamais seremos motivados a completar qualquer um dos passos restantes.

Já enfrentei a morte diversas vezes e minhas reações nem sempre foram as mesmas. Há muitos anos, tive uma intervenção cirúrgica que quase deu cabo de mim. Como resultado, uma segunda operação fez-se necessária a fim de me salvar a vida, e antes de entrar no centro cirúrgico, chamei dois bons amigos meus. Ruth não estava comigo, e tentei esconder dela a seriedade da situação. Ela havia ficado com nossos filhos.

Dei a esses amigos instruções para a minha esposa, minha família e meu ministério.

Durante aquele tempo, posso lembrar-me de alternar entre completa paz ao saber que estaria com meu Senhor Jesus Cristo, e o temor de deixar meus entes queridos. Nenhuma das duas emoções predominou, mas eu parecia vacilar entre uma e outra. Minha lembrança daquela ocasião é obscurecida pela dor, mas certamente achei que ia morrer.

Um recente raspão com a morte ocorreu num avião, sobrevoando o Atlântico, quando Ruth e eu voltávamos da Europa. Havia sido um vôo muito tranqüilo até que, subitamente, ouviu-se uma explosão; a aeronave pôs-se a vibrar e a perder altitude. Pratos voaram das bandejas, pessoas foram sacudidas nos bancos onde estavam sentadas, e achamos que uma bomba ia liquidar-nos a todos. Houve algum comentário acerca da turbulência, e jamais descobrimos exatamente o que aconteceu, mas tornamo-nos imediatamente conscientes de nossa mortalidade.

Pousamos a salvo e agradecemos ao Senhor novamente ter-nos dado um pouco mais de tempo para fazermos o seu trabalho.

Lembro-me de uma história do falecido Dr. V. Raymond Edman, antigo presidente da Faculdade Wheaton, contada acerca de seu primeiro encontro com a morte. Como jovem missionário no Equador, ele contraiu febre tifóide enquanto trabalhava entre os índios na Cordilheira dos Andes. Após diversos dias, ele ficou inconsciente mas, conforme descreveu, plenamente ciente de que a morte se avizinhava. De fato, seus amigos haviam comprado um caixão para ele e ajudado sua esposa a tingir de preto o vestido de noiva para o funeral. O Dr. Edman disse que experimentou o avassalador amor de Deus e lembrou-se da maravilhosa afirmação de que "se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos da parte de Deus um edifício, casa não feita por mãos, eterna nos céus" (2 Coríntios 5:1).

Ao recordar aquela história, não posso deixar de especular que a Sr.ª Edman deve ter-se regozijado por seu vestido de noiva preto jamais ter sido usado.

O escritor Edward Young escreveu que a procrastinação é a ladra de tempo. A procrastinação pode ser também ladra

do senso de segurança de nossos entes queridos. Nenhum de nós deseja aumentar o sofrimento de outra pessoa, mas muitos o fazemos ao deixarmos de pôr em prática os princípios da boa mordomia. Mordomia é mais do que darmos o dízimo à igreja ou a organizações cristãs. O despenseiro cristão fiel reconhece que a Deus pertence tudo o que ele possui, e que é sua a responsabilidade de gerir e dispor de seus bens da forma que seja aceitável ao Senhor. "Ora, além disso o que se requer dos despenseiros é que cada um deles seja encontrado fiel" (1 Coríntios 4:2).

Mordomia não é apenas o dízimo que entregamos durante a vida, mas uma responsabilidade que continua após a morte. Deveríamos, como o fizeram o jovem ministro e a esposa, ensaiar mentalmente o que precisa ser feito.

Conta-se que alguém encontrou São Francisco trabalhando no jardim e lhe perguntou: "O que o senhor faria se soubesse que morreria dentro de dez minutos?" São Francisco replicou: "Terminaria esta fileira."

A maioria de nós não estamos prontos. Precisaríamos de dez dias ao invés de dez minutos!

Colocando as Coisas em Ordem

Após aceitarmos a nossa mortalidade, o próximo passo é o de colocar em ordem nossos negócios materiais. O Dr. Bell ensinou-me notável lição a esse respeito. Quando eu era muito jovem, ele insistiu que eu fizesse um testamento. Quando ele morreu, seus papéis foram encontrados perfeitamente catalogados e numerados em pastas de arquivo, e não havia confusão acerca de como ele desejava que seus bens terrestres fossem distribuídos.

Com esse episódio aprendi o valor de colocar por escrito as instruções e deixar informação vital onde possa ser encontrada. Isso inclui fornecer informação sobre onde os talões de cheques estão guardados, como registrar os papéis do seguro, e onde se encontra a chave da caixa forte no banco. Nossos tesouros devem estar guardados no céu, mas as coisas que deixamos na terra significarão muito mais para aqueles a quem deixarmos aqui. Muitos cristãos hoje procuram incluir sua igreja e outros ministérios cristãos em seu testamento.

Há alguns anos, li um artigo escrito pelo Dr. Edman no boletim da Faculdade Wheaton. Intitulava-se: "Enfrentando a Morte Sem Temor", e a descrição por ele feita de mordomia causou-me impressão duradoura. Disse ele: "Até onde chega o meu conhecimento, todos os preparativos para a eventualidade da morte foram feitos. Recentemente, a Srª Edman e eu atualizamos nossos testamentos. Essa foi a quarta revisão. As condições mudaram desde que nossos quatro filhos eram pequeninos. Além disso, havíamos completado um plano de vida para propriedades com uma organização cristã. Após muita oração e planejamento, havíamos buscado conselho e ajuda de pessoas qualificadas a aconselharem o povo do Senhor nessas questões, pois estamos convictos de que não importa quão vastos ou quão modestos os bens, devemos planejar a fim de que nada seja desperdiçado."[2]

Ouvi contar muitas histórias de pessoas que passaram semanas, às vezes meses e anos, tentando encontrar documentos e acertar o inventário de um membro falecido da família. Uma dessas histórias diz respeito a um ótimo médico cristão que estava morrendo de câncer. Muito antes de morrer, ele sabia que o fim era certo. Continuou a trabalhar enquanto pôde, mas durante seus últimos meses de vida já não era capaz de fazer decisões precisas.

A viúva daquele médico achou que ele havia providenciado para ela e que gozaria de certo nível de independência financeira. Jamais questionou as providências do marido, tendo dependido de sua sabedoria em deixar a casa em ordem. Mas dentro de um ano, a aflita senhora descobriu que ficara sem um tostão, e endividada. Foi forçada a vender a casa da família, tirar a filha da faculdade, e arranjar um emprego de baixo nível. Como membro da alta sociedade, esposa de proeminente cirurgião, ela jamais tivera necessidade de desenvolver faculdades que lhe permitissem ganhar a vida, mas de repente arrostou a necessidade de sustentar-se e aos filhos.

Talvez devesse ser maior o número de nós que proclamemos as aplicações práticas da admoestação que Isaías fez a Ezequias: "Põe em ordem a tua casa".

Planeje Seu Funeral

Você fez planos para seu casamento? Algum dia já teve uma festa especial, um aniversário de casamento ou celebração de aniversário, no qual planejou antecipadamente o que faria? Então, o que é tão estranho a respeito de planejar seu funeral?

Já preguei em muitos funerais. Quer-me parecer que os entes queridos que têm algum conhecimento dos desejos do falecido passam pelo processo fúnebre com menos ansiedade do que aqueles que não têm a mínima idéia do que o falecido poderia ter desejado. Lembro-me de um pedido sincero feito pelo presidente Lyndon Johnson após ter-se retirado da vida pública. Eu havia feito a invocação na dedicação da Biblioteca Johnson em Austin, no Estado do Texas, e mais tarde o ex-presidente me levou à sua fazenda. Caminhamos até os carvalhos que ladeavam o rio Pedernales e ele disse: "Billy, um dia receberá o pedido de pregar no meu funeral. Você virá aqui, bem embaixo desta árvore, e eu serei enterrado ali." E ele apontou o lugar. "Você lerá a Bíblia e pregará o evangelho, e desejo que o faça, mas espero que tente contar algumas das coisas que procurei fazer."

O presidente Johnson e eu falamos acerca da brevidade da vida, e do fato de que algum dia estaremos diante de Deus prestando contas. Discutimos a ressurreição durante bom período de tempo.

Apenas quinze minutos depois de eu ter retornado a casa, vindo da segunda posse do presidente Richard Nixon, fiquei sabendo da morte do Sr. Johnson. No dia 25 de janeiro de 1973, preguei debaixo daquele velho carvalho, como ele havia pedido, e a nação assistiu pela televisão.

Embora de muitas maneiras ele tivesse sido um homem rude e complexo, no fundo do coração ele amava a Deus. Diversas vezes eu tinha tido o privilégio de estar com ele, tanto em Washington quanto no Texas, e orar com ele. Lembro-me de vê-lo sair da cama e ajoelhar-se enquanto eu orava.

Assim, foi com o coração cheio de amor que falei a respeito do homem que conheci: sua compaixão pelos oprimidos, sua amizade por crianças de todas as raças, seus fortes laços familiares, e, acima de tudo, a sua fé. Meu biógrafo, John Pollock, conta como falei a respeito da morte, do julgamento

e da Cruz, dizendo: "Lyndon Johnson compreendia que... para o crente que já foi à cruz, a morte não é um apavorante salto no escuro, mas é a entrada para uma vida nova e gloriosa. .. Para o crente, o fato brutal da morte foi vencido pela ressurreição histórica de Jesus Cristo. Para a pessoa que deu as costas ao pecado e recebeu a Cristo como Salvador e Senhor, a morte não é o fim..."[3]

Era isso o que o presidente Johnson queria que eu dissesse.

Por que dar instruções com respeito ao seu próprio funeral? Certamente não é porque estará preocupado com ele. Não assistirá a esse evento. Entretanto, seu cônjuge, seus filhos, seus amigos e colegas de trabalho provavelmente estarão lá. Os sobreviventes gostariam de conhecer os seus desejos. Onde será enterrado? Deixou instruções com relação à cremação ou um túmulo? Que hinos gostaria que fossem cantados? Há palavras de confiança que gostaria que fossem ditas aos seus entes queridos e amigos? Há algum pedido acerca de manter o caixão aberto ou fechado?

Quantas vezes os que sobrevivem ao falecido têm de debater-se com essas decisões quando não estão em condições de fazer tais planos, e quanto teria sido tão mais fácil ter os planos prontos e determinados.

Se você planejar seu próprio funeral, deve ter em mente as tradições da família ou os costumes da parte do país na qual vive. Por exemplo, em muitos lugares ver o corpo é parte importante do processo da dor, pois permite aos sobreviventes despedirem-se da parte física da pessoa a quem amavam. Esse processo confere certa finalidade ao processo da morte.

Lembro-me de quando a mãe de Richard Nixon morreu. Tive o privilégio de participar do seu funeral. Eu conhecia o pai e a mãe dele antes de vir a conhecê-lo, e, como de costume naquela cidade quacre de Whittier, na Califórnia, as pessoas passavam em fila para ver o caixão aberto. O pastor da igreja e eu ficamos ao lado do caixão, depois a família Nixon entrou. Quando olhou para a mãe, o futuro presidente caiu em pranto. Ele tinha amor profundo pela mãe, e por toda a sua família.

Não obstante, para algumas pessoas as tentativas de maquiar o falecido são indecorosas. É importante demonstrar sensibilidade pelos sentimentos alheios quando tomamos decisões a respeito de nosso funeral ou serviço fúnebre.

temunho pessoal melhor do que a própria pessoa. Outros podem louvar suas virtudes e ignorar as suas deficiências, mas você é o único que pode falar de seu amor pelo Senhor, sua apreciação à sua família, e sua antecipação do céu, se forem essas as suas crenças pessoais.

Funerais São para os Vivos

Toda a cultura tem suas cerimônias para enfrentar crises emocionais. Todas as grandes mudanças na vida, do nascimento à adolescência, casamento e morte, têm sido dignificadas por rituais. Um funeral deveria ser um ritual que satisfaça as necessidades sociais, emocionais e espirituais dos sobreviventes.

Escreveu o colunista de um jornal: "Os funerais são para os vivos, não para os mortos, e jamais fui a algum em que achei terem os sobreviventes sido confortados, ou no qual eles tenham realmente sido ajudados a superar o sofrimento."[5]

Eu, ao contrário, tenho assistido a muitos funerais, e oficiado em outros, nos quais senti que o serviço fúnebre ou memorial foi momento decisivo nas vidas de algumas das pessoas presentes. Geralmente, pelo testemunho da vida e da morte do falecido, ou por declarações feitas por membros da família, homens e mulheres indiferentes têm-se sentido condenados na vida que levam e sido dirigidos ao Deus amoroso.

Para os que crêem em Jesus Cristo, o funeral cristão reafirma a bendita esperança da vida eterna e da ressurreição. Jesus disse: "Em verdade, em verdade vos digo: Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida" (João 5:24).

Quando Marta precisava ser consolada pela morte de Lázaro, seu irmão, Jesus lhe disse: "Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim, não morrerá, eternamente. Crês isto?" (João 11:25, 26.)

No serviço fúnebre, a pessoa enlutada pode se achegar ao Senhor, sentindo seu consolo, como o fez Marta, e como tem feito outros crentes através dos tempos. O escritor que disse jamais ter assistido a um funeral no qual os sobreviventes fossem consolados admitiu também que não cria na vida eter-

Pessoalmente, Ruth e eu sabemos onde seremos enterrados e expressamos nosso desejo de ter uma "celebração" de ida para o lar, não um velório tristonho.

Naturalmente não posso afirmar nada definitivo com relação ao planejamento do próprio funeral visto ser um assunto que traz tantas aplicações pessoais. Contudo, temos precedentes bíblicos, estabelecidos por alguns dos importantes personagens do Antigo Testamento, que deram instruções pessoais sobre seus funerais. Jacó disse: "Eu me reúno ao meu povo; sepultai-me com meus pais, na caverna que está no campo de Efrom, o heteu..." Após ter expressado seu desejo, diz a Bíblia, ele partiu tranqüilamente. "Tendo Jacó acabado de dar determinações a seus filhos, recolheu os pés na cama, e expirou, e foi reunido ao seu povo" (Gênesis 49:29, 33).

"Pela fé", diz-nos o escritor, "José, próximo do seu fim,... deu ordens quanto aos seus próprios ossos" (Hebreus 11:22).

Esses dois patriarcas não fizeram planos a longo prazo, mas pelo menos tomaram providências definidas, as quais deram a conhecer aos parentes.

Sabemos que o presidente Frank Delano Roosevelt deixou instruções exatas a respeito do seu funeral em um documento de quatro páginas escritas a lápis, dirigido ao filho mais velho, James. Dizia: "Se eu morrer enquanto no cargo de presidente, é meu desejo que um serviço fúnebre da maior simplicidade seja conduzido na Sala Leste da Casa Branca. O corpo não deve ser exposto ao público, nem deve ser levado por carruagem com canhões ou carro fúnebre. O caixão deve ser o mais simples possível, de madeira escura. O corpo não deve ser embalsamado ou lacrado hermeticamente. O túmulo não deve ser forrado de tijolos, cimento ou pedras."[4]

Essas instruções são certamente explícitas. Houve apenas um problema. Ninguém da família Roosevelt sabia da existência desse documento. Ele foi encontrado no cofre pessoal do presidente alguns dias após seu enterro.

Pode ser uma boa coisa tomarmos as providências para nosso funeral, mas nossos planos mais bem feitos não adiantarão nada se ninguém souber onde se encontram!

Planejar seu funeral é um presente seu aos que o sobreviverem. Ninguém pode transmitir o que deseja deixar como tes-

na e duvidava de que seu espírito fosse ser transformado em um outro mundo. Tal ceticismo apenas serve para despir o serviço fúnebre de qualquer significado. Deixa as pessoas enlutadas sem esperança alguma.

O funeral deveria dar ocasião a que parentes, amigos e a família da igreja apoiassem os entes queridos que sofrem e expressassem cuidado e simpatia por sua perda. Mesmo que os amigos não tenham conhecido o falecido, é hora de demonstrarem seu amor pelos sobreviventes. Homenageamos a pessoa que morreu com o serviço fúnebre, mas também é-nos dada uma forma tangível de ministrarmos aos que estão enlutados antes, durante e após o funeral.

Há muitos anos, certa senhora cristã escreveu uma carta que ela queria que fosse enviada aos amigos depois da sua cerimônia fúnebre. Ela era professora de inglês em uma pequena faculdade do Texas, e cristã dedicada. Disse ela: "O estudo que fiz a vida inteira de literatura me ensinou que quando o autor é suficientemente perito, o final é a melhor parte do livro. Sou um volume escrito por um Escritor divino, e o clímax é a melhor parte do livro."

O funeral cristão deveria ser uma cerimônia de coroação, uma declaração ao mundo acerca da vida eterna.

Você Precisa de um Testamento?

Pesquisas indicam que apenas um em cada cinco adultos fez seu testamento. Quando vemos os problemas criados para os membros sobreviventes da família toda a vez em que alguém morre sem deixar testamento, nosso senso de responsabilidade deveria obrigar-nos a agir. Recentemente, fiquei sabendo a respeito de importante pessoa do mundo dos negócios, presidente de grande companhia, que morreu sem deixar testamento. É difícil entender como alguém em tal posição pudesse negligenciar um documento tão importante; contudo, fico espantado ao descobrir o quanto essa omissão é prevalente. Situações como essa criam dificuldades e sofrimento desnecessários aos entes queridos. O trabalho do Senhor sofre devido a essa falta de cuidado por parte de tão grande número de cristãos.

O que é um testamento? Essencialmente, é um documento legal que designa as pessoas — membros da família, amigos,

colegas — bem como as organizações, igrejas e obras de caridades que se escolhem para receber nossa propriedade quando morrermos.

Lembro-me de quando Charlie Riggs e eu estávamos voando tarde da noite no litoral oeste da África em um velho DC-3 das linhas aéreas de Gana. Entramos em terrível tempestade e nenhum de nós achou que aquela velha aeronave pudesse resistir. Pessoas à nossa volta puseram-se a gritar, e um grande e forte nigeriano que estava sentado ao lado de Charlie começou a soluçar tão alto que todos no avião chegaram a ouvi-lo. Mais tarde, perguntei a Charlie por que o nigeriano tinha chorado tão amargamente e ele respondeu que o homem estava certo de que ia morrer e que seu corpo ia cair na água, de onde seu filho não o poderia retirar. Entre seu povo, o filho não podia herdar nada do pai a menos que o corpo deste fosse encontrado.

Seus bens incluem propriedades pessoais tais como automóveis, ações, participação em algum negócio, mobiliário, jóias, pratos, coleções de selo ou livros, ou outros pertences de uso pessoal. Suspeito que minha esposa diria que seus bens mais importantes são seus livros.

Quando o Dr. Bell, meu sogro, morreu, a família foi ao seu guarda-roupa e encontrou apenas dois ternos e um par de sapatos. Ele havia disposto de seus pertences impecavelmente para a sua partida, mas mesmo aquelas poucas coisas que havia guardado foram importantes para a família.

Seus bens incluem também imóveis, que são o terreno e qualquer construção de sua propriedade ou quaisquer melhorias sobre o terreno.

Quem entre nós pode fazer um testamento? Geralmente, qualquer pessoa com dezoito anos ou mais pode escrever um testamento. Para ser válido, a pessoa precisa estar em perfeita posse de suas faculdades mentais, o que significa que precisa compreender que propriedade possui, quanto aproximadamente vale, e para quem a está legando.

Você pode nomear seu próprio "executor", que é a pessoa, banco ou companhia que cuidará de seus negócios após sua morte, até que os bens sejam distribuídos de acordo com o seu testamento ou outro acordo legal. O executor recebe qualquer dinheiro devido ao espólio, paga as dívidas e impostos,

e confere o restante dos bens às pessoas e organizações nomeadas no testamento.

Se o executor não for nomeado, o tribunal nomeará alguém para resolver os negócios do espólio. Pode não ser a pessoa que você teria escolhido.

Seu testamento lhe permite nomear um tutor para seus filhos menores. Isso pode ser importante se os dois pais morrerem ao mesmo tempo, ou se você for o único responsável por eles. Se não nomear um tutor, ficará por conta dos tribunais decidir onde os filhos irão morar e como gastarão o dinheiro que você deixar para sustentá-los. Para qualquer pessoa que tenha filhos menores, esse único fato deveria ser razão suficiente que a levasse a fazer o testamento agora.

O testamento geralmente deveria ser redigido por um advogado, mas sob certas circunstâncias, a própria pessoa pode redigi-lo. Se tiver um testamento escrito a mão, ou "holográfico", a lei diz que sua assinatura e todas as partes importantes do documento precisam ter sido redigidas de punho próprio. Ele precisa ser datado, mas não é necessário ter testemunhas. Nem todos os Estados, contudo, aceitam esse testamento feito a mão, por isso é melhor você se assegurar de que é legal onde mora, e se mudar-se para outro Estado, não se esqueça de averiguar as leis ali.

Alguns casais, achando que têm os mesmos objetivos e desejos, desejam fazer um testamento conjunto. Mas advogados e administradores advertem contra os perigos dessa prática, visto que em um testamento conjunto duas pessoas dizem o que deve ser feito com a propriedade da outra. Se ambas concordam que seu testamento conjunto é final, ele não pode ser modificado mais tarde pelo sobrevivente. Conheço uma senhora que aproveitou a oportunidade para modificar um testamento conjunto após a morte do marido. O casal tinha quatro filhos e o marido tinha deixado uma quantia um tanto maior a dois deles. Quando esses dois descobriram, alguns anos depois, que sua parte havia sido reduzida pela mãe a fim de que todos os filhos recebessem partes iguais, ficaram tão aborrecidos que imploraram aos outros dois, e quase os ameaçaram, até receberem parte da quantia que lhes havia sido legada originalmente (e legalmente).

Podemos imaginar as complicações que surgiriam se, por

exemplo, o cônjuge sobrevivente se casasse novamente, ou se filhos que devem receber propriedade se tornarem irresponsáveis. Testamentos conjuntos podem parecer uma nobre declaração de que ambos os parceiros pensam da mesma forma, mas as conseqüências reais de um documento assim podem ser muito desagradáveis.

Se você morrer sem deixar testamento, os tribunais distribuirão sua propriedade entre os seus parentes da forma estabelecida pela lei. Entretanto, seus bens não podem beneficiar amigos, obras de caridade ou igrejas se você não deixar um testamento que determine isso. Não pode haver dispositivos especiais para objetos de estimação, jóias, ou negócios da família.

Seu testamento permanece válido até que você o modifique ou redija outro. Muitas pessoas sentem a necessidade de fazer o testamento, redigem o documento, e depois o deixam parado por anos sem se preocupar mais com ele. "Claro que tenho um testamento", dizem, confiantes. Entretanto, desde que o documento foi escrito, os filhos cresceram e se casaram, netos nasceram, leis tributárias mudaram, os bens aumentaram, e o testamento original pode ter pouca validade. Uma revisão do testamento deveria ser feita após alguns anos. Os tribunais seguirão o documento mais recente.

A lei lhe confere muitas escolhas se fizer um testamento, mas nenhuma se não o fizer.

O testamento do cristão deveria ser o fruto de muitas orações e consideração, incluindo talvez não apenas doações a indivíduos como também à igreja da pessoa, ou outras organizações religiosas. O testamento do cristão pode também conter mais do que apenas instruções sobre como o dinheiro e os bens serão distribuídos. Pode ser também um testemunho àqueles que o lerem. Pode ser um memorial permanente de fé em Cristo e de amor pelo próximo. Alguém já disse que percebia melhor o que a pessoa tinha no coração ao ler seu testamento do que ao ler seu obituário. "Porque, como imagina em sua alma, assim ele é" (Provérbios 23:7).

Muitos de nós que lemos e amamos os livros escritos por Charles Dickens achamos que ele deve ter sido cristão. Gerações de leitores têm rido e chorado ao lerem seus livros. Nem um Natal se passa sem muitas novas apresentações de seu grande clássico, *A Christmas Carol*. Mas não foram os grandes li-

vros que escreveu nem o longo artigo que saiu do jornal *London Times* quando faleceu que ficarão registrados para a eternidade, mas a herança que ele deixou em seu testamento. Escreveu ele: "Entrego minha alma à misericórdia de Deus, através de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, e exorto humildemente aos meus queridos filhos que tentem guiar-se pelos ensinamentos do Novo Testamento."[6]

A melhor preparação para a morte não é uma lista de instruções acerca do nosso funeral, nem um testamento atualizado, mas uma experiência com Cristo que dá a vida eterna. "... a fé que é dos eleitos de Deus e o pleno conhecimento da verdade segundo a piedade, na esperança da vida eterna que o Deus que não pode mentir prometeu, antes dos tempos eternos" (Tito 1:1, 2).

A esperança da vida eterna se torna mais preciosa quando crescemos no conhecimento do que ela significa. Nossa existência cotidiana concentra-se de tal forma naquilo que nos acontece aqui na Terra que a perspectiva da eternidade pode adquirir aspecto esmagador — até mesmo assustador.

O que nos espera na eternidade? É uma jornada ao desconhecido ou uma peregrinação espiritual gloriosa a ser ansiosamente esperada?

Todos nós empreenderemos a jornada à eternidade, e escolhemos o tipo de acomodações que teremos para determinar nosso destino.

Por que algumas pessoas acreditam que têm um bilhete pago para o céu? Elas dão muitas respostas, mas a maioria dessas respostas pode ser classificada dentro de três atitudes básicas. A primeira é: "Veja só o que fiz na Terra. Minha relação é bem boa, comparada com a de algumas pessoas. Estarei no céu porque tive uma vida boa."

Essa pessoa está em apuros. A Bíblia diz que "todos pecaram e carecem da glória de Deus" (Romanos 3:23). Assim, se estivermos colocando o bem que fizermos numa escala de 1 a 10, mesmo um 10 perfeito não bastaria. Ninguém pode jamais viver uma vida que seja "suficientemente boa". A Bíblia diz: "Pois, qualquer que guarda toda a lei, mas tropeça em um só ponto, se torna culpado de todos" (Tiago 2:10).

A segunda resposta pode ser: "Realmente não sei, e não estou certo de me importar. Pensei um pouco nisso por algum tempo, mas havia tantas outras coisas que pareciam mais importantes."

Como costumam dizer as mães: "Desculpas não adiantarão nada." A Bíblia diz: "Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das cousas que foram criadas. Tais homens são por isso indesculpáveis" (Romanos 1:20).

Apenas uma resposta dará à pessoa o privilégio garantido, a alegria, de entrar no céu: "Porque cri em Jesus Cristo e o aceitei como meu Salvador. É ele quem está assentado à destra de Deus e intercede por mim." Ninguém pode negar a esse cristão a entrada no céu.

O Catecismo de Heidelberg, escrito originalmente em 1563 e usado por cristãos de diferentes antecedentes, era um dos favoritos do meu sogro. Na parede do seu escritório ele tinha a primeira pergunta e resposta do Catecismo de Heidelberg emoldurada, que dizia: "P. 1. Qual é seu único conforto na vida e na morte? R. Que pertenço — de corpo e alma, na vida e na morte — não a mim mesmo, mas a meu fiel Salvador, Jesus Cristo, que ao preço de seu próprio sangue resgatou todos os meus pecados e livrou-me completamente do domínio do diabo; que ele me protege tão bem que, se não for da vontade do meu Pai celestial, nem um só fio de cabelo cairá da minha cabeça; de fato, que tudo deve cooperar com seu

10

Aonde Irei Quando Morrer?

Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não são para comparar com a glória por vir a ser revelada em nós.
— ROMANOS 8:18

Uma guarda imperial fantasmagórica de mais de sete mil soldados de argila em tamanho natural foi desencavada na China continental. Arqueólogos encontraram recentemente essas maciças estátuas de terracota, consideradas uma das descobertas mais espetaculares desta era. O exército real, postado em formação de batalha para proteger o túmulo do primeiro imperador chinês Shih Huang Ti, estava equipado com carruagens de guerra e armas de madeira e bronze. Seus cavalos, em arreios de ouro e prata, encontravam-se num fosso perto do túmulo. Nessa incrível descoberta, vemos a morte retratada como um campo de batalha. O imperador desejava garantir que seria protegido no outro mundo.

O destino final do homem tem sido ponderado através dos tempos. Algumas pessoas aceitaram a tradição de seus ancestrais, outras se debateram com idéias conflitantes. Budistas e hindus acreditam que passarão por repetidos nascimentos, transmigrando de existência a existência; não há princípio e não há fim de uma vida contínua; eles se reencarnam em outros corpos.

O taoísta trata a morte com indiferença; o esquecimento é um estado de ausência de ações. A crença islamita reconhe-

ce sete céus, lugares de prazer carnal e ventura espiritual. A cultura do índio americano fala do "Campo de Boas Caçadas". A maioria das pessoas que seguem a religião judaica crê num céu onde as boas ações praticadas na Terra são recompensadas.

O cristão tem firme esperança do céu devido ao que Cristo fez mediante sua morte e ressurreição. "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo que, segundo a sua muita misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus para vós outros" (1 Pedro 1:3, 4).

Ao mesmo tempo, há muitas coisas acerca do céu que não sabemos ao certo. "Porque agora vemos como em espelho, obscuramente, então veremos face a face; agora conheço em parte, então conhecerei como também sou conhecido" (1 Coríntios 13:12).

Um poeta desconhecido expressou essa idéia da seguinte forma:

> Quando os santos anjos encontrarmos
> Ao nos reunirmos aos seus bandos,
> Conheceremos os amigos que nos saúdam,
> Na gloriosa terra espiritual?
> Veremos os mesmos olhos a brilhar
> Ao nos ver, como o faziam antigamente?
> Sentiremos queridos braços nos cingindo,
> Em abraços carinhosos, como dantes?
> Conheceremos uns aos outros lá?

Que Direito Tem Você de Entrar no Céu?

Cada homem e mulher que vive terá de responder a essa pergunta. Uma senhora que havia acabado de passar pela experiência de uma morte na família contou-me que sentiu tamanha urgência de falar de Cristo a alguém que quando um homem veio consertar seu aquecedor, ela o encostou à parede e disse: "Se esse aquecedor tivesse explodido em seu rosto e você tivesse morrido, saberia com certeza onde passaria a eternidade?" O homem ficou tão surpreso que se esqueceu de deixar a conta.

propósito para a minha salvação. Portanto, pelo seu Espírito Santo, ele também me assegura a vida eterna, e me torna plenamente disposto e pronto a viver para ele de agora em diante."

"Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu, ou antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós" (Romanos 8:33, 34).

Que pensamento magnífico! Jesus é o nosso defensor, nosso advogado, pleiteando o nosso caso diante de Deus Pai, dizendo-lhe que a pessoa sendo apresentada para entrar no céu precisa ser admitida com base na graça de Deus somente, não por quaisquer boas obras ou ações nobres feitas na Terra.

Muitas pessoas caem no logro de Satanás, que as leva a pensar que Deus é um feitor vingativo, pronto a mandar ao inferno todos aqueles que o ofenderem. Elas não vêem esperança alguma. É verdade que Deus odeia o pecado, mas ama ao pecador. Visto sermos todos pecadores, nosso direito de admissão ao céu repousa na provisão que Deus fez para os nossos pecados: seu Filho, Jesus Cristo: "Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (João 3:16).

É Nossa a Decisão de Ir para o Inferno?

O inferno tem sido envolto em folclore e disfarçado em ficção por tanto tempo que muitas pessoas negam a realidade de um lugar assim. Alguns acham que nada mais é que um mito. Essa posição é compreensível. Nossas mentes se rebelam contra a fealdade e o sofrimento. Contudo, o conceito de inferno não é exclusivo à fé cristã.

Séculos antes de Cristo, os babilônios acreditavam na existência da "Terra de Onde Não Se Volta". Os hebreus escreviam acerca de descer ao reino de *Sheol*, ou o lugar da corrupção; os gregos falavam da "Terra Invisível". O budismo clássico reconhece sete "infernos quentes", e o *Rig Veda* dos hindus fala do profundo abismo reservado aos homens falsos e às mulheres infiéis. O islamismo reconhece sete infernos.[1]

Jesus declara especificamente que os descrentes não escaparão à condenação do inferno (Mateus 23:33). Ele disse aos discípulos: "Não temais os que matam o corpo e, depois dis-

so, nada mais podem fazer. Eu, porém, vos mostrarei a quem deveis temer: Temei aquele que depois de matar, tem poder para lançar no inferno. Sim, digo-vos, a esse deveis temer" (Lucas 12:4, 5).

Provavelmente uma das descrições mais gráficas do inferno na Bíblia é dada por Jesus na parábola do rico e de Lázaro. Durante a vida, o rico se recusou a ajudar Lázaro, um pobre mendigo que desejava se alimentar das migalhas que caíam da mesa do rico. Quando o mendigo morreu, foi levado para junto de Abraão, que seria o que descreveríamos como céu. O rico foi mandado ao inferno e estava em tormento. Jesus não insinuou que ter riquezas significa estar condenado ao inferno, nem disse que ser pobre garante a quem quer que seja o direito ao céu. Entretanto, essa é uma descrição gráfica do sofrimento do descrente longe de Deus.

Segundo a parábola, o rico ergueu os olhos e viu a Abraão, com o mendigo ao seu lado. Falando através de lábios partidos e ressecados, ele implorou a Abraão que mandasse Lázaro molhar a ponta do dedo na água e levá-la até ele a fim de lhe refrescar a língua. "Estou em agonia neste fogo", bradou ele.

Mas Abraão disse que havia grande abismo entre os dois mundos, e que era "fixo", ou permanente. Ninguém podia atravessar de um lado para outro. Em outras palavras, aquele que estava no inferno havia tido escolha da direção em que caminharia na vida terrestre, e agora tinha de sofrer as conseqüências da decisão de viver para si ao invés de para Deus. Não havia uma segunda oportunidade.

Inferno: Um Assunto Controvertido

Perguntam-me continuamente: "Que me diz do inferno?" ou "Existe fogo no inferno?" e outras perguntas semelhantes. Não posso ignorar esse assunto pouco popular, embora ele deixe as pessoas inquietas e ansiosas. É provavelmente um dos ensinamentos cristãos mais difíceis de se aceitar.

Algumas pessoas pregam o "universalismo" — que no final todos serão salvos e que o Deus de amor jamais mandará alguém ao inferno. Acham que as palavras "eterna" ou "perpétua" não significam realmente "para sempre". Entretanto,

a mesma palavra que fala da separação eterna de Deus é também usada ao se referir à eternidade do céu.

Outras pessoas ensinam que aqueles que se recusarem a aceitar a Jesus Cristo como Salvador são simplesmente aniquilados, deixam de existir. Procurei na Bíblia e jamais encontrei provas convincentes que sirvam de base a esse ensinamento. A Bíblia ensina que, quer nos salvemos, quer nos percamos, a alma existe para sempre.

Alguns acham que Deus dá uma segunda oportunidade. Mas a Bíblia diz: "Eis agora o dia da salvação" (2 Coríntios 6:2). Em nossas cruzadas, convido as pessoas a aceitarem a Cristo naquele momento, pois não sabemos quando passaremos à eternidade.

A Bíblia ensina que o inferno existe para cada pessoa que voluntariamente e conscientemente rejeita a Cristo como Salvador e Senhor. Muitas passagens poderiam ser citadas em defesa desse fato.

"... e quem lhe chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo" (Mateus 5:22).

"Mandará o Filho do homem os seus anjos que ajuntarão do seu reino todos os escândalos e os que praticam a iniqüidade, e os lançarão na fornalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes" (Mateus 13:41, 42).

"Então a morte e o inferno foram lançados para dentro do lago do fogo. Esta é a segunda morte, o lago do fogo. E, se alguém não foi achado inscrito no livro da vida, esse foi lançado para dentro do lago do fogo" (Apocalipse 20:14, 15).

No Sermão da Montanha, Jesus disse: "... pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o teu corpo lançado no inferno" (Mateus 5:29).

Mandará um Deus de amor alguém ao inferno? A resposta de Jesus e dos ensinamentos da Bíblia é, claramente, Sim! Não é que ele queira isso, mas o próprio homem se condena ao inferno eterno porque em sua cegueira, teimosia, egoísmo e amor pelo prazer pecaminoso, recusa a forma de salvação que Deus oferece e a esperança da vida eterna com o Senhor.

Suponhamos que alguém adoeça e procure um médico. O médico diagnostica o problema e receita o remédio. Entretanto, o conselho é ignorado e dentro de alguns dias a pessoa

entra cambaleando no consultório do médico, dizendo: "É por culpa sua que estou pior. Faça algo."

Deus receitou o remédio para a doença espiritual da humanidade. A solução é a fé e dedicação pessoais a Jesus Cristo. Visto que o remédio é o novo nascimento, se deliberadamente o recusarmos, temos de arcar com as horríveis conseqüências.

Sim, existe uma alternativa ao céu. Não importa o conceito que tenha desse lugar, sabemos que será separação de Deus e de tudo que é santo e bom. John Milton o descreveu em *Paraíso Perdido*:

> Masmorra horrível de todos os lados,
> Como grande fornalha, a queimar; essas chamas, porém,
> Não iluminam, antes, as trevas visíveis
> Serviam apenas para delinear visões dolorosas,
> Regiões de sofrimento, sombras lúgubres, onde a paz
> E o descanso jamais podem habitar, e a esperança que a todos vem,
> Jamais chega; antes, a tortura não tem fim.

Pode o Céu Esperar?

Não importa quanto o céu seja glorioso, um número demasiado grande de cristãos não pensa muito a respeito. Philip Yancey escreveu: "Um fato estranho relacionado à vida americana moderna: embora 71% de nós acreditemos numa vida após a morte (diz George Gallup), ninguém fala muito a respeito dela. Os cristãos acreditam que passaremos a eternidade num lugar esplêndido chamado céu... não é um tanto bizarro que simplesmente ignoremos o céu, agindo como se ele não importasse?"[3]

Estamos vendo número cada vez maior de artigos a respeito da velhice, da morte, da AIDS, do direito de morrer, de experiências extracorpóreas. Mas raramente, ou nunca, lemos algo a respeito do céu nas revistas ou encontramos livros que tratem do assunto. Quando passamos por uma galeria de arte pré-século vinte ou examinamos empoeiradas antologias de poesia e prosa, descobrimos que o céu foi assunto que gerou grande interesse no passado. O que aconteceu conosco hoje? Por que a falta de atenção generalizada ao céu no pensamento e na pregação modernos?

apóstolo Paulo sondou as profundezas dele ou descreveu-lhe a perspectiva. Disse ele: "Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam" (1 Corintios 2:9).

Limitados que somos pelo tempo e orientados rumo a objetivos a serem alcançados nesta vida, achamos estranho antecipar o céu. Parece tedioso à mente contemporânea. O que faremos por toda a eternidade? A pessoa que trabalhou duro a vida inteira pode esperar ansiosa pela aposentadoria mas às vezes a falta de responsabilidade e desafio produzem inquietação.

Vivemos numa era na qual atividade é equiparada a valor e utilidade. "Como vai?" "Correndo, correndo, correndo!" Quando o carrossel diminuir de velocidade, a música da vida desaparecerá?

A cada dia de nossas vidas estamos a apenas um fôlego de distância da eternidade. O crente em Jesus Cristo tem as promessas do céu. Se cremos nelas, a antecipação do céu jamais será tediosa. Será mais excitante do que qualquer prazer que a terra possa oferecer.

Promessas acerca do Céu

Na terra, tendemos a pensar sobre nós mesmos. Mas no céu, as coisas serão diferentes. Experimentaremos a verdade que traz o catecismo: "O fim principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lo para sempre." No céu, Deus, não o homem, será o centro de tudo. E sua glória a tudo dominará.

Você já observou jovens casais de namorados se comunicarem sem palavras? Alguma vez já esteve apaixonado/a? As pessoas profundamente apaixonadas encontram ventura perfeita na presença uma da outra e gostariam que os momentos que passam juntas durassem para sempre. Se esses momentos pudessem ser detidos, sem que o tempo passasse, seria o "céu" para elas? Você já disse alguma vez: "Gostaria que este momento durasse para sempre"?

Acho que esses sentimentos são uma pequena indicação do que seria, detidos no tempo e amando a Deus, gozá-lo para sempre. Jamais teremos de abandonar essa experiência do "topo do monte".

A Bíblia nos assegura de que o céu é um lugar definido.

Se começamos a pensar nos motivos de desinteresse pelo céu, aqui estão algumas conclusões. Antes de tudo, nos Estados Unidos e na maior parte dos países ocidentais, vivemos em uma sociedade afluente. A maioria de nós temos acesso a analgésicos dos quais dependemos, alimentação suficiente, e belos ambientes. As promessas bíblicas de vantagens como essas parecem ter perdido o brilho para nós. Estamos tão envolvidos nas atividades desta vida que pouca atenção damos à eternidade.

Existe outro problema psicológico. Vemos pessoas parecendo plenamente vivas na televisão, quando já estão mortas há anos. Personalidades bem conhecidas tais como Gary Cooper, Marilyn Monroe, John F. Kennedy ou Martin Luther King aparecem discursando ou contracenando em filmes como se ainda estivessem vivos. As pessoas ficam achando que eles ainda *estão* vivos. Esse fato produz vasta diferença no que os jovens pensam acerca da morte. Pode ter sido um dos fatores pelos quais a taxa de suicídios entre os jovens tem estado a subir a velocidade alarmante.

Por toda a nossa cultura, temos sido levados ao conceito de aceitarmos a morte como o fim de nossa vida sobre a terra. Elisabeth Kübler-Ross, com suas cinco fases da morte, indicou que a fase da "aceitação" é a mais saudável. A esperança do céu raramente entra numa sessão de terapia. Philip Yancey disse: "Já observei em hospitais grupos de pacientes à beira da morte que buscavam com desespero alcançar uma fase calma de aceitação. Estranhamente, ninguém falava a respeito do céu nesses grupos; parecia embaraçoso, de certa forma, covarde. Que convulsão de valores pode nos fazer apresentar a perspectiva de aniquilação como sendo corajosa e a de ventura eterna como covarde?"[4]

O céu pode parecer vago a alguns de nós devido ao fato de nossa experiência estar limitada à Terra. Como podemos conceber o infinito? É difícil imaginar uma existência que nunca termina. A educação e a mídia dificultam ao homem acreditar em qualquer coisa que não possa ser provada em um tubo de teste. Na época em que o conhecimento do Universo aumenta com grande velocidade mediante a exploração da estratosfera, a noção de eternidade para criaturas finitas é um mistério absoluto. E será sempre um grande mistério. Nem mesmo o

Jesus disse: "Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E quando eu for, e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que onde eu estou estejais vós também" (João 14:2, 3).

Hoje, pessoas desabrigadas podem ser encontradas em, praticamente, todas as partes do mundo. Durante um período recente em que a temperatura caiu muito, muitas dessas pessoas sofreram, e algumas morreram. Aqueles de nós que temos lares confortáveis podemos desejar socorrer os menos afortunados, mas no íntimo pensamos muitas vezes: "Que bom eu ter uma cama esta noite, uma casa quentinha, e alimentos para comer!" Se jamais estivemos desabrigados, é difícil entender como seria não ter onde morar.

De certa forma, os cristãos são desabrigados. Nosso verdadeiro lar, preparado pelo Senhor Jesus Cristo, nos espera. "Sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos da parte de Deus um edifício, casa não feita por mãos, eterna, nos céus. E, por isso, neste tabernáculo gememos, aspirando por ser revestidos da nossa habitação celestial" (2 Corintios 5:1, 2).

Quando se fita o Grand Canyon, fica-se imediatamente enlevado com sua glória radiante. A terra oferece vistas espetaculares em todos os continentes, em todos os países. Muitos de nós temos um lugar favorito que descreveríamos como "o céu na terra".

Tem sido meu privilégio pregar centenas de sermões na Europa, com o passar do tempo, e diversas vezes pregamos na Suíça. Minha filha ficou conhecendo e casou-se com um psicólogo suíço, por isso conhecemos bem os Alpes. Vez após vez, minha esposa e eu temos gozado a glória e beleza daquelas montanhas — um prado repleto de flores na primavera, o *Dent du Midi*, ou o Matterhorn. De Genebra, pode-se chegar de avião ao litoral sul da França em trinta minutos. Ali, vê-se o histórico mar Mediterrâneo cintilando com ondas coroadas de diamantes. Temos tantas lembranças de tempos como esses passados juntos.

Mas tudo isso empalidece em comparação àquilo que o Arquiteto e Construtor dessas maravilhas da natureza preparou para nós. Como Abraão, podemos aguardar "a cidade

que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador" (Hebreus 11:10).

Alguns anos atrás, André Kole, o talentoso ilusionista que viajou pelo mundo inteiro como representante de uma associação de jovens cristãos, escreveu acerca da morte de sua esposa, Aljeana. Ela estava com um tumor incurável no cérebro, e por dois anos suportou incrível sofrimento. Aos poucos, perdeu a capacidade de usar os braços e pernas, e não podia mover a cabeça ou corpo. Ficou totalmente cega. Dia após dia, a única coisa que podia fazer era ficar deitada na cama, indefesa. Kole escreveu: "Enquanto Aljeana ainda conseguia falar um pouquinho, repetia sempre um poema que terminava com esta linha: 'Não anelaríamos pelo céu se a terra oferecesse apenas gozo'."[5]

O céu é um lugar, planejado pelo maior dos arquitetos, e está prometido que lá receberemos nossa gloriosa herança.

Não sei exatamente que tipo de herança receberei no céu, mas sei que será magnífica. Quando visitamos o lar de alguém e admiramos linda prataria, tapetes ou quadros, poderíamos perguntar: "É herança de família?" O dono poderia dizer que o objeto havia pertencido à sua mãe e que por isso tem valor para ele. Minha esposa, Ruth, tem uma linda arca marchetada com pedaços de madeira rara que seu avô construiu anos atrás. As pessoas estão sempre a admirá-la, perguntando onde ela a obteve. Ruth diz: "Herdei-a."

A prata escurecerá, os tapetes ficarão sujos e rasgados, a arca poderá queimar-se em poucos minutos. A Bíblia diz que receberemos "uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus para vós outros" (1 Pedro 1:4).

As coisas que herdamos na terra podem ser grande bênção ou terrível maldição. Um número incontável de vidas tem sido arruinado por riquezas deixadas a herdeiros irresponsáveis. Entretanto, como filhos do Rei, nossa herança não se corromperá nem nos corromperá. Que maravilhosa promessa!

O céu é a cidade do nosso Deus. Ele criou o céu e é seu proprietário. "Por isso hoje saberás, e refletirás no teu coração, que só o Senhor é Deus em cima no céu, e embaixo na terra; nenhum outro há" (Deuterônomio 4:39).

Quando tudo na terra parece estar dando errado, e quando em nossa dor queremos bradar: "Deus, onde está o Se-

nhor?", temos a promessa de que Deus está no céu e no comando. Pode parecer que ninguém comanda as coisas aqui, mas se isso fosse verdade, o próprio Deus seria mentiroso.

Deus Fala do Céu

O que é o céu? É o lar que Deus criou e o qual possui. A sala do trono é a sede da qual ele emite suas ordens, diretrizes e profecias. E Jesus está sentado à mão direita de seu Pai.

Não tenho certeza de que Deus fala audivelmente conosco hoje como fez com Moisés no monte Sinai — pelo menos comigo certamente nunca o fez. Há filmes e peças que às vezes retratam Deus usando uma voz fora do palco, falando em voz grave e ondulante, advertindo os personagens ou dirigindo-lhes as ações. Isso contribui para tornar um cenário interessante, mas pode estar teologicamente errado. Além disso, Deus nunca nos orienta de forma contrária ao seu caráter. Quando as Escrituras nos dizem que ele dirigirá os nossos caminhos, podemos ter a certeza de que quando ele está no controle, não importa quão espinhoso o caminho, ele jamais nos dirá para pular de um penhasco.

Como Deus fala do céu? Primeiro, fala através da Bíblia, sua Palavra escrita. É por isso que uso a frase: "A Bíblia diz". Eu não teria autoridade para dizer o que digo durante as cruzadas ou em sermões a menos que fosse baseado na Palavra de Deus. "Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça" (2 Timóteo 3:16). Os autores do Antigo Testamento, por exemplo, deixam bem claro que Deus estava falando com eles e através deles. Mais de 3.000 vezes, disseram: "Assim diz o Senhor", ou o equivalente. E isso basta para mim!

Deus fala também na natureza. Quando criou os céus e a terra, deu-nos um universo incrível, complexo, belo e ordeiro. Ele falou de tal maneira que homens e mulheres não têm desculpa para não ouvirem e compreenderem o louvor do salmista quando disse: "Os céus declaram a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras das suas mãos" (Salmo 19:1). Devido à clareza da mensagem, podemos concordar com a sua declaração de que: "Diz o insensato no seu coração: Não há Deus" (Salmo 14:1). Conforme a Bíblia declara: "Porque os

atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são por isso indesculpáveis" (Romanos 1:20).

Deus fala com maior clareza e perfeição através de seu Filho, Jesus Cristo, que nos é revelado nas páginas da Bíblia e é o Verbo de Deus encarnado. Quando Deus, o Filho, desceu do céu à Terra na forma de homem, cumpriu aquilo que Deus havia planejado para ele fazer desde a eternidade passada. "Havendo Deus, outrora, falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias nos falou pelo Filho a quem constituiu herdeiro de todas as cousas, pelo qual também fez o universo" (Hebreus 1:1, 2).

Deus nos fala também através da nossa consciência. Talvez essa seja um "cicio tranqüilo e suave" que não se apartará de nós até fazermos o que é certo, ou pode ser uma indicação alta e clara de que Deus nos quer naquele caminho. Podemos até pensar nela como um facho de luz vindo do próprio céu, revelando o caminho que devemos seguir. Provérbios diz: "O espírito do homem é a lâmpada do Senhor, a qual esquadrinha todo o mais íntimo do corpo" (Provérbios 20:27). Precisamos jamais silenciar essa voz íntima — embora precisemos comparar o que achamos que ela está-nos dizendo com as Escrituras, a fim de nos certificarmos de que essa voz íntima não seja apenas nossa vontade própria ou nossas emoções.

Quando Deus fala através de sua Palavra, podemos captar claramente ou, devido à nossa fragilidade humana, sua mensagem pode ser distorcida, algo como um sinal embaralhado de TV sendo transmitido via satélite. Algumas vezes nossos receptores estão sintonizados. Outras vezes, podemos ter de esperar até podermos ouvir ou "captar" a imagem mais claramente.

Certa família contou a história apavorante de ter sido apanhada em terrível tempestade de neve quando percorria grande distância em esquis. A mãe, o pai e a filha adolescente ficaram perdidos numa área remota na noite mais fria de janeiro, com um vento que fazia a temperatura cair muito abaixo de zero. Eles montaram um pequeno abrigo entre algumas árvores caídas e desenvolveram um plano para sobreviverem. O pai disse: "Vamos orar e cantar hinos, e exercitar, e comer, e fa-

zer brincadeiras. Pela manhã, tentaremos voltar às trilhas de esqui."

A pequena família sabia que enfrentava pelo menos doze horas de enregelante escuridão. Puseram em prática o plano, cantando "Avante, avante ó crentes" enquanto corriam sem sair do lugar. Citaram os nomes de todos os parentes de quem conseguiam lembrar-se, inventaram histórias, fizeram listas de compras, e, mais importante, conversaram com Deus. A mãe lembrou-se de uma passagem bíblica e a repetiu de forma que a garotinha e o marido pudessem decorá-la. "Perto está o Senhor. Não andeis ansiosos de cousa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas diante de Deus as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graça. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e as vossas mentes em Cristo Jesus" (Filipenses 4:5-7).

À medida que a noite ia passando, as circunstâncias pioraram. O pai lembrou-se mais tarde: "Eu estava segurando um dos cobertores espaciais sobre os outros numa tentativa não muito bem-sucedida de deter a neve trazida pelo vento, e pela primeira vez perguntei-me se conseguiríamos sobreviver. Mas então, foi como se Deus tivesse falado comigo, dizendo: 'Não se preocupe, cuidarei de vocês.'" E cuidou mesmo.[6]

Deus fala conosco do céu quando oramos. Às vezes as respostas são claras; às vezes são vagas; às vezes, dizem "espere". Contudo, sabemos que algum dia estaremos com ele no lar, e as comunicações serão cristalinas, porque estaremos com ele. "Porque agora vemos como em espelho, obscuramente, então veremos face a face; agora conheço em parte, então conhecerei como também sou conhecido" (1 Corintios 13:12).

O Que *Não* Haverá no Céu

No céu não haverá adoração sectária, nenhuma diferença denominacional, nenhum credo de igrejas. Não haverá adoração em santuários, pois Deus e seu Filho, Jesus Cristo, serão os centros de adoração (Apocalipse 21:22).

Fui criado na igreja presbiteriana e mais tarde tornei-me batista. Mas nos últimos anos, tenho sentido que pertenço a todas as igrejas. Ruth permaneceu firmemente presbiteriana, mas, no fundo do coração, ela também pertence a todas as ou-

tras igrejas. Jamais tivemos grandes diferenças teológicas apesar desses antecedentes, mas muitas pessoas se envolvem em ardentes debates a respeito de doutrinas denominacionais.

Não foi Deus quem inventou as denominações, foi o homem. Quando formos para o seu lar, ele nos convidará a entrar mas não nos pedirá credenciais da nossa igreja ou escola dominical. Apenas uma pergunta será feita: "O que você fez na terra com relação a meu Filho, Jesus?" Não fará a menor diferença se você tiver sido católico ou protestante, judeu ou gentio. O que importa é se acreditamos em Jesus ou o rejeitamos. Freqüentar uma igreja em particular não garante a quem quer que seja admissão ao céu. Corrie ten Boom costumava dizer: "Um rato na lata de biscoitos não é biscoito."

No céu não receberemos conhecimento de segunda mão. Na terra, ouvimos pastores, professores, filósofos, pais e escritores, e às vezes não sabemos em quem acreditar. (Naturalmente, esse conhecimento de segunda mão é importante porque Deus concedeu intelecto ao homem a fim de ser usado, e concedeu os dons do ensino e pregação a alguns indivíduos, com a finalidade de nos ajudarem.)

Alguns homens usam seu intelecto para a glória de Deus; outros, para a sua própria glória. Contudo, no céu nossa inteligência espiritual será aperfeiçoada por contato direto com a fonte de todo o conhecimento. Se houver um Diário de Notícias Celestiais, esteja certo de que poderemos acreditar no que estiver escrito nele.

No céu não haverá temor. Não precisaremos de trancas nas portas, grades nas janelas, ou sistemas de alarme. Tudo o que causa temor será eliminado. Caminharemos pelas ruas de ouro sem qualquer preocupação com perigo que possa estar de tocaia nos umbrais das portas. Hoje, o medo espreita o mundo. Não podemos escapar-lhe em canto algum. Mesmo que creiamos que nada temos a temer, nossa natureza humana inventará algo para temer.

No céu não haverá noite. Na terra, equiparamos noite a escuridão e ignorância; dizemos: "Fiquei no escuro." A luz é símbolo de compreensão; podemos assentir com a cabeça quando um problema é esclarecido e dizer: "Agora está claro!" "O Senhor é a minha luz e a minha salvação; de quem terei medo?" (Salmo 27:1).

A noite esconde a beleza álacre do sol, embora tenha uma beleza toda própria. Mas o mundo sem noite será iluminado pela luz de Deus, tornando o sol, a lua e as estrelas (e as luzes elétricas da terra) uma comparação pálida da autêntica obra-prima.

Finalmente, no céu já não haverá sofrimento ou morte. Pense nisso! "Então ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus e Deus mesmo estará com eles. E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras cousas passaram. E aquele que está assentado no trono disse: Eis que faço novas todas as cousas. E acrescentou: Escreve, porque estas palavras são fiéis e verdadeiras" (Apocalipse 21:3-5).

Saudades do Céu

Quando recrutadores de firmas visitam possíveis futuros empregados a fim de informá-los com relação à companhia, apresentam uma boa fachada. Pode ser que conquistem o recruta com um jantar caro enquanto pintam um quadro maravilhoso da companhia. A descrição é tão excitante que o recruta mal pode esperar para começar. Contudo, logo depois de contratado, o novo empregado descobre que as coisas não são tão cor-de-rosa quanto originalmente pintadas.

Oferecerá o céu benefícios tão maravilhosos que o recruta mal pode esperar para começar?

Vance Havner, que foi um dos mais citados pregadores de nossa época, disse: "Tenho saudade do céu. É a esperança de morrer que me manteve vivo tanto tempo."[7]

O céu é um lugar maravilhoso e os benefícios para o crente são do outro mundo!

O Outro Lado

Isto não é morte — é glória!
Não é escuridão — é luz!
Não é tropeçar, tatear,
Nem mesmo fé — é enxergar!

Isto não é dor — é ter
Minha última lágrima enxugada;
É sol nascente — é a manhã
De meu dia eternal!
Isto nem mesmo é orar —
É falar face a face;
Ouvir e vislumbrar
As maravilhas de sua graça.
É o fim de implorar
Forças para a dor suportar;
Da dor, nem mesmo a lembrança amarga
Jamais viverá outra vez.

Como pude suportar a vida terrestre
Antes de conhecer este arrebatamento
De encontrar face a face
Aquele que me buscou, me salvou,
E, por sua graça, me guardou![8]

11

Os Benefícios da Morte do Crente

Para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro.

— FILIPENSES 1:21

Uma meninazinha estava caminhando com o pai no campo. Nenhum sinaleiro de gás néon, nenhum farol de carro ou luz de postes desfigurava a quietude da noite clara. Ao fitar o veludo azul escuro do céu, crivado por uma plêiade de diamantes que deixaria a mais cintilante exibição de alguma joalheria famosa no chinelo, ela disse: "Papai, se o avesso do céu é tão lindo, como acha que será o lado direito?"

Algum dia, todos os crentes em Jesus Cristo verão o "lado direito" do céu.

Quando iremos ao céu? Como será ele? O que experimentaremos lá? Tenho-me feito essas perguntas e rebuscado as Escrituras à procura de respostas. Enquanto estamos na terra, duvido que algum de nós mantenha os olhos constantemente fixos na glória por vir; temos responsabilidades dadas por Deus de que temos de nos desincumbir neste exato momento. Contudo, conhecer o nosso destino final deveria tornar a nossa vida diária mais vigorosa, nossos problemas na terra menos aborrecidos.

Quando o apóstolo Paulo disse que "o morrer é lucro" não falava que desejava escapar à existência terrestre. Antes, ele disse: "Para mim, o viver é Cristo", que é a vida em sua

forma mais jubilosa, dependendo do amor e da orientação de Cristo, fortalecido por ele, amando-o e sendo amado por ele. Paulo jamais poderia ser acusado de ser "tão voltado para o céu que se descuidou na terra".

O cristão pode ser cidadão do céu, mas tem obrigações como cidadão da terra. Tanto viver com Cristo quanto ir estar com ele mediante a morte deve ser muito desejável.

Quando Iremos para o Céu?

A passagem do crente ao céu segue rota direta. Assim que morrermos, estaremos com o Senhor. Jesus disse ao ladrão arrependido que estava ao seu lado na cruz: "Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso" (Lucas 23:43). Paulo declarou que tinha "o desejo de partir e estar com Cristo" (Filipenses 1:23). Também afirmou: "Temos, portanto, sempre bom ânimo, sabendo que, enquanto no corpo, estamos ausentes do Senhor; visto que andamos por fé, e não pelo que vemos. Entretanto estamos em plena confiança, preferindo deixar o corpo e habitar com o Senhor" (2 Corintios 5:6-8).

No momento em que respirarmos o último fôlego aqui na terra, respiraremos o primeiro no céu. Estamos ausentes do corpo e imediatamente presentes com o Senhor. Depois, no tempo de Deus, receberemos nossos corpos glorificados na Segunda Vinda de Cristo.

Seremos conhecidos em nossos corpos ressurretos ou celestiais, da mesma forma que Moisés e Elias foram reconhecidos quando apareceram com Jesus no Monte da Transfiguração. Moisés havia estado morto por mais de 1.400 anos e Elias havia sido arrebatado ao céu num redemoinho mais de seis séculos antes de Jesus nascer. Eis o que aconteceu todos esses anos mais tarde: "Seis dias depois, toma Jesus consigo a Pedro e aos irmãos Tiago e João, e os leva, em particular, a um alto monte. E foi transfigurado diante deles; o seu rosto resplandecia como o sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz. E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele. Então disse Pedro a Jesus: Senhor, bom é estarmos aqui; se queres, farei aqui três tendas; uma será tua, outra para Moisés, outra para Elias" (Mateus 17:1-4).

Os discípulos reconheceram a Moisés e a Elias, embora

ainda não tivessem o corpo ressurreto. Isto será explicado mais tarde. Eles tinham corpos reconhecíveis; não eram aparições desencarnadas, fantasmagóricas.

Iremos ao céu imediatamente, e reconheceremos e seremos reconhecidos. Alguns crentes vislumbrarão entes queridos ao se aproximarem dos portais do céu? Creio que seja possível.

Ruth conta uma experiência que teve na China. Na missão onde morava, um dos missionários evangelistas era Ad Talbot, a quem ela carinhosamente chamava Tio Ad. Talbot tinha cinco filhos e uma filha, Margaret Gay, uma menina a quem ele amava profundamente. Pouco depois do falecimento da filha, ele estava no campo com uma cristã que estava morrendo. Quando ele se ajoelhou ao lado da cama da senhora, o rosto da anciã se iluminou e ela disse a Tio Ad: "Estou vendo o céu, e Jesus está à mão direita de Deus, e Margaret Gay está com ele." Naquele momento, o aposento encheu-se de música celestial e a chinesa morreu.

Quando minha avó estava morrendo, sentou-se na cama, sorriu e disse: "Estou vendo Jesus, e sua mão está estendida para mim. E lá está Ben, com os dois olhos e as duas pernas!" Vovô havia perdido uma perna e um olho na batalha de Gettysburg.

A morte tem duas fases. Primeiro, vem a separação entre o corpo e o espírito da pessoa para uma existência puramente espiritual. Segundo, a reunião com o corpo e uma ressurreição gloriosa na Segunda Vinda de Cristo.

Quando nosso corpo deixar de funcionar e estivermos mortos, o espírito do crente não fica adormecido. Nossa carne e ossos e todas as partes complexas e maravilhosas que Deus fez são a habitação para o espírito do crente. Quando deixamos os nossos corpos, partimos a fim de estar com Cristo (Filipenses 1:23), e aguardamos "a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo" (Romanos 8:23). Sim, algum dia nossos corpos serão renovados e transformados, como o corpo ressurreto de Jesus Cristo.

Conta-se a história de uma família missionária que foi forçada a deixar o interior da China quando o inimigo conquistou o país. A cada noite durante sua fuga rumo ao litoral, dormiam na choupana de um vilarejo diferente. Certa noite a esposa do missionário morreu repentina e inesperadamente. Ao

amanhecer, ele teve de explicar o acontecido aos filhos entristecidos.

Nenhum deles consentiu em deixar para trás o corpo da mãe, enterrado em solo estrangeiro. Nunca o missionário orou pedindo tanta sabedoria e as palavras certas como fez aquele dia ao tentar explicar a situação aos filhos.

Ele relembrou-lhes que haviam pousado numa choupana diferente a cada noite, mas quando a manhã chegava e era hora de partir, eles continuavam a jornada, deixando a choupana para trás. Disse aos filhos que o corpo da mãe era a casa na qual ela havia morado. Durante a noite, Deus lhe havia dito que fosse para o lar, e ela fora, deixando a casa para trás.

"Aquela casa era seu corpo, e o amávamos", disse o pai, "mas a mamãe já não vive nele. Por isso a deixaremos aqui e a colocaremos no chão até que o Senhor a apanhe e leve seu corpo para casa a fim de ser glorificado e novamente devolvido ao seu espírito, que está agora com Deus."

Isso resolveu o problema para eles, e partiram da China, certos de que a mãe os precedera na ida para o céu.

Se as duas fases da morte parecem difíceis de compreender, o Dr. H. A. Ironside as explicou usando esta simples ilustração que pode ajudar. Ele notou que certa loja em sua cidade já não abria no horário comercial. Certo dia, ao passar pelo prédio, ele viu um aviso na vitrina que dizia: "Fechado para Reforma". O proprietário havia suspendido suas transações com o público o tempo suficiente para reformar a loja. Após algum tempo, a loja reabriu com muitas mudanças e melhorias. Esse é um quadro da morte do crente. Ele se muda do corpo até que este tenha sido consertado, e depois, na ressurreição, o homem interior se mudará para o corpo renovado.

Nem Todos Morrerão

Muitos crentes irão para o céu antes de passar pela morte física. A Bíblia nos diz que uma geração de crentes jamais verá a morte do corpo. Esse evento milagroso e misterioso é chamado de "Arrebatamento". Sabemos que é um mistério, algo que não foi revelado antes. Paulo fala: "Eis que vos digo um mistério. Nem todos dormiremos, mas transformados seremos todos, num momento, num abrir e fechar de olhos,

ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão, incorruptíveis, e nós seremos transformados" (1 Coríntios 15:51, 52).

Que transformação rápida será essa! Os cientistas nos dizem que o piscar do olho é o movimento mais rápido do corpo humano. Entretanto, no grego, a expressão "abrir e fechar de olhos" significa apenas a metade de uma piscadela; foi essa a expressão que Paulo usou para descrever a transformação.

O que quer dizer isso, que seremos "transformados"? Nossos corpos mortais se tornarão imortais. Isso significa que seremos mudados em aparência, mas não em essência. É por esse motivo que reconheceremos as pessoas que conhecemos na terra.

Quando acontecerão esses grandes eventos? Predições acerca deles e da Segunda Vinda não aconteceram apenas em nossos dias. Hoje temos gente dizendo: "Creio que Jesus voltará antes do final deste século."

Eu não faria predições desse tipo porque elas estão em total desobediência à Palavra de Deus. "Irmãos, relativamente aos tempos e às épocas, não há necessidade de que eu vos escreva; pois vós mesmos estais inteirados com precisão de que o dia do Senhor vem como o ladrão de noite" (1 Tessalonicenses 5:1, 2).

Jesus disse: "Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão somente o Pai" (Mateus 24:36). Ele disse também que deveríamos estar atentos aos sinais do final dos tempos, e não ser apanhados no escuro. Muitas pessoas que crêem na Bíblia e que têm estudado as Escrituras e os sinais de nossos tempos acham que o Arrebatamento pode não estar longe. Certamente, durante os nossos dias estamos vendo uma aceleração dos acontecimentos que Jesus disse que seriam os sinais da sua volta.

Nos últimos anos, tenho falado mais e mais acerca da Segunda Vinda de Cristo, pois esse evento glorioso tem sido negligenciado em muitas de nossas igrejas. E também não posso deixar de ficar entusiasmado quando vejo em toda a minha volta a rapidez com que os sinais anunciados para o final dos tempos parecem estar acontecendo.

Contudo, tento seriamente evitar dois extremos: um é a arrogância de achar que tenho alguma percepção especial acer-

ca do futuro e da vinda de Cristo, mesmo que esse conhecimento pareça estar baseado na Bíblia; o outro extremo é o de ignorar o fato de que Cristo voltará, e eu viver como se sua volta fosse um mito sem significado.

A despeito das guerras, dos crimes, da agonia de muitos que vivem hoje sem liberdade, existe a "bendita esperança" para todos os verdadeiros crentes de que podemos ser arrebatados para nos encontrarmos com Cristo nos ares a qualquer momento (Tito 2:13-15).

O Arrebatamento terá lugar quando Jesus vier buscar seus santos, ou todos os verdadeiros crentes. Esse evento não será visto ou compreendido pelo mundo dos descrentes. Somente os cristãos o verão. Acontecerá rápida e inesperadamente; aqueles que forem deixados para trás ficarão perplexos ao tentar entender o súbito desaparecimento de milhões de pessoas.

Na Segunda Vinda, após o Arrebatamento, *todos* verão a Cristo. Sua volta será pessoal e física. "Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até quantos o traspassaram. E todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele" (Apocalipse 1:7).

A Segunda Vinda de Cristo será súbita. Será tão eletrizante quanto o clarão de um relâmpago repentino. Jesus disse: "Porque assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até no ocidente, assim há de ser a vinda do Filho do homem" (Mateus 24:27).

Cristo virá acompanhado pelos crentes que já morreram, retornando em corpos imortais, glorificados. Quem serão eles? Serão todos os santos do Antigo Testamento ressuscitados, e todos os que se arrependeram de seus pecados e receberam a Cristo pela fé — aqueles que foram salvos depois da Cruz.

Há muitas passagens nas Escrituras que falam da volta de Cristo acompanhado pelas "nuvens do céu". O profeta Daniel predisse: "Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do homem" (Daniel 7:13). Em Hebreus 12:1, os crentes são admoestados a servirem a Deus fielmente porque estamos cercados por uma "nuvem de testemunhas". Zacarias diz que "virá o Senhor meu Deus, e todos os santos com ele" (Zacarias 14:5).

Que futuro excitante para aqueles de nós que sabemos que algum dia povoaremos o reino de Deus.

Vale a Pena Fazer a Viagem?

Muitos cristãos verdadeiros discordam na seqüência dos eventos relacionados à Segunda Vinda de Cristo. Não é meu propósito neste livro oferecer um debate teológico entre os pontos de vista pré-milenista, amilenista e pós-milenista. As questões mais importantes são: Você estará no reino de Deus que está agora sendo preparado para nós? Como será esse reino? E como devemos viver em antecipação do céu?

Viajei pelo mundo todo e já dormi em mais quartos de hotel, passei mais tempo em aviões, e tentei compreender mais menus em línguas estrangeiras do que quero me lembrar. Estâncias com piscinas abertas o ano todo, e casas de praia com vista para o oceano atraem-me de certa forma, mas quanto mais velho fico, mais a noção de boas férias é a de ir para casa, sentar-me na varanda da frente com Ruth num entardecer de primavera, verão ou outono enquanto o Sol se põe, e ouvir os gafanhotos e os ruídos noturnos que começam nessa hora; ou sentar-me numa cadeira preguiçosa com Ruth, diante de um fogo crepitante no inverno, e fitar as montanhas através das janelas.

Sempre achei que teria alguns anos de aposentadoria nos quais poderia passar a maior parte do tempo fazendo essas coisas. Entretanto, para surpresa minha, Deus me deu mais forças para pregar e escrever, e ter na minha idade um ministério que jamais sonhei em ter. Por isso privei-me de muitos dos prazeres da aposentadoria para continuar no ministério. Esse fato torna maior para mim a antecipação do céu.

Deus me chamou muitos anos atrás para ser evangelista, e jamais me arrependi de ter seguido a sua direção. Amo as cruzadas, conhecer pessoas de todos os países e culturas no mundo todo. Minha vida foi abençoada por amigos de todas as terras, e desafios de todos os cantos.

Contudo, não posso deixar de anelar muitas vezes em minhas viagens pela serenidade de nossa casa de toras nas montanhas da Carolina do Norte.

Quando jovens e inquietos pela liberdade, o lar é o lugar do qual desejamos escapar. Mas se ainda houver um lar intacto quando as dificuldades aparecerem e a vida se tornar um campo de batalha, o lar é o lugar para o qual desejamos vol-

tar. Salomão, que foi chamado de Mestre em Eclesiastes, expressou essa tendência humana. Disse ele: "Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os maus dias, e cheguem os anos dos quais dirás: Não tenho neles prazer; antes que se escureçam o sol, a lua e as estrelas do esplendor da tua vida, e tornem a vir as nuvens depois do aguaceiro..." (Eclesiastes 12:1, 2).

Salomão nos diz que quando estivermos curvados pela idade, quando nossos dentes tiverem caído, quando nossa visão e audição começarem a fraquejar, então o homem vai "à casa eterna, e os pranteadores andarão rodeando pela praça" (Eclesiastes 12:5).

Nossos lares temporários podem ser palácios ou choupanas, mas nosso lar celeste eterno será claro e lindo. Como poderia ser de outra forma? O grande Arquiteto e Construtor do Universo planejou uma habitação permanente para seus filhos. A Terra tem a sua beleza, mas o homem arruinou grande parte dela. No céu não haverá necessidade de protetores do meio ambiente trabalhando em prol da melhoria da qualidade do ar e da água, ou censurando a destruição de nosso solo através de loteamentos.

Quando o céu foi revelado ao apóstolo João, ele teve dificuldade em descrevê-lo, e por isso usou a analogia de uma noiva, lindamente ataviada para o noivo. Que descrição apropriada! Minhas três filhas são casadas, e acho-as todas muito lindas, mas nunca foram tão lindas e radiantes quanto no dia dos casamentos!

Com cinco filhos e dezoito netos, fica difícil planejar reuniões da família. Entretanto, gostamos muito de estar juntos e detestamos ter de nos separar. Tenho amigos queridos com quem gosto de conversar horas a fio. Então, olhamos o relógio e nos apressamos para manter compromissos, e às vezes não nos vemos de novo por anos.

No céu já não haverá a tristeza da separação. Para muitas pessoas, a vida na terra perdeu o significado devido ao fato de um ente querido ou amigos íntimos que eram parte vital da vida já não estarem aqui. No céu, estaremos juntos em Cristo. Veremos a mãe ou pai, os filhos, irmãos e irmãs que nos precederam. Teremos uma reunião da família sem igual!

Mesmo quando damos rédeas à imaginação no tocante

às alegrias do céu, descobrimos que nossas mentes são incapazes de conceber como ele realmente será. Somos prisioneiros de nossas limitações terrenas. Anos atrás, Rebecca Ruter Springer escreveu um pequenino livro intitulado *My Dream of Heaven* (Meu Sonho do Céu). Uma de minhas amigas me contou que recebeu um exemplar desse livro após a morte de um ente querido e ele a consolou muito ao descrever as glórias do céu de maneira tão linda que ela pôde apreciar e até antecipar as maravilhas que o seu querido estava gozando. O livro, em gracioso estilo do princípio do século dezenove, era fictício, mas captou as verdades bíblicas com impressões emocionais. Perguntamo-nos, por exemplo, acerca de algumas coisas que amamos aqui na terra. Seremos separados delas no céu? E que dizer de nossos animaizinhos de estimação favoritos? Há lugar para eles? Não sei a resposta exata a essas perguntas, mas confio no amor de meu Senhor. Tudo o que for necessário à nossa felicidade estará lá.

Ao descrever sua jornada *intramuros*, dentro dos portais, a Srª Springer escreveu: "Sabe que acho que uma das mais doces provas que temos do cuidado amoroso do Pai para conosco é o fato de tantas vezes encontrarmos nesta vida as coisas que nos trouxeram tanta felicidade lá embaixo? Quanto mais inesperado isso for, maior felicidade trará. Lembro-me de ter visto certa vez uma linda meninazinha entrar no céu, a primeira de uma família grande e amorosa a chegar. Fiquei sabendo mais tarde que o brado tristonho da mãe fora: 'Oh! se pelo menos ela tivesse alguém que fosse encontrá-la, que cuidasse dela!' Ela veio, amorosamente aninhada nos braços do próprio Mestre, e pouco depois, enquanto ele ainda a acariciava e falava com ela, um gatinho angorá extraordinariamente lindo, o qual a criança havia querido muito bem e que havia ficado doente e morrido algumas semanas antes, para grande tristeza da menina, veio correndo pela grama e pulou diretamente em seus braços, onde deixou-se ficar contente. Tal grito de alegria ecoou quando ela reconheceu seu pequeno favorito, tantos abraços e beijos recebeu aquele gatinho, que causou alegria mesmo no céu!"[1]

Muita imaginação? Por que seria? Se morrer é lucro, conforme disse Paulo, por que não deveríamos gozar mais ainda no céu as coisas que amamos na terra?

Pergunta-se freqüentemente: "Seremos casados no céu?" Os saduceus no tempo de Jesus interrogaram-no a respeito de uma mulher que teve sete maridos. Perguntaram: "Na ressurreição, quando eles ressuscitarem, de qual deles será ela esposa?" Jesus respondeu: "Não provém o vosso erro de não conhecerdes as Escrituras, nem o poder de Deus? Pois quando ressuscitarem de entre os mortos, nem casarão, nem se darão em casamento; porém são como os anjos nos céus" (Marcos 12:23-25).

Alguém pode contrapor: "Mas amo tanto o meu marido (ou esposa). Se conhecemos os nossos queridos no céu, por que não estaremos casados?" Também aqui, há exemplos nos quais a pessoa teve mais de um casamento, como o fez a mulher a quem os saduceus se referiram. Quanto mais medito nas promessas do céu, mais acredito que essas perguntas já não serão relevantes, porque serão respondidas de maneira gloriosa. Confio a Jesus todos os meus amanhãs, sabendo que ele solucionará o mistério da vida além-túmulo.

Novos Corpos em Lugar dos Antigos

Cientistas vêm fazendo incrível progresso ao confeccionar novos braços e pernas para colocar no lugar de membros perdidos, novos olhos para os cegos poderem ver. Transplantes de rins e coração ajudam as pessoas a viverem mais tempo. Mas algum dia, teremos novos corpos, completos e perfeitos. Vivemos hoje num corpo literal, mas um dia, o Senhor Jesus Cristo "transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória" (Filipenses 3:21).

Temos garantia de novos corpos devido ao fato de Jesus Cristo ter ressuscitado do túmulo. O fato central de toda a teologia cristã é que Jesus Cristo reviveu! Nenhuma quantidade de cinismo ou supostos "Tramas da Páscoa" podem eliminar o fato de que Jesus Cristo morreu na cruz e em três dias ressuscitou do túmulo. Ele apareceu aos discípulos em seu corpo pós-ressurreição, atravessou portas que eles, amedrontados, haviam trancado. Tomé, o discípulo, não estava presente, e disse duvidando: "Só acreditarei quando vir as marcas dos cravos em suas mãos e no seu lado." Uma semana depois, Jesus passou pelas portas trancadas novamente e disse a Tomé: "Põe

aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; chega também a tua mão e põe-na no meu lado; não sejas incrédulo mas crente" (João 20:27).

Mais tarde, Jesus participou com seus discípulos de um jantar de peixe ao lado do mar da Galiléia. Ao retornar no corpo ressurreto, ele fez tantas coisas milagrosas que "se todas elas fossem relatadas uma por uma, creio eu que nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos" (João 21:25).

A ressurreição de Jesus Cristo garante que algum dia teremos corpos ressurretos. Ele transformará ou transfigurará nossos corpos, como uma feiosa lagarta é transformada na linda borboleta. Reconhecemos que a magnífica criatura alada é o mesmo ser vivente que o inseto penugento, sendo, contudo, diferente.

A ressurreição é a nossa grande esperança. No que é chamado "o grande capítulo da ressurreição" da Bíblia, 1 Coríntios 15, Paulo escreveu: "Ora, se é corrente pregar-se que Cristo ressuscitou dentre os mortos, como, pois, afirmam alguns dentre vós que não há ressurreição de mortos? E, se não há ressurreição de mortos, então Cristo não ressuscitou. E se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação e vã a vossa fé... Mas de fato Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo ele as primícias dos que dormem" (1 Coríntios 15:12-14, 20).

Os cristãos de Corinto não duvidavam que Cristo tivesse ressuscitado, mas evidentemente não criam que outros que já tinham morrido viveriam outra vez. Contudo, Paulo pinta um quadro sombrio do que seria a vida sem a crença na ressurreição. Ele disse que toda a pregação seria vã, a fé nada valeria, e toda a crença cristã seria falsa.

Kenneth Chafin escreveu em seu comentário sobre as epístolas aos coríntios: "Lembro-me de ter ouvido alguém dizer certa vez que mesmo que Cristo não tivesse ressuscitado dos mortos, ele achava que continuaria a viver a vida cristã porque 'ainda seria a melhor maneira de se viver'. Mas pergunto-me se ele não disse aquilo por não poder conceber o que seria viver num mundo sem a esperança da ressurreição."[2]

Um Corpo Sobre-humano

Que tipo de corpo terá o crente ressurreto? É-nos difícil imaginar como a pessoa será em algo que não seja o corpo físico. Podemos visualizar um corpo terrestre diferente, e é o que muita gente faz. Algumas mulheres colocam fotos de estrelas cinematográficas ou modelos na porta da geladeira para se lembrarem do corpo que gostariam de ter. Os homens se imaginam como atletas, ou talvez como "Rambo", invencíveis em sua capacidade física. Mas pouquíssimas pessoas há no mundo inteiro com o que poderia ser chamado de "corpo ideal". E, contudo, algum dia é o que teremos. Paulo nos dá uma descrição bem feita de como será esse corpo.

Primeiro, o corpo ressurreto é comparado a uma semente plantada no chão, produzindo uma planta ou uma flor. Qualquer pessoa que já tenha plantado uma horta sabe quão milagroso é ver um enorme tomateiro, com flores amarelas que se transformarão em enormes tomates, crescer de uma pequenina semente. A semente e a planta são a vida contínua de uma única entidade, da mesma forma que nosso corpo físico, plantado em morte, terá a mesma individualidade do nosso corpo ressurreto. Seremos reconhecidos como nós mesmos, não uma versão genética sem etiqueta distinta.

"Semeia-se em desonra, ressuscita em glória. Semeia-se em fraqueza, ressuscita em poder" (1 Coríntios 15:42b-43). O corpo que jaz no túmulo foi negligenciado. Pode ter ficado desgastado pela idade, danificado por moléstia, ou quebrado por acidente, mas na ressurreição esse corpo será ressuscitado em glória! Estará livre de todas as enfermidades. Joni Eareckson Tada jogará fora a sua cadeira de rodas. O Dr. Bob Pierce estará livre do câncer. Helen Keller verá e ouvirá e falará. Os que foram queimados ou mutilados nas guerras estarão perfeitos. Os idosos serão jovens vigorosos.

Em nosso corpo ressurreto não conheceremos nenhuma fraqueza física. As limitações impostas sobre nós aqui na terra não são conhecidas no céu. Receberemos uma habitação de Deus que é incorruptível, imortal e poderosa.

"Semeia-se em fraqueza, ressuscita em poder. Semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual" (1 Corintios 15:43, 44).

Esse versículo faz-me achar graça quando me vejo hoje

e penso que algum dia serei como o Super-Homem, sem a capa e as meias vermelhas. Entretanto, apesar dessa perspectiva emocionante, desejo manter este corpo que tenho agora em tão boa forma quanto possível para o trabalho que o Senhor tem para eu fazer enquanto ainda estou na terra.

"Porque é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista da imortalidade. E quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? onde está, ó morte, o teu aguilhão? O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Graças a Deus que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo.

Portanto, meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis, e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão" (1 Coríntios 15:53-58).

Que promessa! Cristo vive. Nós viveremos. Ele tem um corpo glorioso, ressurreto, e nós também teremos! É assim que o cristão pode viver e morrer com esperança. A morte foi tragada pela vitória.

Além do Belo Corpo

Há outras coisas na morte do cristão além dos benefícios de um belo corpo. Algumas pessoas dão tanta ênfase ao cuidado e alimentação deste abrigo temporário que os problemas avassaladores de um mundo doente recebem pouca ou nenhuma atenção. Não temos um paraíso na Terra, pois ela está crivada de pecado e enfermidade.

O primeiro grande benefício que a morte traz ao cristão é a permanente libertação do mal. Quando Paulo falou em seu desejo de "partir e estar com Cristo" (Filipenses 1:23), estava transmitindo a idéia de deixar algo para trás permanentemente. Tudo que não é útil fica — todas as dores, os cuidados e a angústia do mundo. Crime, drogas, guerra, ódio, fome, todos os horrores da desumanidade do homem para com o homem serão cancelados de nossa existência celestial.

Quando João recebeu a revelação e teve vislumbre da Ci-

dade Santa, a Nova Jerusalém, disse: "Nunca mais haverá qualquer maldição" (Apocalipse 22:3).

Liberdade! Os homens a buscaram e morreram por ela, mas jamais a conseguirão a menos que conheçam a Jesus Cristo. A mensagem da antiga canção dos vaqueiros "Não me Cerceie" será uma realidade eterna.

O segundo benefício que a morte trará aos crentes é o fato de que seremos como Jesus. João escreve: "Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque havemos de vê-lo como ele é" (1 João 3:2).

Nossa imaginação é tão afetada. Até a idéia de ser como Jesus é de tirar a respiração. Seremos como ele em justiça. Nossa antiga natureza pecaminosa será esquecida, apagada para sempre de nossa lembrança.

Seremos como ele no conhecimento. Temos o Espírito Santo para nos guiar em nossa compreensão da Palavra de Deus aqui na terra, mas nossa "compreensão" é sempre limitada e misturada com erros. Lutamos para compreender as Escrituras, mas às vezes, mesmo grandes estudiosos bíblicos divergem na interpretação exata de certas passagens. Contudo, tudo o que nos deixou perplexos nesta vida será esclarecido. Todos os nossos "por quês" serão respondidos.

Você tem muitas perguntas sem respostas hoje? Nossos QIs no céu ultrapassarão em muito os dos maiores gênios da terra.

Também seremos como Jesus no amor. Hoje, estamos muito centralizados sobre nós mesmos, mas a diretriz da nossa morte diz que herdaremos o amor altruísta, auto-sacrificial de Jesus Cristo. Podemos achar difícil amar a todas as pessoas da terra, mas no céu o amor será dado livremente e livremente recebido.

Assim, o benefício supremo, o que ultrapassa a todos os outros, é o de que estaremos com Jesus Cristo. Anelo vê-lo face a face, ouvir a sua voz, tocá-lo. Quando eu for ter com ele, não haverá desejos não realizados nem desapontamentos. Ele me receberá em sua mansão, responderá às minhas perguntas e me ensinará a sabedoria dos tempos.

Quando o encontrarmos, o que sucederá? Ele ficará contente ao nos ver?

Preciso perguntar-me: "Billy Graham, está preparado para encontrar o Senhor a qualquer momento?" Sim, estou — não por ter pregado ou tentado ajudar as pessoas, mas unicamente por confiar em Cristo como meu Salvador e Senhor.

Pare agora mesmo e pergunte-se a mesma coisa.

12

Antes da Minha Morte

Porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo.

— 2 CORÍNTIOS 5:10

Nos últimos dias antes de o cristão ir estar com o Senhor, Satanás tentará roubar-lhe a paz. A fraqueza causada por enfermidade ou pela dor, a confusão da mente, podem fazer com que mesmo o maior dos santos tenha momentos de dúvida.

Antes de um dos maiores teólogos e professores de Bíblia dos Estados Unidos falecer, ele me chamou freqüentemente buscando a garantia de sua salvação eterna. A princípio, não compreendi como esse homem de Deus, professor da Palavra, podia estar preocupado com questões acerca do seu valor. Contudo, descobri que o problema não é incomum, e os entes queridos devem-se colocar à disposição para oferecer ajuda e esperança sem provocar um senso de culpa.

Poucas mulheres de nossa geração tiveram maior influência no mundo do que Corrie ten Boom. Sua biografia diz: "A testemunha cristã defronta-se com sua verdadeira prova nas horas de sofrimento. O pastor Chuck Mylander visitou-a freqüentemente após o primeiro derrame que a paralisou, e apenas uma vez a viu preocupada com suas próprias necessidades. Como é muito comum no caso de vítimas de derrame, uma onda de dúvida acerca da presença do Senhor perto dela submergiu-a. Pam Rosewell explicou que Corrie não podia comunicar-

se de todo, e enquanto o pastor questionava a anciã, lágrimas escorriam por suas faces enrugadas.

"O pastor Mylander tomou sua Bíblia e leu Mateus 28, onde Jesus disse: 'Eis que estou convosco todos os dias, até a consumação do século.' Ele relembrou-a de que essa promessa era para aqueles que se haviam dado no cumprimento da Grande Comissão, como ela havia tão fielmente feito. Seu rosto animou-se enquanto ela começou a falar com grande confiança: 'Sempre, sempre, sempre.'"[1]

Quando os momentos finais chegarem, o poder de Deus vencerá e o crente gozará o conforto de seus braços amorosos.

Sinalização para Uma Partida Tranqüila

Herbert Lockyer conta que encontrou uma obra antiga chamada *The Book of the Craft of Dying* (O Livro da Arte de Morrer). O autor desconhecido desse antigo tratado discutiu as cinco principais tentações que confrontam o crente. Traduzindo-as em vernáculo moderno, elas merecem ser examinadas.

1. *A fé precisa ser mantida.* É isso que tantas pessoas buscam, quando a dúvida anuvia a mente ao aproximar-se a última hora. Não parece importar por quanto tempo o cristão tenha andado no caminho da fé. Como aconteceu com Corrie, o questionamento às vezes surge. Somos todos como crianças que precisamos constantemente ouvir dizer que somos amados.

2. *O desespero precisa ser evitado.* Outra artimanha do diabo é trazer de volta pecados antigos e fazê-los desfilar diante da mente do cristão. Fomos perdoados, e não há necessidade de trazer o passado para fora e revisá-lo morbidamente. "Por meio de seu nome, todo o que nele crê recebe remissão de pecados" (Atos 10:43).

3. *A impaciência deve ser evitada.* Quando chega a velhice, enfermidade ou acidente, devemos esperar o fim com paciência. O Dr. Bob Pierce, fundador da Visão Mundial e da Bolsa do Samaritano, um ministério que meu filho Franklin continuou, estava nas últimas horas de vida, sofrendo de leucemia. Em sua última carta, ele escreveu: "Estou agora vivendo totalmente em "Espaço de Deus". Nenhuma habilidade humana conhecida pode prolongar-me mais a vida e estou vivendo e trabalhando gloriosamente nesse espaço, alcançando além do má-

ximo que o homem e a ciência podem fazer. É nesta área que começam os milagres. Se as maiores habilidades humanas e o gênio podem realizar isso, Deus não é necessário e não é milagre. Os milagres apenas começam no ponto logo adiante do último alcançe da ingenuidade humana e possibilidade de realização. Esse é o Espaço de Deus!"

O Dr. Bob foi paciente, mas esperançoso até o fim.

4. *A complacência não deve imperar.* Quando Satanás não consegue abalar a fé do crente, nem levá-lo ao desespero ou à impaciência, ele pode tentá-lo através do orgulho espiritual. "Vejam quanta coisa boa tenho feito, quanto tenho trabalhado para o Senhor", pode ele gabar-se. As Escrituras nos ensinam que pela graça somos salvos, mediante a fé, que é dom de Deus, a fim de que ninguém se glorie (Efésios 2:9).

5. *O temporal não deve dominar.* Posso compreender este mais do que qualquer um dos outros. Somos todos tão possuídos por nossos bens e absorvidos em nossas obrigações terrenas que colocamos nossas mentes em coisas temporais e passageiras, em vez de dedicarmo-nos inteiramente a Deus.[2]

Pode ser que não nos defrontemos com nenhuma dessas tentações, mas se isso acontecer, precisamos nos lembrar do que a Bíblia diz: "Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel, e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar" (1 Corintios 10:13).

Últimas Palavras de Santos

Há um hino antigo que diz:

> Ensina-me a viver de forma que tema
> A tumba tão pouco quanto o leito;
> Ensina-me a morrer, de forma que possa
> Erguer-me glorioso no Dia do Juízo.

Muitas vezes as palavras finais de crentes foram registradas por membros da família e biógrafos. Essas expressões de fé e confiança ilustram o grandioso poder de Deus na hora em que os recursos humanos foram esgotados.

No século dezesseis houve um sangrento expurgo de cristãos na Escócia, que morreram por sua fé. Milhares de ministros e leigos sofreram por Cristo. Muitos foram enforcados no patíbulo ou mortos a sangue frio. Alguns desses crentes suportaram a tortura de serem queimados vivos ou decapitados. As últimas palavras desses heróis e mártires provam a veracidade da promessa que Cristo fez aos discípulos. Ele os advertiu: "Eis que vos envio como ovelhas para o meio de lobos... por minha causa sereis levados à presença de governadores e de reis, para lhes servir de testemunho, a eles e aos gentios" (Mateus 10:16-18).

Em sua hora final de agonia, homens e mulheres que sofreram e morreram por Cristo receberam palavras para dizer e coragem para morrer.

Patrick Hamilton era um jovem escocês, de vinte e quatro anos de idade, quando foi condenado e sentenciado à morte. Levado às pressas ao poste, quando o fogo já ardia, ele despiu as roupas de cima e as entregou ao seu servo, dizendo: "Elas não me adiantarão no fogo, mas tu podes aproveitá-las." Um dos perseguidores de Hamilton insultou-o a fim de que negasse a Deus, mas ele respondeu: "Homem ímpio! Sabes que não sou culpado, e que é pela verdade de Deus que agora sofro."

Quando o fogo ardia, o jovem mártir bradou: "Até quando, ó Senhor, as trevas imperarão nesta esfera? Até quando sofrerás esta tirania do homem?" Quando estava sendo consumido pelas chamas, ele orou como o Estêvão bíblico: "Senhor Jesus, recebe o meu espírito."[3]

Donald Cargill foi um astro brilhante na história das perseguições escocesas. Ele foi condenado pelo governo como "um dos pregadores mais sediciosos e conspirador infame e fanático", e sentenciado à forca. Quando chegou ao patíbulo, Cargill disse estas palavras comoventes, embora dissessem que os tambores ruflaram numa tentativa de encobrir a sua voz:

> Agora estou próximo de receber minha coroa, que será garantida; pois louvo ao Senhor, e desejo que todos vocês o louvem por ter-me trazido aqui, e me fazer triunfar sobre os demônios, e os homens, e o pecado... eles já não me ferirão. Perdôo a todos os homens o mal que me fizeram, e peço que o Senhor possa perdoar a todos os males que os eleitos tenham cometido contra ele. Oro para que os sofredores possam ser afastados

do pecado, e ajudados a conhecer seu dever... adeus leituras, pregações, orações e fé, perambulações, censuras e sofrimentos. Benvindo gozo inefável e cheio de glória.[4]

Quando Martinho Lutero estava morrendo, repetiu três vezes: "Nas tuas mãos entrego o meu espírito! Tu me remiste, ó Deus da Verdade."

A despedida de John Milton foi: "A morte é a grande chave que abre o palácio da eternidade."

Lew Wallace, autor de *Ben Hur*, teve uma frase da oração do Senhor nos lábios: "Seja feita a tua vontade."

Em seu testamento, Shakespeare disse: "Entrego minha alma nas mãos de Deus meu Criador, esperando e crendo com segurança, mediante os méritos de Jesus Cristo meu Salvador, que serei feito participante da vida eterna; e meu corpo à terra, da qual foi feito."

As últimas palavras de Miquelângelo aos que rodeavam sua cama foram: "Por toda a vida, lembrem-se dos sofrimentos de Jesus."[5]

Não sei se sofreremos pela causa de Cristo. Mas por todo o mundo hoje há pessoas que estão suportando crueldade e perseguição pela fé cristã. Precisamos orar por eles, e por nós mesmos, para que na hora da morte Deus nos dê a graça de suportarmos até o fim, antecipando a certeza da sua glória por vir.

Temos de Prestar Contas

Antes de morrermos, duas questões básicas precisam ser solucionadas. A primeira é: "Estou pronto?" Você já confessou seu pecado e pediu a Jesus Cristo que entre em seu coração, para tomar posse de sua vida? Milhões de cristãos em todo o mundo têm a certeza de que "Se com a tua boca confessares a Jesus como Senhor, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo" (Romanos 10:9).

Mas a vida cristã não pára aí! A próxima questão básica é "Como viveremos então?" Isso quer dizer, antes de morrer, que serviço prestará a Deus e ao homem? Está investindo a sua vida nas coisas que permanecerão na eternidade? "É por isso que também nos esforçamos, quer presentes, quer ausen-

tes, para lhe ser agradáveis. Porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo" (2 Coríntios 5:9-10).

A Bíblia diz que teremos de prestar contas algum dia (1 Pedro 4:5). Estaremos diante do tribunal de Cristo. Naquele dia, o que tivermos feito na terra terá passado. Nossas oportunidades de falar ao próximo sobre o amor de Cristo, de dar para as missões, de ajudar a evangelizar, terão cessado. Oportunidades de partilhar nossos bens terrenos com os famintos terão passado. Quaisquer dons que tivermos recebido nada valerão se os tivermos armazenado na terra.

O Teste Final

Quando construímos uma casa, colocamos primeiro o fundamento. A seguir, escolhemos o material para as paredes, pisos e teto. Alguns prédios são construídos para logo se tornarem obsoletos. De longe, podem parecer vistosos e modernos, mas não passam no teste do tempo.

O crente tem esse fundamento em Jesus Cristo. Agora devemos construir sobre esse fundamento, e o trabalho que fizermos precisa passar pelo teste final; os exames finais vêm diante do Tribunal de Cristo quando receberemos nossos galardões.

Paulo explicou esse processo de construção ao dizer:

> Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo. Contudo, se o que alguém edifica sobre o fundamento é ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha, manifesta se tornará a obra de cada um; pois o dia a demonstrará, porque está sendo revelada pelo fogo; e qual seja a obra de cada um o próprio fogo o provará. Se permanecer a obra de alguém que sobre o fundamento edificou, esse receberá galardão; se a obra de alguém se queimar, sofrerá ele dano; mas esse mesmo será salvo, todavia como que através do fogo (1 Coríntios 3:11-15).

Seremos julgados segundo os motivos secretos e o caráter de nossa obra. Se tivermos trabalhado por motivos egoístas ou ganho pessoal, mesmo que os resultados tenham parecido nobres à nossa família e amigos, Deus conhece o nosso coração.

Também seremos julgados segundo nossa capacidade. Alguns cristãos são capazes de fazer mais do que outros, física, financeira ou intelectualmente. A avozinha que vive de pequena pensão mas ensina fielmente ao netinho versículos da Bíblia não será julgada por dar pouca coisa para as missões da mesma forma que o casal do mundo dos negócios com dois salários, vivendo em uma casa que está além de suas posses. O casal aposentado que conta a oferta todos os domingos, jamais divulgando a quantia que qualquer membro da congregação contribui, não será testado da mesma forma que o milionário que deseja uma inscrição no vitral para que todos saibam quem o doou.

Os testes mais severos serão dados aos pastores e mestres pela forma como trataram a Palavra de Deus. Não haverá recompensa por desencaminhar as pessoas em estilo de vida ou em doutrina através de ensinamento falso.

É a palavra grega *bema* que é usada para se referir ao Tribunal de Cristo. É essa a palavra que identifica o lugar do juiz na arena dos jogos olímpicos. O *bema* era o lugar no qual o juiz se assentava, não para punir os participantes, mas para apresentar prêmios aos vencedores. Quando os cristãos se postarem diante do *bema* de Cristo, será com a finalidade de serem recompensados segundo as suas obras.

Quando Cristo voltar, cada cristão se postará diante do *bema*, não como espectador, mas como aqueles que serão julgados. A Bíblia não diz onde esse julgamento terá lugar, e a logística de milhões de santos em pé lá ultrapassa a compreensão. Mas uma coisa é certa: devemos todos comparecer.

O tribunal de Cristo será a cerimônia de formatura, ocasião essa em que cada crente receberá recompensa por suas obras. O Novo Testamento ensina que essas recompensas são chamadas "coroas".

Certamente ficaremos surpresos ao observar quem recebe as coroas, e quem não as recebe. O mais humilde servo pode cintilar com mais jóias do que o filantropo que doou bens à igreja e cujo nome está gravado numa placa.

Todos nós desejamos apreciação, que nem sempre recebemos dos que nos rodeiam; contudo, temos a garantia de que Jesus conhece as intenções de nossos corações e o que fazemos em segredo. "Portanto, meus amados irmãos, sede firmes, ina-

baláveis, e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão" (1 Coríntios 15:58).

Cinco Minutos após Eu Chegar ao Céu

Minha esposa guardou um artigo da revista *Moody Monthly*, publicado há mais de trinta anos. Quando ela mo deu, eu estava trabalhando neste livro e fiquei maravilhado com a maneira pela qual o Senhor nos traz informação no momento certo.

No começo do livro, citei o comentário do meu sogro: "Somente aqueles que estão preparados para morrer estão realmente preparados para viver." Quero saber como viver a fim de poder aprender a morrer. Os exames finais podem, na realidade, ser amanhã.

CINCO MINUTOS APÓS ...

Pode ser um momento, ou após meses de espera, mas logo estarei diante do meu Senhor. Então, num instante todas as coisas serão vistas por nova perspectiva.

De repente, as coisas que achei serem importantes — as tarefas de amanhã, os planos para o jantar na minha igreja, meu sucesso ou fracasso em agradar aos que me cercam — essas coisas não terão a menor importância. E as coisas às quais dei pouca atenção — falar de Cristo ao vizinho, o momento (como foi breve) de fervente prece pela obra do Senhor em terras distantes, a confissão e o abandono daquele pecado secreto — se erguerão como reais e duradouras.

Cinco minutos após eu chegar ao céu, serei dominado pelas verdades que conhecia mas de alguma forma nunca apreendera. Perceberei então que é o que sou em Cristo que vem em primeiro lugar com Deus, e que quando minha posição nele está certa, faço coisas que o agradam.

Perceberei que não foi apenas quanto dei que importou, mas como dei — e quanto deixei de dar.

No céu, desejarei de todo o coração poder ter de novo um milésimo do tempo que deixei escapar-me entre os dedos, poder retirar todas aquelas incontáveis conversas que poderiam ter glorificado meu Senhor — mas não o fizeram.

Cinco minutos após chegar ao céu, creio que desejarei de todo o coração ter levantado mais fielmente para ler a Palavra

de Deus e esperar nele em oração — que pudesse tê-lo conhecido enquanto ainda estava na terra da forma como ele desejava que eu o conhecesse.

Milhares de pensamentos me pressionarão, e embora desarmado pela graça que me admite ao lar celestial, questionarei a vida errante que levei na terra. Desejarei... se alguém puder desejar no céu — mas será tarde demais.

O céu é real e o inferno é real, e a eternidade está a um fôlego de distância. Logo estaremos na presença do Senhor a quem dizemos servir. Por que viveríamos como se a salvação fosse apenas um sonho — como se não soubéssemos?

"Àquele que sabe fazer o bem, e não o faz, a ele é pecado."

Contudo pode haver um pouquinho de tempo. Um novo ano desponta diante de nós. Que Deus nos ajude a viver agora à luz de um amanhã verdadeiro![6]

Olhando para o Lar

Não tenho medo da morte, pois sei que o gozo do céu me espera. Meu maior desejo é o de viver hoje em antecipação do amanhã e estar pronto a ser recebido no lar celeste por toda a eternidade. Você estará fazendo a jornada comigo?

Uma Palavra Final

Por todo este livro estivemos a encarar honestamente a realidade da morte e como devemos tratá-la. Vimos também as maravilhosas promessas de Deus com relação à vida eterna, e a glória que aguarda a cada crente no outro lado da morte, no céu.

Talvez, entretanto, ao ler este livro você tenha tido de enfrentar o fato de que não está preparado para morrer. Não tem certeza de que irá ao céu quando morrer, e não tem garantia de que Deus está com você neste exato momento em que enfrenta enfermidade e sofrimento. Jamais experimentou a paz e a segurança que vêm de um relacionamento pessoal com ele.

Não há questão mais urgente e crítica na vida do que a do seu relacionamento pessoal com Deus e sua salvação eterna. Mas pode saber — realmente saber — que irá ao céu quando morrer? Sim, pode saber, e convido-o a fazer essa descoberta hoje.

O que precisa fazer? Primeiro, precisa reconhecer que é pecador ou pecadora e se arrepender dos seus pecados. Como vimos neste livro, há apenas uma coisa que manterá a pessoa fora do céu, e é o seu pecado. A Bíblia diz: "Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus (Romanos 3:23). Deus é puro e santo, e não temos o direito de entrar na sua presença

por sermos pecadores. Não importa quão bons sejamos, jamais seremos bons o suficiente para ir ao céu por nosso próprio mérito porque o padrão de Deus é a perfeição. Precisamos nos arrepender — voltar as costas ao pecado.

Segundo, você precisa confiar somente em Cristo para a sua salvação. Cristo fez por nós o que jamais poderíamos fazer por nós mesmos. Ele foi sem pecado — mas tomou sobre si o seu pecado e o meu quando morreu sobre a cruz. Merecemos apenas o julgamento de Deus, mas Cristo de boa vontade sofreu o julgamento e a morte que merecíamos. Ele morreu em seu lugar, porque o ama. E agora Deus lhe oferece perdão e salvação com dom gratuito. "Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus nosso Senhor" (Romanos 6:23).

Como pode receber a Cristo pessoalmente e tomar a decisão de segui-lo? A Bíblia diz: "Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; a saber: aos que crêem no seu nome" (João 1:12). Observe nesse versículo que devemos "crer" e "receber" a Cristo. Devemos *crer* que ele morreu na cruz por nós e ressuscitou dentre os mortos para que pudéssemos ser salvos, e devemos *recebê-lo* pessoalmente em nossos corações. Deus fez tudo que é necessário para tornar possível a nossa salvação — mas (como qualquer outro presente) precisamos recebê-la.

Neste momento, convido-o a orar a oração que vimos pessoas no mundo inteiro orarem, pedindo a Cristo que as perdoe e convidando-o a entrar em seus corações como Salvador e Senhor. Fará sinceramente esta oração agora?

"Ó Deus, sei que sou pecador e que preciso do seu perdão. Creio que o Senhor morreu por meus pecados. Desejo dar as costas aos meus pecados. Convido-o agora a entrar no meu coração e na minha vida. Desejo confiar no Senhor como Salvador e segui-lo como Senhor, na comunhão da sua igreja. Em nome de Cristo, Amém."

Se tiver convidado Cristo a entrar em seu coração e entregue sua vida a ele, então Deus o perdoou e o adotou em sua família. Mais do que isso, ele prometeu salvá-lo e levá-lo ao seu reino celestial para sempre — e Deus não pode mentir. "E o testemunho é este, que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no seu Filho. Aquele que tem o Filho tem a vida; aque-

le que não tem o Filho de Deus não tem a vida. Estas cousas vos escrevi a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus" (1 João 5:11-13).

Possa Deus abençoá-lo ao dedicar sua vida a Cristo e ao segui-lo todos os dias. E quando enfrentar aquele dia no futuro em que Deus o chamará para estar consigo para sempre no céu, possa você dizer com o apóstolo Paulo: "Porque sei em quem tenho crido, e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia" (2 Timóteo 1:12).

— BILLY GRAHAM

Notas Bibliográficas

Capítulo 1

1. Revista *Time*, 22 de setembro de 1986.
2. Mencken, H. L., *A New Dictionary of Quotations* (Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1966), p. 260.

Capítulo 2

1. Aries, Phillippe, *Western Attitudes toward Death: From the Middle Ages to the Present* (Baltimore e Londres: Johns Hopkins University Press, 1974), p. 9.
2. Ibid., p. 13.
3. Aries, Phillippe, *The Hour of Our Death* (Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1981).
4. Ibid.
5. Gallup, George, Jr., com William Proctor, *Adventures in Immortality* (Nova Iorque: McGraw-Hill, 1982), pp. 185-190.
6. Ibid., p. 75.
7. MacArthur, Jack, *Exploring in the Next World* (Minneapolis, Minn.: Dimensions Books, 1967), p. 91.
8. Mencken, H. L., *A New Dictionary of Quotations* (Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1966), p. 548.
9. Dempsey, David, *The Way We Die* (Nova Iorque: McGraw-Hill, 1977), p.17.
10. Bane, J. Donald, Kutscher, Austin H., Neal, Robert E. and Reeves, Robert, Jr., Editores, *Death and Ministry* (Nova Iorque: Seabury Press, 1975), p. 151.
11. Ibid., p. 150.

Capítulo 3

1. Dempsey, David, *The Way We Die* (Nova Iorque: McGraw-Hill, 1977), p. 67.
2. Ibid., p. 53.
3. Ibid., p. 76.
4. *Los Angeles Times*, 29 de setembro de 1986.

Capítulo 4

1. American Tract Society, Box 191, Lake Grove, L. I., 1110.
2. Baily, Joseph, "When a Child Dies", *Family Life Today*, março de 1976.
3. Rogers, Dale Evans, *Angel Unaware* (Old Tappan, N. J.: Spire Books, Fleming H. Revell, 1963), p. 9.
4. *Los Angeles Times*, 3 de fevereiro de 1986, parte IV.
5. Marshall, Eric, e Hample, Stuart, *Children's Letters to God* (Nova Iorque: Simon & Schuster, 1966).
6. Krementz, Jill, *How It Feels When a Parent Dies* (Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1981).
7. Simpson, Michael A., *The Facts of Death* (Englewood Cliffs, N. J.: Prentice-Hall, Inc., 1979), p. 184.
8. Lewis, C. S., *O Problema do Sofrimento* (São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1986), p. 67.

Capítulo 5

1. Lockyer, Herbert, *Last Words of Saints and Sinners* (Grand Rapids: Kregerl Publications, 1969), p. 65.
2. *Reader's Digest*, novembro de 1986, p. 203.
3. Kopp, Ruth, *When Someone You Love Is Dying* (Grand Rapids: Zondervan, 1980), p. 20.
4. Ibid., p. 44.
5. Lockyer, Herbert, *All the Promises of the Bible* (Grand Rapids: Zondervan, 1962), p. 200.
6. Barfield, Velma, *Woman on Death Row* (Nashville: Oliver-Nelson Books, 1985), p. 141.
7. Kübler-Ross, Elisabeth, *Therapeutic Grand Rounds*, Número 36 de 10 de julho de 1972.

Capítulo 6

1. *Time*, 6 de outubro de 1986, p. 35.
2. Relatório do Comitê sobre Bioética, 25 de setembro de 1986.
3. Comitê NCCB de Atividades em Prol da Vida, junho de 1986.
4. Ibid.
5. *Christian Medical Society Journal*, verão de 1986, p. 17.
6. *Santa Monica Evening Outlook*, 14 de maio de 1986.
7. Barnard, Dr. Christiaan, *Good Life, Good Death* (Englewood Cliffs, N. J.: Prentice-Hall, Inc., 1981), p. 15.
8. Barnard, op. cit., p. 66.
9. Alexander, L., "Medical Science Under Dictatorship", *New England Journal of Medicine*, 1949; 241:39-47.
10. "The Physician's Responsibility toward Hopelessly Ill Patients." *New England Journal of Medicine*, 1984; 310:955-959.
11. *Newsweek*, 7 de fevereiro de 1983, p. 13.
12. *Time*, 7 de julho de 1980.

13. Sherrill, John, *Mother's Song* (Lincoln, Va.: Chosen Books, 1982), pp. 132, 133, 144.
14. Graham, Ruth Bell, *Sitting by My Laughing Fire* (Waco, Tex.: Word Books, 1977), p. 178.

Capítulo 7

1. Schaeffer, Edith, *Christianity Today*, 6 de março de 1987, p. 20.
2. Shneidman, Edwin, *Voices of Death* (New York: Harper and Row, 1980), p. 138.
3. Ibid., p. 135.
4. Ibid., p. 137.
5. Tournier, Paul, *The Adventure of Living* (Nova Iorque: Harper and Row, 1965), pp. 104, 105.
6. *Christianity Today*, 6 de março de 1987, p. 185.
7. Will, George, *Newsweek*, 9 de janeiro de 1978.
8. Ibid.
9. Tournier, op. cit., p. 104.
10. Richards, Larry/Johnson, Paul, M. D., *Death and the Caring Community* (Portland, Ore.: Multnomah Press, 1980), p. 158.

Capítulo 8

1. Vanauken, Sheldon, *A Severe Mercy* (Nova Iorque: Harper and Row, 1980), p. 180.
2. Westberg, Granger, *Good Grief* (Philadelphia: Fortress Press, 1962), p. 324.
3. Manning, Doug, *Comforting Those Who Grieve* (Nova Iorque: Harper and Row, 1985), p. 71.
4. Graham, Morrow, *They Call Me Mother Graham* (Old Tappan, N. J.: Fleming H. Revell, 1977), p. 28.
5. Ibid., p. 31.
6. Ibid.

Capítulo 9

1. Pollock, John, *Billy Graham* (Grand Rapids: Zondervan Publishing Co., 1966), p. 173.
2. Boletim da Faculdade Wheaton, nov., 1966.
3. Pollock, John, *Billy Graham* (Nova Iorque: Harper and Row, 1979, Edição Especial da Cruzada), pp. 170-171.
4. Mensagem radiofônica pelo Dr. James T. Jeremiah, Faculdade Cedarville, 11 de dezembro de 1972.
5. Sanderson, Jim, *Los Angeles Times*, 5 de março de 1986.
6. Lockyer, Herbert, *Last Words of Saints and Sinners* (Grand Rapids: Kregel Publications, 1969), p. 114.

Capítulo 10

1. Encyclopedia Americana, Vol. 14 (Danbury, Conn.: Grolier, Inc., 1986), p. 68.
2. Mencken, H. L., *A New Dictionary of Quotations* (Nova Iorque, Alfred A. Knopf, 1966), p. 527.
3. Yancey, Philip, "Heaven Can't Wait", *Christianity Today*, 7 de setembro de 1984.
4. Ibid.
5. Kole, André, "To Be Continued", *Worldwide Challenge*, abril de 1977, p. 27.
6. *Guidesposts*, fevereiro de 1987, p. 27.
7. *Christianity Today*, 7 de novembro de 1986.
8. Nicholson, Martha Snell, *Christian Medical Society Journal*, Vol. X, Número 1, inverno de 1979.

Capítulo 11

1. Springer, Rebecca Ruter, *My Dream of Heaven* (Forest Grove, Ore.: Book Searchers), p. 42.
2. *The Communicator's Commentary*, Vol. 7 (Waco, Tex.: Word Books, 1985), p. 184.

Capítulo 12

1. Carlson, Carole, *Corrie, Her Life and Her Faith* (Old Tappan, N. J.: Fleming H. Revell, 1983), p. 217.
2. Lockyer, Herbert, *Last Words of Saints and Sinners* (Grand Rapids: Kregel Publications, 1969), pp. 220, 221.
3. Ibid., p. 185.
4. Ibid., p. 196.
5. Ibid., pp. 73, 105, 109, 110, 125.
6. *Moody Monthly*, janeiro de 1952.

Prezado leitor,

Sua opinião acerca deste livro é muito importante. Escreva-nos. Peça também nosso catálogo. Você o receberá gratuitamente. Nosso endereço:

EDITORA MUNDO CRISTÃO
Caixa Postal 21.257, 04698 — São Paulo, SP
— Os editores

Nas suas grandes campanhas evangelísticas, o Dr. Billy Graham ensina as multidões como é possível obter, através de um relacionamento com Jesus Cristo, *a vida eterna*. Agora, pela primeira vez em forma de livro, ele desvia a sua atenção para tratar de um assunto sombrio e devastador: a morte. Entre os vários assuntos que o Dr. Graham abrange estão os seguintes:

- A certeza da morte: como enfrentá-la diretamente para acabar com os temores neuróticos.
- Como enfrentar a morte de filhos.
- Como enfrentar o sofrimento, e caminhar com outros através do vale da sombra da morte.
- Aonde vamos quando morremos?
- Promessas que nos capacitam a morrer com esperança.
- Como o terror natural da morte pode ser transformado em aceitação mediante fé em Cristo.

"Não podemos começar a compreender o enigma da morte sem a orientação da Palavra de Deus", conclui o Dr. Graham. "Fora da Bíblia, a morte permanecerá para sempre um fantasma desconhecido, à espreita dos indefesos seres humanos." Ele ilustra o ensinamento bíblico com comoventes experiências pessoais diante da morte em sua própria família, bem como através de histórias tiradas de suas inúmeras viagens ao redor do mundo.

O Dr. Billy Graham é o evangelista cristão mais renomado em todo o mundo, tendo proclamado o evangelho de Cristo a muitos milhões de pessoas. É autor de diversos livros sobre a vida cristã e as doutrinas bíblicas.

MC
EDITORA MUNDO CRISTÃO